ANNO II — Coimbra, 11 de dezembro de 1893 — N.º 146

O Defensor do Povo

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Falta de organisação republicana

(SEUS DEPLORAVEIS EFFEITOS)

Não podia ser outra a resposta do Governo de Portugal ao *ultimatum* de lord Salisbury, senão a que deixámos indicada.

Para a tornar valiosa e effectiva; dar-lhe a solemnidade e importancia diplomatica que a gravidade do caso imperiosamente exigia, e sanccional-a perante a Nação, como deveria proceder um governo illustrado e energico, levando até ao fim, com sériedade e firmeza, o cumprimento da sua austera e indeclinavel missão constitucional?

Faria immediatamente convocar e reunir em congresso nacional extraordinario as duas camaras.

Convidaria para essa reunião solemne o corpo diplomatico, os representantes das nações estrangeiras, que em aquelle momento estivessem na capital, envidando esforços para que nem um só faltasse, sem exceptuar o ministro inglez e toda a legação britannica.

E ahi, no seio da representação nacional, na presença dos representantes das nações estrangeiras, com a assistencia dos delegados de todas as associações e corporações do Estado que podessem alli ir, fazendo a guarda de honra ao **Soberano Congresso** toda a guarnição militar de Lisboa,—exporia, nobre e tranquillamente, a extranha occorrencia, o feio e extraordinario caso; e ouviria, firme no seu posto de honra, sem fazer proposta nem emittir parecer, a deliberação, o *veredictum* da soberania nacional, para a executar, e, resoluto e corajoso, a enviar como resposta ao governo da Grã-Bretanha. Assim faria comprehender e verificar, por esta fórma levantada e digna, com denodo e hombridade tão propria de antigos e heroicos portuguezes, — que Portugal, embora paiz pequeno e falto de recursos, é, e tem a consciencia de ser, como a Inglaterra, nação independente e livre;—que as suas possessões ultramarinas, parte integrante do seu territorio nacional legitimamente adquirida, são o melhor e mais valioso titulo da sua gloria e benemerencia perante o mundo e nas paginas da historia, e não podem estar sugeitas ás extorsões e á rapina de quaesquer aventureiros piratas.

*

Esta seria a unica resposta.

Seria esta a verdadeira desaffronta.

Esta a solução, que um governo digno, previdente, sabio e corajoso acharia de momento para conjurar a tempestade e afastar os perigos presentes e futuros...

Ministros que tivessem a comprehensão dos seus deveres, prezassem, como todo o homem de bem deve prezar a sua honra, e cumprissem, como todo o homem deve cumprir honradamente a missão que lhe incumbe, não podiam proceder por outra fórma, e nunca fugir em vergonhosa retirada, fugir covardemente e atirar para a lama as suas pastas, atirando ao mesmo tempo com ellas as suas responsabilidades.

Era esta a solução. Não podia ser outra a resposta; fossem quaes fossem as consequencias. Embora as esquadras inglezas entrassem nas aguas crystallinas do nosso formoso Tejo, e bombardeassem Lisboa, e sob suas ruinas ficasse sepultada a Nação Portugueza.

Poderiam esmagar-nos, destruir as nossas cidades, conquistar o nosso sólo; não conseguiriam, porém, humilhar-nos nem apagar na historia o brilho proprio e offuscador do glorioso nome portuguez.

*

Temos, porém, fundados motivos, não só para acreditar, mas para nos convencer de que o governo da Inglaterra, diante de tão justa, briosa e nobilissima resposta, cairia em si; comprehenderia a ignominiosa baixeza do seu *ultimatum;* mediria todo o alcance da sua affrontosa e espoliadora exigencia, e... recuaria no seu proposito nefando.

Ella que logo tremeu, e vacillou; porque o honrado commercio portuguez, esquecendo em um impeto de sincero patriotismo os seus interesses, renunciando a quaesquer lucros e vantagens, ameaçára o collosso britannico de cortar inteiramente com a Inglaterra as suas relações commerciaes e não mais lhe comprar um ceitil nos seus vastos emporios e opulentos mercados em todo o mundo!

Nem isto desgraçadamente se fez, e vingou; com quanto fosse tiro certeiro, golpe doloroso e profundo, vibrado sobre o que ella, a Inglaterra, mais ama e sobretudo preza — o seu intransigente e sordido egoismo mercantil!

*

Os republicanos, officialmente alheios ao governo de Portugal, não podiam então, como não poderiam tambem agora, fazer isto nem proceder por esta fórma.

Poderiam, todavia, se estivessem organisados, actuar sobre o espirito publico, fazer penetrar na opinião e na consciencia populares esta solução, communicar á vontade nacional força e energia bastantes para compellir o governo a acceital-a, e a seguil-a com promptidão e inquebrantavel perseverança.

*

Havia de mais a mais um ponto grave a considerar em tudo isto, o qual de nenhum modo devia escapar á previsão dos republicanos.

Estabelecida que seja a Republica em Portugal, collocada a Nação Portugueza sob a direcção, influencia e garantia dos principios, leis e instituições do systema republicano, Portugal, a Nação Portugueza não poderá, nem deverá cortar relações com a Inglaterra, nem renunciar, por motivos de resentimento ou como desforço, a qualquer alliança que lhe convenha fazer com aquella potencia industrial e maritima; porque taes relações e alliança lhe podem, e devem porventura ser necessarias; precisa d'ellas, e ha de precisar sempre para prover ás condições da sua vida economica e desenvolvimento commercial, no continente e principalmente no ultramar, onde tem de co-existir e cooperar com ella, em uma larga esphera de acção e influencia civilisadoras; precisa d'ellas para a boa politica e administração das suas vastas e importantissimas colonias.

O que a Republica Portugueza poderá, e deverá fazer é arrancar, pelo menos afastar, quanto lhe seja possivel, essas relações e alliança do campo da exploração absorvente e da tutela degradante, em que sempre e principalmente depois da *Restauração* as collocaram a *politica dynastica* dos Braganças e dos seus governos e os *tratados leoninos*, que no interesse da monarchia, as têm sanccionado; trazel-as para o campo e dominio do respeito e da justiça, que as nações, grandes ou pequenas, reciprocamente se devem umas ás outras, como é proprio da dignidade, dos interesses e da honra de um Povo livre e independente, chegado á sua maioridade historica, emancipado pelo grau de sua cultura e civilisação.

Quando dizemos *alliança*, nem por sombras nos referimos a allianças de caracter *politico:* porque a Republica não precisa d'ellas; não tem que amparar thronos vacilantes, nem rivalidades dynasticas que defender e garantir.

Se as allianças com o Brazil, com a Hespanha e com a França nos são, sob muitos pontos de vista, valiosas, não menos o serão com a Inglaterra sob o ponto de vista restricto que deixamos indicado— o ponto de vista economico e colonial, commercial e maritimo.

EMYGDIO GARCIA.

POLITICA INTERNA

SUMMARIO: — Duas perolas de inestimavel preço — A dissolução e o Regulamento da contribuição industrial.

Com duas brilhantes *joias* officiaes appareceu *enfeitado* o *Diario do Governo*, no dia 9 do corrente.

São, em verdade, duas *joias* de inestimavel preço!

Uma fabricada pelo sr. ministro do reino, affeiçoada em conselho de ministros, polida em conselho d'Estado, e que el-rei tomou para si com o generoso e nobilissimo intuito de a offerecer, como *presente* do Natal, á sua *querida* Nação que o *adora*, e elle tanto e sobre todas as coisas *ama e preza*. — E' o **decreto pelo qual são dissolvidas a camara dos srs. deputados e a parte electiva da camara dos dignos pares do reino**, com manifesta violação do § 4.º do artigo 74.º da Carta Constitucional de 29 de abril de 1826.

A outra é da lavra do sr. ministro da fazenda, o *socialista-collectivista* Fuschini, auxiliado pelos dignissimos e sapientissimos economistas, financeiros-móres d'estes reinos, Carrilho e Madeira Pinto.

Esta preciosidade destina-a sua magestade el-rei para, muito a seu contento e rasgo da sua magnanima liberalidade, *mimosear* o commercio e as industrias nacionaes, e especialmente as Associações Commercial e dos Lojistas de Lisboa, na esperança de que, profundamente reconhecidos por tão assignalado rasgo da regia munificencia, aquellas associações se ponham em campo na refrega eleitoral contra os republicanos, escolham, e façam eleger na capital, deputados sahidos das suas respectivas classes, que sirvam com inteira lealdade o *seu* governo e a causa, os interesses da monarchia, sériamente compromettidos e ameaçados nos tempos que vão correndo. — E' o **Regulamento da contribuição industrial**, para a boa, efficaz e *venturosa* execução da famosa e *patriotica* lei, que augmenta, exaggerada e abusivamente, as *taxas*, e faz transferencias de *classe*, accumula aggravamentos insupportaveis, multiplica e sancciona vexames revoltantes, concebida, feita e acabada de molde para esmagar as nossas industrias e mais atormentar os desgraçados contribuintes, já a braços com enormes difficuldades, rodeados de afflictivas inquietações.

Assim fica desmentida a sciencia que a todos ensina e demonstra — que da pobreza economica de um paiz não pode resultar a prosperidade financeira do Estado.

Por esta lei e por tal *regulamento* ficam revogadas, pelo menos suspensas, as garantias estabelecidas nos §§ 15, 21 e 23 do art. 145 da mesma *Carta*, e tambem a maior parte do que dispõem os artt. 12 e 13 do *Acto addicional* á mesma *Carta*.

Não falta ao menos a coherencia e boa harmonia.

A um acto do poder pessoal e absoluto do rei segue-se immediatamente um acto illegal e abusivo do *seu* ministro; ao despotismo politico do monarcha, a tyrannia fiscal e espoliadora do *seu* governo.

A uma arbitrariedade politica da corôa junta-se, na mesma data, a mais cruel e espoliadora tyrannia fiscal dos seus ministros.

×

Que lhes faça muito bom proveito.

Lembrem-se, todavia, que quem semeia ventos, colhe tempestades. *Qien todo lo quiere todo lo pierde.*

Para o rei não ha responsabilidade legal, graças ao art. 72 da Carta Constitucional, que declara a sua pessoa «inviolavel e sagrada.» Pesa, porém, sobre elle uma tremenda «responsabilidade moral» que a Nação poderá um dia liquidar.

Quanto aos ministros do rei são elles responsaveis *«pela falta de observancia das leis e por abuso do poder»* como prescreve o art. 103 da Carta, que no presente caso teria plena execução, se aquelle artigo tivesse, como já tem a nova lei de contribuição industrial, o respectivo regulamento, nos termos e pela fórma indicada no art. 104 da nossa Lei fundamental.

Um dos direitos comprehendidos na soberania nacional é o direito de *insurreição*, aquelle direito originario em virtude do qual o **Povo** póde e deve, resistir aos attentados d'um governo, que offende as leis, abusa do seu poder, e calca os direitos do cidadão e do Estado, violando-os.

E' este um direito essencial, «o mais sagrado, o mais indispensavel» como o qualificou, em 1789, o art. 35 da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, já anteriormente reconhecido e sanccionado pela *Carta Magna* da Inglaterra e pela antiga legislação hespanhola, que transparece em muitas das disposições das nossas Leis fundamentaes.

Se estas expressamente o não declaram e formulam, existe virtualmente e inteiramente contido no seu largo espirito de liberdade e justiça, como ultima razão e supremo esforço da soberania social, esforço ao qual os povos têm recorrido, e podem recorrer, sem que seja necessario que as suas leis e constituições lh'o permittam.

Cartas de Lisboa

Dezembro 9

Está finalmente decretada a dissolução da camara dos deputados e da parte electiva da camara dos pares!

Triumphou o governo, ou antes o sr. João Franco.

A victoria não foi das mais brilhantes; porque depois de toda a galopinagem do sr. Hintze a dissolução foi resolvida por um voto de maioria apenas; além d'isso todos os conselheiros que votaram essa extraordinaria violencia declararam que o faziam constrangidos, obrigados.

O sr. conde de Ficalho chegou mesmo a dizer coisas asperas ácerca do caso. Todavia votou pela dissolução.

Apenas o sr. Hintze e Antonio de Serpa se pronunciaram a favor desassombradamente, sem rebuços.

Como sabem o presidente do conselho baseou o seu pedido na falta de confiança que tinha nas actuaes camaras para lhe approvarem certas leis que tenciona apresentar ao parlamento.

E' extraordinaria esta explicação, e leva-nos a crer que as *taes* leis são de *tal* quilate que só deputados eleitos por obra e graça do governo e sahidos da copa do chapeu do sr. João Franco as poderão approvar.

Sim, porque se ellas fossem boas, satisfizessem os interesses e as necessidades do paiz, haviam de se impôr pela sua alta importancia a qualquer camara por mais heterogenea que fosse.

Porque os senhores deputados não vão ou não devem ir ao parlamento se não para approvar leis que interessem ao paiz e regeitar aquellas que o podem prejudicar.

Se o sr. Hintze não confiava nas côrtes dissolvidas, é porque tambem não acredita que as suas leis se imponham á consideração dos representantes da nação!

Emfim que os illustres deputados e pares *dissolvidos* se conformem com a negra sorte que o sr. Hintze e João Franco, ministros *dissolventes* lhes propocionaram, e vão-se chegando até aos seus circulos ou até á Arcada para tratarem das suas novas eleições.

O que é realmente lamentavel é a maneira fria como a monstruosa decisão do conselho d'Estado tem sido apreciada.

A propria imprensa republicana mal se tem occupado d'esta inqualificavel violencia.

O *Seculo* é que tem publicado uma série d'artigos sobre o assumpto.

Ora não basta só a companha d'este collega que pelo seu feitio brando e moderado pouco impressiona as manas populares.

A *Vanguarda*, que pela sua orientação mais radical, podia com vanta-

gem e proveito para o nosso partido, tratar da questão, limitou-se a dar a noticia pura e simples, da decisão do conselho, e não disse nem mais palavra!

A *Folha do Povo* tratou do caso nos *Ridiculos*.

Dos jornaes monarchicos, como era de esperar, os das opposição atacam o decreto, e os da maioria... calam-se.

O *Illustrado* é que se sahiu com esta explicação que só podia sahir da cabeça do Sergio:

«El-rei é liberrimo na attribuição que lhe é concedida pelo § 4.º do art. 73 da Carta Constitucional, e as palavras restrictivas — *nos casos em que o exigir a salvação do estado* — desde que não são taxativas as respectivas condições, é do criterio do imperante consideral-as.»

*

Como sabem as novas côrtes são convocadas para 7 de março, e as eleições devem realisar-se logo depois do Carnaval.

Carlos Calixto.

Sciencias, Lettras & Artes

FRAGMENTO

a Fernandes Costa

.....
Vae cerrando o vento sul
O reposteiro das nuvens
Por sobre o salão do azul
Pintado a tintas de Rubens

Produz-se um recolhimento
Do bem estar contrafeito:
As nuvens do firmamento
Passaram no nosso peito...

— Ha uma intima união
Uma profunda alliança
Entre o nosso coração
E o ceu — arco de bonança!

Por isso, se a luz é intensa,
Nossa alma foge para o ar
E d'aureos clarões suspensa
Fica a sorrir e a cantar!

Mas se passa nuvem negra
Por sobre a concha azulada
A nossa alma não se alegra,
Fica tão triste — coitada!

Tão triste como uma mãe
Que dos olhos de seu filho
Vê fugir o ardente brilho
Em que a vida se contem...

*

Pesa a nota melancolica
— Erato colhe alguns goivos
Numa tristeza bucolica...

— Ao fundo passaram dois noivos.

Que contraste singular!
— Nos seus corações em flor
Não ha nuvens de pezar
Aquece-os o sol do amor.

Jámais a noite nublada
Ensombra aquelle viver:
— Sempre intermina a alvorada,
E constante o rosicler!

Noivos!
Canto de ternura
Do livro do eterno ideal
Onde se espelha a ventura
Como em limpido crystal...

Noivos!
Hymno d'esperança,
Tão sereno, tão suave,
Como um riso de creança
Ou como o gorgeio d'ave...

Noivos!
São dois navegantes
D'esta vida — o immenso mar,
Num navio de diamantes
Com vélas d'oiro e luar!...

Que vida placida e calma
Sem o menor escarceu!
— Quem traz o azul dentro alma
Que lhe importa o azul do ceu?

*

Qual raio, passa espumando
Um cavallo a toda a brida
— As musas fogem gritando,
Falstaff ri da partida.

Melpomene jura ser
O Pegaso. — E' discutido
Esse caso; eis, a corrér,
Chega Apollo esbaforido

Todos pedem que se explique;
Apollo o caso relata:
— «Um joven nephelibata
Muito loiro e muito chic

Montou o nobre animal;
Mas... pobre d'elle!... em má hora
Pousou a pua da espora
Naquelle flanco immortal!

O corcel, sob a esporada,
Cheio de brio e coragem,
Partiu logo á desfilada,
Como uma flecha selvagem!

E ao vencer, num pulo extenso,
Num salto rude e ligeiro,
A barreira do Bom-Senso
...Foi a terra o cavalleiro!

Vamos indo; foi feliz...
— Apezar do grande tombo
Só arranhou o nariz,
E amolgou um pouco o lombo.

Falstaff diz-nos com ar
D'entendido e de pimpão:
— «Toda a gente quer montar
Sem saber equitação!...»

*

Eis o ceu côr de saphira!
Vamos! Rojem-se de rastros...
Erato — desprende a lyra
E canta-me o rei dos astros!

Ah! Que limpido arrebol!
Viva Deus! O azul reluz!
Explodiu de novo o sol
Como uma bomba de luz!

Como bomba fulminante,
De raios causticos, fundos,
Lançada por mão gigante
Sobre o exercito dos mundos...

Dir-se-ha que todo o universo,
Com formidavel estoiro,
Vae rebentar, voar disperso
Em mil estilhaços d'oiro!

AUGUSTO DE MESQUITA.

Interesses e noticias locaes

A politica na administração municipal

Ha muito tempo que não se falla em iniciativa e emprehendimentos municipaes.

Não consta que o senado conimbricense pense, ou trate de realisar qualquer melhoramento de utilidade para o concelho, cujos interesses estão confiados á sua direcção e gerencia.

Talvez o facto possa explicar-se pela espectativa de uma proxima campanha eleitoral.

Campanhas são essas nas quaes os municipios ficam sempre victimados, os srs. presidente e vereadores *botam* figura, e os influentes e magnates da terra fazem gancho, e pescam nas aguas turbas, melhor diriamos nas aguas sujas de uma politica miseravel de intrigas partidarias e ambições pessoaes; sim, porque, em verdade, o cisco e o lodo que levantam as refregas eleitoraes, começando por *turbar* as consciencias, acabam por *sujar* a dignidade, a honra e a boa reputação dos homens e das corporações que entram na *dança obscena* dos partidos politicos, ou d'ella se approximam, e lhe sacrificam os interesses publicos confiados á sua guarda e protecção, e por vezes, os seus proprios interesses particulares.

*

A verdade é que a iniciativa e acção da camara municipal d'este concelho e cidade de Coimbra se não tem manifestado em cousa alguma digna de mencionar-se.

Dizem uns que é falta de ideias; opinam outros que é por carencia de recursos; e, finalmente, alguns são de parecer que o presidente e vereadores, seus auxiliares, estão á espera de ver onde param as boias da politica partidaria, na grande pescaria eleitoral que se annuncia, e para a qual aprestam barcos, e preparam redes as *companhas* regeneradoras e progressistas.

*

Nós fazemos justiça aos srs. vereadores.

Nenhum d'elles tem qualidades e feitio para mandão politico; só por graçejo poderia attribuir-se a qualquer d'elles tão extraordinaria aspiração.

Demais, todos elles sabem, ou devem saber, que a politica partidaria, introduzida na Camara Municipal, bem como na Santa Casa de Coimbra, foi sempre um desastre para o municipio e uma calamidade para o nosso primeiro e mais importante estabelecimento de piedade e beneficencia.

Sugeitar a gerencia e administração municipal ás exigencias, caprichos, corrupções e immoralidades da politica partidaria, installar nos paços do concelho uma agencia de negocios e transacções eleitoraes, mandem regeneradores, governem progressistas, impere qualquer sugeito com pretensões a chefe politico de um grupo de dissidentes, de amigalhotes, foi sempre funesto e desastroso ao bem estar e prosperidade d'este concelho, quasi sempre, sempre explorado, sempre desattendido e ludibriado pela politica pessoal e facciosa dos *presidentes* mandões, ou se digam regeneradores, ou progressistas, ou amigos do sr. José Dias, ou d'outro qualquer *figurão*.

Sobre o assumpto havemos de conversar um dia, e demoradamente, com os srs. actuaes vereadores, chamando particularmente á *conversa* o seu digno presidente.

Fiquem desde já prevenidos, e contem com um animado, instructivo e aprazivel *cavaco*.

Não faltaremos, por dever de officio e tambem de caridade.

Ao nosso conceituado collega do *Seculo* agradecemos as seguintes palavras com que se refere ao nosso jornal, mais pela justiça que ellas traduzem ao nosso respeitavel director politico, sr. dr. Emygdio Garcia, do que pela parte que nos diz respeito: — «O *Defensor do Povo* tem publicado uma serie de artigos politicos, de elevado alcance estatistico e scientifico, firmados pelo nome do talentoso professor, dr. Manoel Emygdio Garcia. Estes escriptos têem grangeado um grande prestigio a esse bi-semanario democratico. O sr. dr. Manoel Nunes Geraldes, lente da cadeira de economia politica da faculdade de Direito, referiu-se hontem na sua prelecção, com muito louvor, a esses trabalhos.»

Parece estar assente e resolvido que aos alumnos que frequentam as officinas da Escóla Brotero seja concedida uma gratificação, a fim de mais facilmente se assegurar uma frequencia permanente.

A remuneração concedida ao aprendiz é não só um estimulo ao estudo, mas um beneficio ás familias dos pequenos operarios, que não poderiam, sem enorme sacrificio, dispensar a pequena féria que elles ganham nas officinas particulares.

O sr. ministro das obras publicas procedeu bem e é mais um bom serviço prestado á instrucção das classes operarias.

Já por varias vezes nos temos referido ao projecto de se construir nesta cidade um novo theatro com todas as condições de segurança e hygiene e cuja planta obedeça ás exigencias da arte moderna.

Pensámos logo no principio, pois conhecemos bem o nosso meio, que essa ideia havia de ser difficil de se insinuar no animo e confiança dos capitalistas locaes — que têm um justificado receio de auxiliar novas emprezas, quando estas não garantam um lucro certo.

Sabemos que esse motivo de duvida desappareceu, por completo, ante uma proposta que julgamos ir contribuir poderosamente para que esse melhoramento local tenha immediata realisação.

Referimo-nos á offerta, que vae ser dirigida á commissão installadora, de 5 % annuaes sobre o capital, pelo arrendamento do futuro theatro e suas dependencias.

Hontem, seriam 11 horas da manhã, muita gente parava na rua do Visconde da Luz, e muitos garotos, em grande galhofa, berravam, arremettendo para um cão que se contorcia nas ancias da morte, dando pulos horriveis, que provocavam a alegria do rapazio. E ao fundo da rua do Corpo Deus, o policia alli de serviço, ria-se das judiarias dos garotos!

Já aqui pedimos ao sr. commissario ordenasse que o serviço da extincção dos cães vadios, não fosse feito de dia, mas nada conseguimos.

S. ex.ª não nos quer ouvir e os seus subordinados continuam no bestial serviço, sem vislumbres de moralidade, dando-nos em pleno dia o repugnante espectaculo de vermos a arrastar-se pelas lamas das ruas, em medonhas contracções, cães envenenados, perseguidos ainda pelos garotos que lhes batem.

Isto além de immoral e infame, é perverso.

Na ultima sessão da camara municipal foi votada por unanimidade que á rua n.º 8 da quinta de Santa Cruz fosse dado o nome de — *rua do dr. Lourenço Azevedo*.

Em redor d'este caso, que nada significa, um jornal da terra borda umas louvaminhices dizendo que fôra «*aquelle grande cidadão, que fez para o municipio a acquisição da grandiosa quinta!!...*» etc.

Como devemos dar a Cesar o que a Cesar pertence, cumpre-nos observar ao estimado collega que a acquisição da quinta de Santa Cruz se deve á camara presidida pelo sr. dr. Souto Rodrigues.

E como isto é apenas uma remomoriação de factos, onde a critica não deve metter o bedelho, ficamos por aqui, deixando o collega e a camara consolados pela consagração ao morto.

Foram concorrentes aos tres partidos medicos d'este concelho, os seguintes senhores:

Herminio Soares Machado, de Figueira de Castello Rodrigo, para o partido de Eiras. — Jacintho de Freitas Morna, da ilha da Madeira, para o de Taveiro. — Alfredo de Freitas, de Aljuster, para o de Eiras. — Antonio Augusto Cortezão, de S. João do Campo, para o partido de S. João do Campo. — Formados na Universidade.

Francisco Maria da Cunha, de Villela, para o partido de Eiras. — Manoel dos Santos Carvalho Junior, de Villa da Feira, para o de S. João do Campo. — Formados na escola do Porto.

E a camara municipal quer fazer passar a creação d'estes partidos com um grande serviço prestado ao concelho.

Ha quem diga — á politica.

Em vista do mau tempo não se poude realisar o passeio velocipedico que o Gymnasio de Coimbra projectava para hontem.

Como no proximo domingo é o dia das corridas de velocipedes cujo programma já démos, é possivel que o passeio á Louzã fique transferido para domingo, 24 do corrente.

Nos ultimos dias teem apparecido nesta cidade alguns cães hydrophobos, tendo mesmo corrido grave risco um estudante, que com difficuldade escapou á terrivel dentada de um.

Urge que a camara municipal ponha em pratica os meios mais efficazes de evitar esse perigo; e para isso, cremos que o melhor seria adoptar o systema, segundo em Lisboa e Porto, estabelecendo a detenção provisoria por meio de rede, dos cães vadios ou não registados.

Esperamos providencias.

Está a findar o prazo para a cobrança voluntaria da contribuição braçal. Paga-se na thesouraria da camara, todos os dias não sanctificados, das 9 horas da manhã, ás 3 da tarde.

Que os contribuintes se previnam a fim de evitar o pagamento de custas e sellos se deixarem de pagar nesta epocha.

O Mondego, é um bi-semanario independente litterario e noticioso, que se publica nesta cidade ás quintas feiras e domingos.

Traz o retrato do sr. bispo conde e promette dar outros dos homens mais importantes na politica, religião, sciencias e artes.

Vamos pagar-lhe a visita desejando-lhe todas as prosperidades.

Dizem-nos que a policia trabalha a fim de averiguar sobre o caso a que nos referimos da canalisação do gaz, no theatro-circo.

Veremos se fica esquecido como ficou o crime de fogo posto numa casa junta ao largo do Romal.

Antonio Joaquim é um pobre diabo sem domicilio, acrescendo ser natural do Roxo. Esta circumstancia de ser do *Roxo* é uma attracção que o prejudica, porque se embebeda e o *roxo* leva-o a dizer obscenidades e a praticar indecencias; talqualmente como José dos Santos, que sem ser do *roxo*, é um apaixonado por o liquido d'essa côr que lhe dá voltas ao miolo fazendo d'elle um vivo Diabo.

E a policia, sempre solicita, lá os gasofilou apêzar dos muitos esforços dos presos que não queriam ver cortada a liberdade que se concede aos que não são bebedos, nem malcreados.

A zelosa direcção do Gremio Operario decidiu offerecer aos seus socios e familia, uma *soirée*, que se realisará em 31 do corrente, e alguns socios, amadores dramaticos, estão ensaiando comedias, que representarão na mesma noite no pequeno theatro que o Gremio possue.

Como sempre, as festas nesta agremiação são animadas, graças aos esforços dos seus dirigentes que primam em proporcionar aos seus consocios noites de agradavel diversão.

Está em Coimbra o sr. Antonio Augusto Pires, de Gouvêa, redactor do *Herminio*. Vem de visita a esta cidade, onde conta sinceros amigos e muitos correligionarios. Cumprimentamol-o.

Noticias diversas

Continuam os jornaes estrangeiros na difamação contra o nosso paiz.

Por causa do decreto que nomeou a commissão administradora da Companhia real, o *Economiste Français* traz entre outras coisas, que fazem córar de vergonha todo o portuguez honesto e patriota, uma carta de Monpallier na qual lembra iniciar uma grande petição em toda a França para solicitar do governo e das camaras simultaneamente, protecção contra «o cynismo d'esses piratas...», etc., etc.

Trememos de vergonha ao ler estas coisas e as *amabilidades* do afamado economista M. Paul Leroy Beauliue. Não se lançam insultos assim á face de um povo que vive explorado por esses bandos de syndi-

cateiros á sombra da fórma monarchica, que nos empobrecem e nos arruinam material e moralmente.

E são os francezes que nos offendem! Os francezes que melhor de que outro paiz sabem as causas do nosso estado de decadencia!...

Na India Ingleza, durante o anno de 1892, as serpentes e cobras venenosas mataram com as suas mordeduras 19:025 individuos.

Os tigres e outros animaes ferozes mataram 2:963 pessoas.

As serpentes, cobras venenosas e animaes daminhos: mataram durante o mesmo anno 81:688 cabeças de gado.

Durante o mesmo periodo mataram-se em todo o imperio indiano 15:988 animaes malfazejos, o que custou ao governo 107:994 rupias, e 84:789 serpentes, cuja destruição custou 9:741 rupias.

Cartas de Coimbra

A proposito da «Reacção»

(CONTINUAÇÃO)

Agora contra o que eu protesto é contra a estupida insinuação de que, para a melhor exposição das minhas ideias, não me servisse, a primor, a linguagem de que usei e que no artigo vem classificada de *crença religiosa* (oh céus!) e de *unto afradalhado* (Manes de Lamenais que escreveste as *Paroles d'un croyant:* Manes de Herculano que escreveste a *Voz do propheta:* certo que estremecestes no vosso pó, Manes de Lamenais e Manes de Herculano!)

Protesto: mas justifico o meu protesto.

Copio de Guyau:

«Un rythme élémentaire et antique, portant sur la pensée même comme sur les mots, c'est le parallélisme de la poésie hébraique. On le retrouve encore parfois dans l'Évangile. Ce rythme s'est introduit dans notre prose et il lui donne souvent une énergie particulière. On pourrait relever aussi plus d'une analogie entre le balancement si caractérisé du style hébraïque et le balancement des périodes de prose contemporaine. Flaubert, qui rythmait sa prose comme des vers, aboutit très souvent à des sortes de versets; de même pour les plus remarquables de nos prosateurs actuels. On trouverait déjà chez Pascal, Bossuet, Rousseau, des effets analogues.»

Cita depois, exemplificando, trechos de Pascal, onde o *parallellismo biblico é sensivel;* de Bossuet que *falla naturalmente a linguagem da Biblia;* de Rousseau que é *um Jeremias orgulhoso e um Isaias fanfarrão;* de Chateaubriand; de Hugo; de Flaubert, na *Salammbô.*

E conclue:

«Notre langue contemporaine n'a pris son éclat qu'en passant par la flamme des poètes. Un fait qu'on peut constater, et dont la signification est considérable, c'est que notre prose française devient de plus en plus poétique. C'est donc une même loi d'évolution qui rend aujourd'hui notre prose tantôt scientifique, tantôt poétique; c'est la recherche de l'expression intellectuelle ou sympathique qui nous fait traduire le plus fidèlement possible tantôt l'idée abstraite et tantôt le sentiment, tantôt les systématisations de pensée et tantôt les systématisations d'émotion.»

Era pois, a linguagem que usei a linguagem d'um poeta, cuja alma anceia por vibrar, como um sino em alleluias, ao *Gloria-in-excelsis-Deo* da Missa do Futuro.—a Missa Nova que já Anthero do Quental prognosticava:

O Povo ha de fazer-se, então, bispo e levita;
E será *missa nova* a missa que disser:
E ha de achar ao sermão por thema o que medita
Hoje confuso e está na mente a revolver.

E houve quem classificasse o meu estylo de *afradalhado!...*

Teria razão, creio que Stendhal, quando definiu a Opinião-Publica: —uma esphynge... com cabeça de burro?!...

Mas, sobretudo, contra o que eu protesto, e com todas as véras da minha alma, é contra a classificação de má companhia, dada aos meus amigos.

Fausto Guedes Teixeira é, como coração, o melhor amigo que me foi dado encontrar até hoje; e estou convictissimo de que o continuará sendo, até que um de nós, num abraço d'alma, se despeça do outro, despedindo-se da vida; como espirito, é um talento com o qual poucos dos que ora cultivam a poesia poderão hombrear; excedêl-o, dos Velhos, alguns; dos Novos (e, quando digo Novos, refiro-me a todos os que ora começamos, a todos os que somos moços...) dos Novos, nenhum.

Não é dever de Amisade: é dever de Justiça.

Limito-me, por hoje, a affirmal-o, porque a proxima publicação do seu Livro me vae offerecer melhor ensejo para demonstral-o.

Alberto Pinheiro é, como estudante, a quem a Universidade tem conferido gloriosos diplomas, gloriosos mais ainda, porque merecidos—um espirito apaixonado pelo estudo, devorado sempre pela sêde de saber; como amigo, um exemplo a seguir em extremos de delicadeza e em primôres de lealdade; como estylista, uma alma cheia de requintes de sensibilidade morbida por vezes, é certo, como a de todos nós os que sentimos, porque herdamos de nossos Paes uns nervos extenuados, mas da qual, como a um *abre-te-cesamo*, a sua penna vae arrancar joias do mais subido quilate: no *frisson* da Paixão, periodos d'um encanto adoravel: — lagrimas crystalisadas em perolas; soluços rythmados em canticos.

Gustavo Santiago é, como rapaz, um bom companheiro, cheio de enthusiasmo e d'energia (e não digo mais porque o nosso convivio é de ha pouco tempo); como poeta é um artista de vigoroso pulso; parnasiano como Luiz Guimarães, o admiravel poeta dos *Sonetos e Rimas;* isto é, sabendo, como elle, perfumar d'essencia d'alma, o prodigioso lavor dos seus versos perfeitos.

Taes os meus companheiros; se não fossemos uma *tavola-redonda*, não fôra eu, por certo, o superior; por assim serem me uni a elles.

Não — *por represalias* — como diz o artigo

Represalias? de quem? porque?

Quiz-se insinuar que entrei para a *Reacção* a fim de tirar desforra d'um individuo que, com menos justiça, me apreciára as *Miragens*....

A *Folha* (n.os 426 a 433) demonstrou que tal apreciação, publicada no numero-unico da *Revista Nova*, era, de fio a pavio, um horror de dislates grammaticaes e estheticos; demonstrou mais que os defeitos que o *soi-disant-critico* apontava nas *Miragens*, existiam só na escuridão da sua má-vontade, uns, porque se não encontravam nos versos do dito volume, outros, porque, longe de serem defeitos, eram, antes, bellezas.

As affirmações provadas da *Folha* ficaram, até hoje, sem contestação...

E não foi porque a *Analyse á critica das «Miragens»* fosse desconhecida em Coimbra: — eram vendidos á Porta-ferrea cincoenta ou mais exemplares de cada numero; nem tão pouco, porque esteja irremissivelmente condemnado ao silencio das coisas-mortas um livro de que, ainda o mez passado, se occupava, e largamente, em *A Revista* (illustração luso-brazileira) Julio Lobato, um escriptor valentemente adestrado nas pugnas litterarias, a quem, por não conhecer pessoalmente, mais d'alma agradeço e retribuo a sympathia espiritual que lhe inspirou palavras tão generosas.

Em conclusão: — a *critica* estava, de ha muito, anniquilada; o *critico* tambem.

E havia de ser d'um zoilo assim que eu havia de querer tirar, agora, nova e inopportuna desforra?!...

Não me animam, pois, sentimentos de vingança; os de inveja muito menos ainda. Alguem disse:

— «O orgulho é o antidoto da inveja.» Pois, para não ser invejoso, sou (eu que no artigo recebi a classificação de modesto) orgulhoso bastante.

— «Então julga que vale muito?» perguntavam a não sei que escriptor francez.

— «Pouco, quando me considero; muito, quando me comparo.»

Eu sou orgulhoso, assim.

(*Continúa*).

CARLOS DE LEMOS.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite regula em Coimbra entre 1$040 e 1$050 réis, o decalitro.

*

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 300 — Dito amarello, 310—Trigo de Celorico, graudo, 560 — Dito tremez, 540— Feijão amarello, 460 — Dito branco, 360— Dito rajado, 320—Dito frade 330— Centeio, 400—Cevada, 280 — Grão de bico, graudo, 680— Dito meudo, 650—Favas, 370 — Tremoços, 300.

*

O agio das libras a 1$360 réis; ouro portuguez, 27 por cento, prata grossa a 1/2 por cento.

×

Os preços dos generos no mercado quinzenal de Montemór-o-Velho que na quarta feira ultima se realisou foram os seguintes:

Trigo branco, 650—Dito tremez, 700—Dito mouro, 620—Milho branco, 320 a 330—Dito amarello, 320 a 340—Centeio, 560—Cevada, 300 — Aveia, 340—Favas, 500—Grão de bico, 800—Feijão mocho, 500—Dito branco, 400—Dito amarello, 300 — Dito rajado, 300—Dito frade, 340— Batata, 200 — Tremoços, 400.

Sahida e chegada das deligencias

Figueira da Foz — Partida ás 5 e meia da manhã; chegada ás 7 e meia da tarde.

Escriptorio rua da Sophia casa do sr. Seraphim Gomes Abreu Lima.

Louzã — Partida ás 5 horas da manhã e 3 e meia da tarde; Chegada, ás 9 horas da manhã e 7 e meia da tarde.

Escriptorio rua Ferreira Borges casa de Alvaro Esteves Castanheira.

Góes — Partida ás 5 e meia da manhã; Chegada ás 7 e meia da tarde.

Escriptorio largo Principe D. Carlos (Portagem) em casa de Augusto Rodrigues Palhinha.

Miranda do Corvo — Partida ás 3 horas da tarde; chegada ás 9 horas da manhã.

Espinhal — Partida, 5 e meia; Chegada 7 e meia.

Escriptorio rua Ferreira Borges casa do sr. Ernesto Lopes de Moraes.

Avô, Arganil e Chamusca por Vendas de Gallizes — Partida ás quartas sextas e domingos para Arganil e Avô e terças quintas e sabbados para Vendas de Gallizas e Chamusca, depois da chegada do comboio de Lisboa.

Escriptorio rua das Sollas casa do sr. José Leonardo Ferreira.

Penacova — Partida ás 5 e meia da manhã; Chegada 9 horas da manhã e 7 horas da tarde.

Escriptorio rua da Sophia casa do sr. Seraphim Gomes d'Abreu Lima.

Cantanhede e Pocariça — Partida aos domingos, terças, quintas e sabbados ás 3 horas da tarde; chegada ás 9 horas da manhã.

Sae do Terreiro da Erva.

Camara Municipal de Coimbra

Sessão ordinaria

23 de novembro

Presidencia do bacharel João Maria Correia Ayres de Campos.

Vereadores presentes: Bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Bento de Quadros, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos, e José Correia dos Santos, substituto.

Arrematou em praça, devidamente annunciada, de arrendamento pelo futuro anno as lojas do mercado de n.os 7 a 11, 13 a 24, 29 a 33, sendo cobertos os preços dos arrendamentos anteriores.

Mandou annunciar nova praça o arrendamento das lojas, de n.º 2 a 5 e 25 a 28, que não tiveram licitantes, vendo-se que as de n.os 1, 6 e 12 são destinadas a serviços do municipio, pelo que se não arrendam.

Os arrematantes das lojas ficam obrigados a não fazer nellas depositos de carnes salgadas.

Mandou registrar a entrada em cofre do subsidio concedido pelo governo para o asylo dos cegos.

Em vista d'informação do delegado de saude sobre o requerimento de um proprietario residente no largo do Principe D. Carlos, mandou pela repartição

---

15 Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

IV

A Judia

— Se não consola, disse Gréant, ao menos não consente lamentações... Ha nesta Roma, cheia de ensinamentos de dôr, um marco quebrado pelos seculos, quasi ao pé do Colyseu de Tito, em ruinas. Este marco ousaria queixar-se ao pé do collosso visinho arruinado?...

Não supponha que ha nesta comparação orgulho pessoal; eu, Gedeão, que supponho ter soffrido immenso, tenho o cuidado de me não lamentar ao pé d'outro homem... receio encontrar algum colosso d'infortunio inteiramente devastado por dores inauditas, e que arremessaria para o nada o meu soffrer.

— Gosto de o ouvir, disse Gedeão tomando-lhe as mãos, ha na sua voz notas desoladas que me fazem estremecer e me apartam de mim proprio para pensar em si. É, pois, um allivio que vem trazer ao meu coração, e deixo de me julgar inconsolavel, visto que, durante um longo minuto, deixei de pensar em mim.

— Gedeão, disse Paulo com uma voz triste como o vento do outomno, ha uma coisa, uma só, que não se esquece nunca, que me persegue como um remorso e que me não dá um instante de treguas, nem mesmo durante o somno... é uma lembrança terrivel de deslealdade deixada no espirito d'uma mulher. Sim, Gedeão, ha sete annos que procuro purificar-me d'uma nodoa abominavel, e em rarissimas occasiões, apenas a minha mão se tem estendido, apenas os meus labios se têem aberto ao pé d'essa mulher, logo um gesto de desprezo repeliu a minha mão e fechou os meus labios! Innocente e maldito... é o meu destino!

O dedo de Gedeão designou bruscamente a Paulo uma outra scena; Paulo, julgando nada ter em que reparar, não mostrava nenhum interesse em obedecer á indicação.

Gedeão insistiu e Gréant inclinou-se ligeiramente sobre a persiana.

Virgilio caminhava em direcção do lago; uma outra mulher acabava de apparecer á janella, ao lado de lady Stumley, e nunca nenhum grupo mais encantador, saído do cinzel dos esculptores romanos, tinha ornamentado as fachadas das *villas* d'Albano e Tibur.

Gréant tomou convulsivamente entre as mãos uma lamina da persiana, e quebrou-a como uma folha secca de aloés. Tinha reconhecido Memma ao pé a lady Stumley; estavam enlaçadas pela cadeia de marfim dos seus braços, como duas graças á espera da sua terceira irmã, e olhavam para o campo onde Virgilio caminhava lentamente para o lago.

— Ahi está elle! disse Gedeão no cumulo do delirio; ahi está elle, esse homem! Armemo-nos contra elle com o nosso desespero... Elle vae passar por esta margem! Venha Paulo; conheço o lago — é fundo!

— Horror! disse Paulo; então pensa no suicidio?

— Então não me comprehendeu?

— Eu não queria comprehender, disse Paulo recuando.

— Mas, sabe bem quem eu sou? continuou Gedeão exaltado; eu sou filho dos paizes selvagens; crearam-me no meio das pantheras e dos leões; o incendio, a morte, a devastação, a batalha passaram sobre os meus primeiros annos; o sangue de minha mãe corre-me ainda sobre o peito; é necessario que eu me vingue!

Estarei, porventura, condemnado a soffrer sempre dos homens sem em nada lhes pagar?... Não, não! basta de punhaladas recebidas, quero...

Paulo Gréant fez parar Gedeão á porta do kiosque, e disse-lhe:

— Gedeão, vae-se encontrar sósinho contra dois; defenderei Virgilio.

Gedeão rugiu como um animal selvagem dominado pelo olhar do domador, e enxugando a espuma dos labios abandonou o cabo do punhal.

Virgilio costeou o lago e metteu-se pelos macissos dentro. Ia alegre para o seu trabalho, porque tinha recebido adiantado, como salario, o primeiro olhar de lady Stumley.

O balcão tinha-se tornado deserto havia muito tempo, e ouviam-se do lado do pateo, no silencio da manhã, ruidos de rodas e tropear de cavallos.

— Venha, disse Paulo apertando a mão de Gedeão; venha, vamos aturdir-nos no tumulto do *Corso* ou na calma d'alguma ruina consoladora; partamos e não sigamos os caminhos frequentados.

Gedeão curvou a cabeça deante d'este moço forte, cujo nobre caracter, devastado por inauditos pezares, impunha respeito como o d'um velho.

Caminharam para Roma seguindo pelos atalhos, e sem darem uma palavra.

Davam duas horas na torre do Capitolio quando elles chegaram á cidade. Gedeão julgou ter uma boa ideia; a de ir procurar alguma consolação ao seio de sua familia, em quem havia muito que não pensava. E, deixando Paulo, encaminhou-se só para o *Ghetto* e experimentou uma ligeira satisfacção transpôr o limiar da loja de seu pae, Josué Constantini.

Debora estava vendendo uma peça de estofo; ao ruido dos passos de Gedeão, ergueu a cabeça e disse em arabe a seu irmão, com uma exclamação de alegria:

— Ah! és tu, Gedeão! Mas então que fazes? Sabes que ha sete annos ainda te não vi mais do que tres vezes? Já não estimas a tua boa irmã?

Erratas

No folhetim anterior, 3.ª col., linha 2.ª, onde se lê — *que divinisa a palavra hossana* — leia-se — *que divinisa a palavra humana;* na col. 4.ª, linha 6.ª, leia-se — *cantam topetando o ceu* — em logar de — *cantam tapetando o ceu.*

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria n.º 14, proximo a rua dos Sapateiros, — COIMBRA.

d'obras das as indicações necessarias para o esgoto de pias de cosinha de duas casas, situadas no mesmo largo.

Resolveu, a pedido da commissão executiva do congresso de proprietarios e lavradores dos campos do Mondego, prestar uma das salas dos paços municipaes, para uma reunião de proprietarios em que se delibere sobre assumptos d'interesse geral melhoramentos nos mesmos campos.

Resolveu annunciar o fornecimento em praça de todos os impressos necessarios para a secretaria da camara e repartições annexas durante o futuro anno.

Mandou pagar a quantia de 14$220 réis de custas, em que a camara foi condemnada por accordão do Supremo Tribunal Administrativo nos autos de um recurso interposto sobre contribuição directa municipal, lançada a um vogal do extincto Tribunal Administrativo.

Resolveu mandar annunciar que se arrematam em praça os serviços da limpeza dos principaes logares das freguezias ruraes do concelho.

Attestou favoravelmente ácerca da concessão de subsidios de lactação a menores.

Auctorisou a reparação da ponte de S. Paulo de Frades e do pavimento da calçada do Gato em Santo Antonio dos Olivaes.

Nomeou Antonio Balão, das Carvalhosas, para guarda rural d'este logar, dos Palheiros e Zorro.

Despachou requerimentos,—auctorisando serviços no cemiterio;—collocação de signaes funerarios em sepulturas;—attestando ácerca do comportamento de diversos;—consolando a exoneração pedida por uma praça do corpo de bombeiros municipaes;—auctorisando uma avença para consumo d'agua em uma casa de hospedaria;—determinando o alinhamento para a vedação de terrenos comprados na quinta de Santa Cruz, approvando o alçado para os respectivos seguros;—não consentindo na collocação de estribos em uma casa na rua das Sollas;—permittindo o alteamento de um muro aos Oleiros; a canalisação d'agua de duas pias de cosinha numa casa na rua do Aguiar, e auctorisando em fim a vedação de um terreno particular contiguo a uma casa em Santa Anna.

Bric-á-brac

Um soldado, postado de sentinella á porta de um museu, recebe ordem para não deixar entrar pessoa alguma, sem que deixe a bengala depositada na casa, para tal fim destinada.

Aparece um visitante com as mãos nas algibeiras.

O soldado embarga-lhe o passo, e diz-lhe com arreganho:

—Tenha a bondade de ir deixar a bengala na casa ao lado.

—A bengala!... bem vê que não a trago... exclamou admirado o visitante.

—Não quero saber d'isso... retorquiu o soldado.

—Vá buscar uma. Não posso deixar de cumprir as ordens que recebi.

BIBLIOGRAPHIA

Historia de Portugal

Recebemos o 16.º fasciculo d'esta excellente publicação; damos o

SUMMARIO

Os corregedores — Introducção do direito romano — Modo do processo — Fundação da Universidade de Coimbra — Passagem para o segundo periodo.

Assigna-se esta obra na Empreza Editora, rua do Bomjardim, 414, Porto.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quartanista de direito, continua a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Marco da Feira, n.º 41.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

×

EXPLICADOR

De Philosophia e Historia, Diogo J. Mascarenhas Marreiros Netto, terceiranista de Direito.

Rua do Collegio Novo 1.

LIVROS

Annuncios *gratis* recebendo-se um exemplar.

Noções geraes sobre os serviços do correio e telegraphos

Acompanhadas de todas as tabellas necessarias para a execução dos mesmos serviços, por Domingos J. da Silva, aspirante auxiliar dos correios e telegraphos, ajudante do fiel da estação central de Coimbra.

E' um livro muito curioso e util, em que o nosso amigo o sr. Domingos J. da Silva presta um relevante serviço ao commercio com a sua publicação.

Aconselhamol-o. E por 300 réis, que tanto é o seu custo, não se privam de um livro instructivo e bom.

Pedidos ao auctor e a Paula e Silva, rua do Infante D. Augusto, Coimbra.

Preço 300 réis; pelo correio 310; pagamento adeantado.

HISTORIA DE

PORTUGAL

PELO

Doutor Henrique Schæfer

Professor de historia na universidade de Giessen

Vertida fiel, integral e directamente de original allemão por F. de Assis Lopes, continuada, sob o mesmo plano, até os nossos dias, por J. Pereira de Sampaio (Bruno).

Edição completa por um corpo de notas, ampliando corrigindo ou comprovando o texto pelo indefesso concurso, entre outros eminentes collaboradores, ex.ma sr.a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, e dos ex.mos srs. Alberto Pimentel, Bazilio Telles, Bernardino Pinheiro, Delfim de Almeida, Henrique de Gama Barros, Joaquim de Vasconcellos, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas e Theophilo Braga.

Distribuição semanal de um fasciculo pelo preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A assignatura será egualmente paga no acto da entrega a 120 réis o fasciculo, franco de porte.

Assigna-se em todas as livrarias do Porto e no Escriptorio da Empreza Editora, rua do Bomjardim, 414, Porto; e em Coimbra, nas livrarias, França Amado, Paula e Silva e Mesquita.

Foi distribuido já o 16.º fasciculos

ANNUNCIOS

Por linha ..... 30 réis
Repetições ..... 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

ANTIGA MERCEARIA

DE

Marques Manso, sobrinho

1 — RUA DO CEGO, — 7

COIMBRA

190 Esta casa montada nas melhores condicções de aceio, apresenta aos seus ex.mos freguezes o que melhor ha em generos de mercearia.

Assucares finissimos refinados com o maior esmero.

Chá verde e preto de finissimas qualidades.

Café torrado e moido da melhor qualidade de Cabo Verde.

Chocolate hespanhol de Mathias Lopes, francez e suisso.

Completa novidade em bolachas nacionaes e estrangeiras.

Especialidade em salchichas feitas espressamente para esta casa

Unico deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola, engarrafados e ao torno — *unica casa que trata directamente com a companhia.*

Tabacos das marcas mais finas, nacionaes e estrangeiras.

Completo sortido de ladrilhos em moisaico de desenhos elegantissimos, etc., etc.

Esta casa encarrega-se de mandar a casa dos seus ex.mos freguezes todos os generos comprados no seu estabelecimento.

OFFICINA DE VIOLEIRO

DE

ADRIANO DOS SANTOS

13 — Rua Martins de Carvalho — 13

171 Continuam a executar-se nesta officina, com muita perfeição e modicidade de preços todos os trabalhos concernentes á arte de violeiro.

Foi ultimamente manufacturado nesta officina um rabecão (o primeiro que se fez nesta cidade) e que póde ser visto em casa do seu possuidor, sr. Jorge da Silveira Moraes, na mesma rua.

194 A mais elegante e variada collecção de livros de *missa*, se encontram á venda na officina de encadernação de Alberto Vianna.

Sé Velha — COIMBRA

CASA DE PENHORES

NA

CHAPELERIA CENTRAL

Empresta-se dinheiro sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.

Rua de Ferreira Borges, 77 a 81 e Arco de Almedina, 2 a 6.

Juro modico, como podem exprimentar.

XAROPE DE PHELLANDRIO

COMPOSTO DE ROSA

5 Este xarope é efficaz para a cura de catharros e tosses de qualquer natureza, ataques asthmaticos e todas as doenças de peito. Foi ensaiado com optimos resultados nos hospitaes de Lisboa e pelo conselho medico do Porto, bem como pelos principaes facultativos da capital e das provincias, como consta de 41 attestados que acompanham o frasco.

Vende-se nas principaes pharmacias do reino. Deposito geral — Lisboa, pharmacia Rosas & Viegas, Rua de S. Vicente, e 31 33 Coimbra, Rodrigues da Silva & C.a Porto, pharmacia Santos, rua de Santo Ildeonso, 61, 65.

REAL COMPANHIA VINICOLA

DO NORTE DE PORTUGAL

UNICO DEPOSITO

LARGO DA FEIRA, N.os 32 A 34

Grande desconto em todos os vinhos aos compradores.

1 — RUA DO CEGO — 7

CHARRETTE

179 Vende-se uma elegante *charrette*, assim como um cavallo que dá boa cavallaria. Modicidade nos preços. Pereira Serrano, Terreiro da Erva n.º 28. Coimbra.

APRENDIZES DE ENCADERNADOR

193 Precisam-se na officina de Alberto Vianna.

Sé Velha — COIMBRA

BOM VINHO

185 Na antiga esquadra da praça 8 de Maio, abriu-se bom vinho novo a 100 e 110 réis o litro.

Esta casa continua a fornecer jantares para fóra por preços muito baratos, garantindo a limpeza das comidas.

Vão provar o bom vinho.

COMPANHIA DE SEGUROS

«FIDELIDADE»

FUNDADA EM 1835

Capital rs. 1.344:000$000

79 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias e estabelecimento.

Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 86, ou na rua das Figueirinhas, n.º 45.

Casa instaladora de canalisações

GERENTE

José Marques Ladeira

Antigo empregado da Companhia Conimbricense de Illuminação a Gaz

189 Neste estabelecimento encontram-se á venda todos os materiaes proprios para canalisações de gaz e agua, taes como: lustres, braços de bronze e christal, globos, tubos de chumbo, ferro e borracha e torneiras de todas as qualidades.

Preços especiaes em torneiras e tubos de chumbo para agua; podendo as canalisações ser pagas a prestações.

9 — RUA DE QUEBRA COSTAS — 9

COIMBRA

Carimbos de Borracha

Gravuras em madeira, fac-similis, sinetes

Fabricam-se com a maxima perfeição e barateza.

SERIO VEIGA

SOPHIA — COIMBRA

LECCIONISTA

174 Ernesto Boucachard'fils ex-ajudante do distincto professor de francez Mr. Charles Pons, Lisboa, offerece os seus serviços nesta cidade. Prontifica-se a ensinar EM 6 MEZES: Conversação, escripta, leitura e traducção do idioma, em casa dos alumnos. Preços e hora convencionaes.

Para informações, Casa Leão d'Ouro, rua Ferreira Borges. Coimbra.

Chromos e Kalendarios

UMA LINDA COLLECÇÃO

PAPELARIA CENTRAL

DE

FRANCISCO BORGES

2, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 4

Coimbra

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e administração

RUA DE FERREIRA BORGES, 83, 1.º

EDITOR

Antonio Augusto dos Santos

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno.....	2$700	Anno.....	2$100
Semestre....	1$350	Semestre...	1$200
Trimestre...	680	Trimestre...	600

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez *Typ. Operaria* Coimbra

ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas *Typ. Operaria* Coimbra

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição *Typ. Operaria* Coimbra

ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em côres *Typ. Operaria* Coimbra

BILHETES de visita Qualidades e preços diversos *Typ. Operaria* Coimbra

LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato *Typ. Operaria* Coimbra

IMPRESSOS PARA repartições publicas *Typ. Operaria* Coimbra

CARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro *Typ. Operaria* Coimbra

AVISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. *Typ. Operaria* Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

ANNO II — Coimbra, 14 de dezembro de 1893 — N.º 147

O Defensor do Povo

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Portugal em evolução retrograda

I

Em um dos nossos anteriores artigos affirmámos:

> «Que Portugal é uma *nação* historicamente formada e politicamente constituida.
>
> Que Portugal já fôra uma *nacionalidade* bem caracterisada.
>
> Que chegára a alcançar, nos XV e XVI a cathegoria de *potencia* de primeira grandeza.
>
> Que Portugal é hoje simplesmente uma *nação* em evolução retrograda.

E' esta ultima affirmação, esta desoladora verdade que nos propomos hoje demonstrar.

Não passaremos para além da ultima phase renovadora principiada em 24 de agosto de 1820, que a revolução, chamada liberal provocou, e iniciou efficaz e brilhantemente em todas as nossas condições de existencia, em toda a ordem de relações sociaes.

*

Devida principalmente ao contagio e ao exemplo da França e das outras nações da Europa, que seguiram, e acompanharam aquella no grande movimento renovador, a Revolução portugueza de 1820 produziu, desde logo, a notavel e salutar *Constituição* democratica de 1822, cujo desenvolvimento organico a restauração do absolutismo suspendeu em 1823.

Com espirito liberal menos desaffogado, pejada de elementos tradicionaes e privilegios aristocraticos, succedeu-lhe a *Carta Constitucional* de 29 de abril de 1826. Esta derribada pela reacção absolutista em 1828, é restabelecida em 1834, após a obstinada lucta entre as velhas e as novas ideias, na qual a fatalidade ou o jugo inevitavel das circumstancias trouxeram envolvida a pendencia dynastica entre dois irmãos que se disputavam a preferencia e o direito de successão á corôa de D. João VI.

Triumphou a liberdade e com ella o irmão Pedro.

Teria triumphado o irmão Miguel, se a liberdade estivesse com elle, e ao lado d'elle militassem os liberaes nas suas heroicas pugnas contra o absolutismo.

Não foi D. Pedro que nos deu a *Carta* e as garantias de liberdade que nos seus artigos se contém; mas sim a liberdade que lh'as impoz e extorquiu; foram o esforço, a constancia e o sacrificio heroico dos liberaes que lhe deram a elle e aos seus descendentes a corôa e as prerogativas da realeza constitucional; elles que o *obrigaram* e á filha, em quem por necessidade e egoismo abdicou, a aceitar e a jurar a *Carta*, bem a seu pezar e sempre com a esperança de calculados planos de conspiração liberticida. Foram estes mais de uma vez tentados e postos em execução, mas sempre mallogrados, sempre destruidos, impotentes para reagir e luctar com a corrente das novas ideias, com a força indomavel do espirito revolucionario, com os desejos e aspirações dos convictos e corajosos democratas, que não deixavam apagar o fogo e amortecer o enthusiasmo, que se haviam manifestado em 1820, e tinham irrompido impetuosos e gloriosamente triumphado das insidias e dos assaltos da *reacção*.

*

Para evitar estas conspirações palacianas, para desarmar por uma vez as tentativas da *reacção* e do *conservantismo*, os democratas sinceros, os liberaes convictos, emprehenderam, com a revolução de 9 de setembro de 1836, restaurar a Constituição de 1822; effectivamente o conseguiram, embora modificada, na Constituição de 20 de março de 1838. Trahida pelos favoritos do Paço e confidentes da realeza, foi esta derribada pela contra-revolução em 1842 e substituida pela *Carta Constitucional*, traiçoeiramente restaurada pelos falsos democratas, pelos amigos do throno, doceis instrumentos da realeza, manejados á vontade pelos caprichos do seu orgulhoso representante a sr.ª D. Maria da Gloria.

*

Desde então persistiu a *Carta Constitucional;* consolidou-se o regimen monarchico representativo, com o caracter predominante de *conservador*, oscilando entre a revolução e o retrocesso; umas vezes tentando annullar e de facto annullando, outras vezes fingindo desenvolver e aperfeiçoar, mas quasi sempre illudindo ou renovando de um modo apparente em *actos addicionaes* e pequenas dóses as garantias de liberdade e justiça, que nos alcançaram a gloriosa Revolução de 1820 e tantos annos de luctas fratricidas, as garantias com que pela primeira vez nos dotára a Constituição de 1822, a qual, tendo sido o ponto de partida para a nossa regeneração social, está ainda longe, muito longe da sua completa e efficaz realisação.

Sophismada pela *Carta Constitucional*, apparentemente restaurada, em alguns dos seus preceitos, por leis organicas posteroresi, a Constituição de 1822, representa ainda hoje para o Povo Portuguez um ideal, uma verdadeira aspiração de progresso, que nunca a monarchia lhe deu, que nunca a monarchia lhe poderá dar, que só a Republica poderá satisfazer, corrigindo, aperfeiçoando, completando a obra patriotica dos nossos primeiros reformadores liberaes.

*

Pelo contrario aquillo qne se devia esperar, como phases de evolução,—o aperfeiçoamento progressivo das nossas instituições e garantias liberaes e democraticas, tem sido constantemente repellido e estorvado pelos governos da monarchia.

Nestes ultimos annos a reacção desmascarou-se. Tornou-se cynica.

Um manifesto movimento de retrocesso, que já não é possivel esconder nem dissimular, nos comprime, suffoca e arrasta, o qual se tornará bem claro e patente no confronto, que vamos fazer, como e segundo o permitte o espaço de que póde dispôr um pequeno jornal de *provincia*.

Para bem avaliar e julgar esse confronto e ficar bem assente no espirito publico a triste verdade e o facto desolador da nossa decadencia e retrocesso, para onde nos lançaram a monarchia e os seus governos, necessario, indispensavel nos pareceu este preambulo.

EMYGDIO GARCIA.

POLITICA EXTERNA

SUMMARIO—Ainda os anarchistas; ultimo attentado; defeza a todo o transe.

Todas as vezes que neste jornal nos temos referido aos attentados selvaticos dos anarchistas, temos verberado, com a indignação que suscitam sempre as selvagerias inuteis e injustificadas, as barbaras atrocidades que, num requinte de malvadez bestial, os propagandistas da anarchia pelo facto estão commettendo a pequenos intervallos.

Em setembro, o attentado contra Martinez Campos, ainda outro dia o crime infamissimo do theatro Liceo e já agora outro attentado revoltante em plena sessão do parlamento francez! Assusta-se, e com razão, o regimen social existente; a guerra terrivel que se lhe vae movendo nas trevas, suscita cem vezes mais receios do que a lucta travada em plena luz, face a face. O perigo existe, sente-se, os seus effeitos conhecem-se terrivelmente, as suas manifestações aterrorisam; mas a força poderosa que o alimenta, a potencia nefasta que palpita no mysterio, escapa, incoercivel, pelo fundo revolucionado das ultimas camadas sociaes. Vê-se alluida a superficie, presente-se o collear do reptil, mas o reptil mysterioso não se alcança.

Fanaticos do crime e da miseria; desesperados inconscientes pela fome; precitos d'uma sociedade madrasta; condemnados d'um regimen injusto onde o egoismo impera, rastejam, agitam-se, revoltam-se no fundo da sociedade de hoje, bandos de miseraveis que o vicio envolve e que a miseria allucina, emquanto vêem na opulencia desmedida que os cega, um sarcastico ultraje á hediondez do seu viver. Porque, é necessario accentuar-se, esses revoltados que em volta de si concitam todos os odios, são um producto morbido da elaboração social d'este seculo.

Não se justifica mas comprehende-se, que hoje, num estado de civilisação em que a intellectualidade humana attingiu um grau notavel de desenvolvimento, abrangendo já vastissimos horisontes que de ha um seculo para traz mal se vislumbravam, o homem não tenha a submissão docil dos escravos antigos nem a passividade anti-humana dos servos da gleba. Elevou-se a consciencia humana e com ella tornaram-se mais frisantes e inaceitaveis as injustiças sociaes.

Comprehende-se, pois, que de entre os desvairados que se revolvem na miseria, alguns haja que não transijam com as circumstancias sociaes que os produziram.

Comprehende-se a revolta, admitte-se até, porque o homem não póde ser o escravo do homem; contra a exploradora plutocracia, levante-se a maioria explorada.

Comprehende-se a revolta, sim, mas não se justificam nem se admittem os barbaros processos revoltantes das bombas de dynamite.

O desesperado que a miseria impelle a arremessar machinas infernaes, carregadas de metralha, a toda a parte aonde o seu odio insaciavel unicamente vê burguezes felizes e opulentos, converte-se num criminoso da peior especie que prepara hecatombes e carnificinas para pasto da sua vingança; o louco, talvez sympathico pela sua condição miserrima, que por outros processos mais humanos viria a fazer triumphar a justiça da sua causa, retarda pela ferocidade a hora da victoria e justifica os meios mais violentos da mais violenta perseguição.

*

O attentado do dia 9 no parlamento francez, em que Vaillant arremessou a Dupuy uma bomba, que occasionou dezenas de graves ferimentos, podendo, se não fosse o acaso, occasionar dezenas de mortes, alarmou a opinião publica pela audacia; vê-se como o fanatismo anarchista não recua nem trepida no caminho de sangue e devastação que para si traçou.

Immediatamente á realisação do crime, reuniu-se o conselho de ministros com o Presidente da Republica para a elaboração de projectos de lei tendentes á repressão energica e severissima d'esta cruenta propaganda anarchista.

Logo na sessão immediata de segunda feira o presidente do conselho, Casimiro Perier, apresentou os referidos projectos para que pediu urgencia e discussão immediata; foram votadas pela maioria enorme de 413 votos contra 63.

Por essa occasião Antonio Dubost, ministro da justiça, declarou que o governo conhece os dirigentes da vasta organisação anarchista, e que, se a camara lhe der meios para isso, ha de acabar com esta associação de bandidos. Nos projectos do governo envolve-se nas mesmas medidas repressivas a imprensa que defender os actos d'esta propaganda anarchista.

Vae, pois, trabalhar a guilhotina; a pena de morte vae ser applicada *à tort et à travers* a todos os que forem accusados de anarchistas; a classe conservadora não olhará a meios de defeza...

Mas se a causa do crime está na organisação social dominante, que para uns é uma cornucopia abençoada e para outros madrasta descaroavel, não seria melhor e mais util, ó plutocratas indignados, em vez de preoccupações guerreiras e de exercitos ociosos e estereis, alimentados para batalhas sangrentas, tão criminosas perante a Humanidade como as bombas de dynamite, não seria melhor e mais util, em vez de matar produzir; implantar a Justiça e o Direito; reorganisar, refundir, tornar emfim, os homens de lobos cervaes, cheios de odio e de fel, em forças conjugadas d'uma cooperação civilisadora?...

Carta do Porto

No sabbado, pouco depois das 7 horas da noite, houve na rua do Almada uma tentativa de assassinato na pessoa do guarda civil n.º 10, Manoel Rodrigues.

Foi o caso que um tal Joaquim José Sampaio, tambem guarda-civil e impedido no serviço telephonico do commissariado geral, regressava de S. Mamede de Infesta com uma tal Maria Rosa, onde tinham ido a tratar dos banhos para o seu proximo casamento; e como a alegria fosse grande, julgaram dever lembrar aquelle dia, bebendo algumas garrafas de vinho.

O bebado, depois de se abraçar ao guarda de giro e descambar no insulto, vibrou-lhe tres profundas facadas, que derrubaram immediatamente o Manoel Rodrigues.

O ferido foi levado para a Companhia Pharmaceutica, que poucos passos dista do logar do crime, e findo o primeiro curativo foi transportado para o hospital da Misericordia, onde os srs. drs. Urbano e Agostinho de Faria examinaram os ferimentos, dos quaes o mais grave é o terceiro, que foi vibrado no pescoço, offendendo a região clavicular e uma arteria.

O Sampaio e a amasia, presos pelo sr. Feliciano Pereira, foram conduzidos á 5.ª esquadra, sendo ahi interrogados pelo sr. dr. Miguel Pestana da Silva e commissario geral, negando ter praticado o crime que lhe imputam.

A navalha de que o criminoso se serviu mede cinco centimetros de folha e sete de cabo.

Os dois presos, depois de interrogados, foram conduzidos ao Aljube, ficando incommunicaveis.

Os precedentes do aggressor são os peiores; o ferido era muito estimado pelos collegas, e considerado como um bom agente de segurança publica.

Vem a proposito registar que es-i tes identicos casos se repetem amiudadas vezes. A nossa policia, a policia a que nós pagamos para que nos seja garantido o socego e mantida a ordem, vae-se salientando em manejos de navalha de ponta e molla, e scenas de revolver, onde o vinho tem um papel importante...

Porque?—Porque a policia é escolhida sem escrupulo.

Para se ser um bom agente entende a auctoridade superior que é necessario apenas um bigode de tyranno, cara do réu e pulso de carregador d'alfandega...

Se o pretendente tiver voz de basso profundo será um policia completo e acabado.

Educação?! Para que é precisa educação? Para que é precisa uma inspecção rigorosa aos meritos e qualidades d'aquelles a quem confiamos a guarda da nossa tranquillidade?

Que importa que elles utilisem numa questiuncula de taberna, o revolver que lhe pozeram á cinta para se defenderem d'uma aggressão violenta á sua auctoridade?

Que importa que o manejem em nome da lei ou em nome d'uma paixão intima, com ou sem alcool?

O que se quer é que o policia seja apadrinhado por bons trunfos politicos... e que diga *São ordes!* em voz grossa.

—Decididamente os tripeiros andam esquentados:

Já na sexta feira á noite, perto do largo do Fojo, dois irmãos se esfaquearam mutuamente, depois de uma pequena altercação que tiveram n'uma taberna onde foram molhar a palavra...

Maldito vinho!

Até á semana.

RUY-BLAS.

Outra vez os quadros da sachristia de Santa Cruz

Isto é trabalho de serrote em prancha dura, mas ha de ir!

Reclamou-se n'este logar ha tempos, suavemente, contra a collocação dos tres quadros quinhentistas, e especialmente do *Pentecostes*. Justificámos a reclamação com o esclarecimento dos inconvenientes, que toda a gente pode reconhecer com uma evidencia palpavel.

Como se fosse pouco a atmosphera humida que os cerca, ainda os encostam á parede litteralmente impregnada de agua durante o inverno. E' a ruina em acção progressiva.

Aconselhámos que, á falta de melhor, esses quadros fossem recolhidos ao sanctuario. Qualquer individuo ou corporação com um pouco de imparcialidade e de tino reconheceria a responsabilidade enorme que a junta está affrontando; e cedendo ante a justeza do reparo, sem attender a prevenções, immediatamente se daria pressa em obstar ao proseguimento do damno, que a imbecilidade de uns e a incuria d'outros está criminosamente favorecendo.

O mal é grave e o remedio urgente. Assim contavamos ter despertado um instante de reflexão e de respeito ás razões adduzidas.

Agora com espanto sabemos que a reclamação foi inutil e que os quadros persistem na mesma situação!! Não sabemos até se os firmaram com tres pregos de reforço.

E' o cumulo da caturrice cabeçuda, a zombar da impunidade! Esta teimosia audaciosa e cynica seria inacreditavel se não soubessemos que está enraizada nos habitos da respeitavel corporação.

Ahi vae um caso para exemplo.

Quando em 1890 o chamado *Museu parochial* foi installado houve a lembrança de forrar umas paredes interiores com grandes alcatifas orientaes, que a egreja possue.

A resolução era acertada e desde muito suscitada por conselhos caritativos, cautelosamente ministrados, para evitar que a ingratidão orgulhosa se revoltasse contra o beneficio do alvitre. A escolha das paredes, porém, fôra d'um desacerto lamentavel; porque foi precisamente nas mais humidas, numa passagem para o santuario, sem aereação e sem luz, e numa outra, á entrada, que os bellos tecidos foram estendidos.

Pouco tempo decorrido, succedeu o que toda a gente seria capaz de prevêr, — toda a gente, menos a junta abalisada: os tapetes estavam em contacto com placas muito extensas de florescencias crystallisadas de salitre, de alguns centimetros de espessura!

Tal como agora, uma admoestação em termos brandos invocava a attenção d'aquelles espiritos delicados e cultos que fundavam museus por simples amor da arte.

A junta não attendeu. Periodicamente e em recommendações porfiadas, accintosas e cada vez mais persuasivas, com paciencia evangelical, novas advertencias foram respeitosamente conduzidas perante a junta.

Pois, por mais que custe a crêr: a junta com uma obstinação inqualificavel teimou em não retirar as alcatifas; o salitre pela sua parte teimou em alastrar; e a reclamação cessou, attenta a impossibilidade de neste paiz civilisado arrastar ao banco dos réus, e d'ahi para a cadeia a perversidade vaidosa que, por méro capricho e birra, taes malfeitorias commette.

Processa-se um nescio, ou um ebrio que corta o arbusto plantado á borda da estrada; e ficarão impunes os membros d'uma junta que não evita a ruina voluntaria d'uma obra d'arte notavel e que muitas vezes poderá ser unica; que pertence á nação; que é de nós todos!

A junta é surda ao conselho do bom senso: poderá vir a arrepender-se!...

Positivamente os quadros não podem continuar alli, embora o patriotismo de philarmonica se insurja contra uma apprehensão absolutamente justificada.

A junta pensará!... *X.*

Interesses e noticias locaes

Como se administra a fazenda municipal

E' publico e notorio serem precarias as condições financeiras da camara, que se encontra sem recursos para a conservação e manutenção dos serviços publicos e dos melhoramentos locaes.

Confessam os srs. vereadores as difficuldades com que lucta o municipio para satisfazer os seus encargos, sobrecarregados pela ultima reforma *salvadora* do sr. Dias Ferreira, e, apezar de todas essas confissões e de todas as lamurias, não vemos que parem no caminho do favoritismo aos *compadres* e *amigos*, que têm posto o paiz e este concelho em completa ruina.

E sem por agora nos querermos referir á creação dos partidos medicos, compromisso politico que mais veiu prejudicar os cofres municipaes, é certo que a camara não tem feito mais do que dispensar aos apaniguados todas as concessões, embora com isso sejam prejudicadas as receitas municipaes.

São muitas as provas; a mais recente é aquella que rescindiu o contracto feito em 1890 com Antonio Madeira, para o arrendamento do terreno em que se achava a praça de touros.

Esta recisão representa para o municipio um prejuizo de mais de 500$000 réis, por quanto o contracto estava feito com a devida garantia, como se prova pela declaração cathegorica do sr. João da Fonseca Barata, o unico vereador que votou contra a rescisão do contracto, — boa *consoada* que os seus collegas camaristas tão generosamente offertaram ao sr. Antonio Madeira.

E a esta sessão, presidida pelo sr. Ayres de Campos, esteve presente toda a camara aqual foi concorde que o cofre municipal podia perder quantia superior a 500$000 réis!...

Apenas o sr. Fonseca Barata teve a hombridade necessaria para cumprir o seu dever.

Por estes e por outros desperdicios, a camara não pode attender ás reclamações dos habitantes e proprietarios do bairro de Santa Cruz, que se veem inhibidos de canalisações de esgoto que lhe recebam as aguas sujas do serviço domestico.

E' por estas e por outras dissipações que a camara não attende ás necessidades locaes, e deixa de contemplar a cidade com pequenos mas indispensaveis melhoramentos. Não ha dinheiro para distribuir pela cidade marcos fontenarios e ourinoes decentes; mas concede-se, a um concessionario a rescisão d'um contracto que vae prejudicar o municipio em mais de 500$000 réis!!!

Nestes tempos de corrupção, administrar a fazenda e os interesses publicos está sendo considerado uma figura de rethorica; por isso que só se deve attender ás *conveniencias* politicas e aos *arranjos* pessoaes; a nova camara, saida da politica *salvadora* do sr. Dias Ferreira, não quer desmerecer das qualidades que tanto distinguiram o *grande financeiro-salvador!*

E a verdade manda dizer que na camara ha caracteres impollutos, que se vão deixando corromper em nome das *conveniencias politicas* e das *tramoias* eleitoraes.

Recebemos o primeiro numero da *Revista Livre*, e já temos em nosso poder um extenso artigo de apreciação e critica, a ella referente, que, por completa falta de espaço nos vemos forçado a reservar para o proximo numero.

Não tem fundamento o boato que correu de haver apparecido no Choupal um homem morto, apresentando vestigios de ter sido assassinado á navalhada.

Quiz-se com isto explicar o apparecimento do bilhete, chapeu e bengala do supposto suicida, a que nos referimos; dizendo-se que aquelles objectos eram do morto e que o bilhete fôra feito para desnortear a policia na perseguição do criminoso.

Sabemos, porém, que nada do que se affirmou é verdadeiro, pois que a policia desconhece completamente o caso do homem morto no Choupal.

E' que a voz publica em dando largas ao seu genio inventivo, nem o Diabo lhe dá volta.

As corridas de velocipedes e o sarau de musica e esgrima, que o Gymnasio de Coimbra contava realisar no proximo domingo, teve de ser transferido, em vista do mau tempo que tem feito.

Consta-nos que estas festas se realisarão na primeira quinzena do proximo janeiro, segundo o que foi combinado pelas commissões promotoras do sarau e das corridas.

Recebemos a *Pequena Revista* jornal litterario que principiou a sua publicação nesta cidade.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe longa e gloriosa vida.

Na casa do sr. Manoel Fonseca Callixto, na rua da Moeda, houve principio de incendio na segunda feira á noute, conseguindo-se a sua extincção pela rapidez dos soccorros.

O nosso bom amigo Euphrosino Alves Teixeira está felizmente melhor do leve incommodo que o obrigou a alguns dias de cama. Estimamos.

Na quarta feira passada Joaquina Ferreira casada com Manoel da Cabrieira, do logar de S. Fructuoso, indo a conduzir um carro de bois pela serra foi victima d'um horrivel desastre.

Ao saltar do carro abaixo fêl-o pelo lado das rodas, ficando presa pelas saias a um fueiro. Os bois espantaram-se e largando a correr pela serra abaixo arrastaram a pobre mulher sobre pedregulhos, tojeiros e rochedos. Um homem que viu os bois fugirem, partiu immediatamente em soccorro da Joaquina Ferreira, mas quando conseguiu alcançar o carro já o corpo arrastado estava feito em pedaços — vasado um dos olhos, em farrapos a carne, um dos quadris deslocados, innundada de sangue, que deixava um rastro pelo caminho.

Chamado o marido ainda poude ser conduzida a casa, mas poucos momentos viveu.

Esta desastrosa morte foi muito sentida na localidade.

A Evolução, de Angra do Heroismo; a *Montanha*, de Trancoso; a *Batalha*, de Lisboa e o *Jornal da Louzã* transcreveram alguns escriptos do nosso jornal, que agradecemos.

Hoje reuniram alguns academicos a fim de assentarem na organisação d'uma *tuna*. Parece que contam com bons elementos para que a *nova tuna* não seja inferior a outras que se tem organisado.

As chuvas torrenciaes que tem caído nestes dias produziram uma enchente no Mondego, que vae repleto, a trasbordar para os campos marginaes.

Reune hoje o partido progressista de Coimbra afim de nomear os delegados que o hão de representar na reunião magna que se vae effectuar em Lisboa.

O *Intransigente*, jornal que se publica em Vianna do Castello, entrou no 2.º anno da sua publicação.

Saudamos o valente e bem redigido campeão da democracia, que no norte do paiz pugna com denodo pela santa causa da emancipação do povo.

No cemiterio da Conchada enterraram-se na semana finda os seguintes cadaveres:

Manoel, filho de Antonio Tristão Vieira e Maria Ermelinda Damas, de Coimbra, de 15 dias. Falleceu de fraqueza congenita, no dia 3.

Antonio Joaquim Pereira Villela, filho de Manoel Antonio Villela e Emilia Preciosa Pereira, de Sabrosa, de 36 annos. Falleceu de nephrite parenchymatosa chronica, no dia 5.

Jesuina de Jesus, filha de paes incognitos, de Coimbra, de 72 annos. Falleceu de molestia não classificada, no dia 6.

Carlos, filho de pae incognito e Maria de Jesus, de Coimbra. Falleceu de meningite, no dia 7.

Maria da Conceição, filha de Albino Secco e Maria de Nazareth, de Coimbra, de 7 annos. Falleceu de endocardite aguda, no dia 8.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio — 17:165.

Noticias diversas

O illustre deputado republicano sr. dr. Eduardo Abreu saiu de Angra para Ponta Delgada. O distincto parlamentar anda organisando nos Açores as forças republicanas que alli são importantissimas.

E' mais um serviço que presta á causa republicana.

Continúa em grande escala a emigração para o Brazil, principalmente das freguezias ruraes, onde tem escaceado o trabalho agricola.

Em muitas localidades do paiz a mulher é quem cultiva e trata das terras, porisso que os homens emigram antes de serem chamados ao serviço militar.

Os *engajadores* continuam a fazer boas fortunas e a conseguirem documentos que ponham a são e salvo os emigrantes clandestinos.

Está concluida a parte metallica da ponte sobre a linha ferrea na praia de Espinho. Para ficar concluida de todo, basta terminar a parte de madeira e pedra.

Durante o corrente anno trabalharam na praia do Espinho, cinco companhas de pesca, e na de Paramos, quatro.

A sardinha por ellas arrastada para terra, foi vendida por quantia superior a cem contos.

No proximo anno devem trabalhar cinco companhas em cada uma das praias, empregando de noventa a cem homens, pelos quaes os donos d'essas companhas distribuem 2:500$000 a 3:000$000 réis.

No dia 11 do corrente a linha ferrêa ao kilometro 46, da linha da beira baixa, proximo da Barca da Amieira foi interrompida não podendo seguir os comboios.

Felizmente os trabalhos fizeram-se com diligencia restabelecendo-se o serviço.

Já foram distribuidos na Relação os aggravos pela defeza de Urbino de Freitas, ácerca dos despachos dados pelo juiz Ernesto Kopke, quando o dr. Themudo Rangel, para conseguir o adiamento da causa, invocou a suspeição do juiz.

E' o dr. Alexandre Braga quem vae fundamentar a appellação da sentença condemnatoria de Urbino.

Á cidade da Horta, nos Açores, chegou a tripulação da barca *Faro* que naufragou no alto mar e que trazia um carregamento de petroleo de New-York para Setubal.

Os tormentos soffridos que os pobres naufragos contam são horrorosos.

A barca *Faro* desarvorada foi corrida por um temporal enorme que a levava sem governo nas cristas dos vagalhões, que lhe partiram o leme e lhe feriram parte dos homens que a tripulavam.

Os desgraçados passaram grandes privações, não tomando alimento algum ha tres dias, quando foram salvos por o navio que desembarcou na Horta.

Confirma-se a noticia de ter sido apprehendido a um navio portuguez contrabando de guerra destinado ao almirante insurreccionado Custodio de Mello.

Diz-se ter sido preso o israelita portuguez, Benchimol, por estar implicado no contrabando receando-se que o marechal Floriano o mande fuzilar.

Ao governo portuguez cumpre interceder.

*

Vão ser apresentadas á camara de Setubal propostas para uma nova fabrica de gaz.

Cartas de Coimbra

A proposito da «Reacção»

(CONCLUSÃO)

Mas pelo artigo não só se conclue que eu entrára para a *Reacção* a fim de bater no meu *critico*; mas, ainda, que para tal fim fôra fundada a revista.

Já mostrei a falsidade do asserto. Todavia frizo ainda: — a *Reacção* foi fundada, unicamente, com o louvavel intuito, — louvavel, mesmo que não fosse conseguido —, de contribuir com o seu obulo para a regeneração da Alma moderna, atacando assim, unicamente, a litteratura que desmoralisa, enervando.

Que as nossas cinzas não tenham de ouvir a maldição da Posteridade, a bradar-nos, como Musset:

> «Je ne puis m'empêcher de vous maudire. Que ne chantiez-vous le parfum des fleurs, les voix de la nature, l'espérance et l'amour, la vigne et le soleil, l'azur et la beauté?»

Ao fundarmos a *Reacção*, tal foi o sentimento unico que nos impulsionava.

... *Attingir o homem da cabelleira?!...*

Mas, porquê?... por usar cabelleira?!...

Ora, adeus! são gostos!...

Verdade seja que homens ha que, convencidos de que não são homens, no sentido rigoroso do termo, se resolvem a fingir de mulheres... deixando crescer o cabello.

E, em casos taes, não é só questão de gosto; é tambem questão de consciencia. Porventura ouviram a abjurgatoria de Carolina de Fontejes no *Les Resignées* dos **Monstres Parisiens** do Catulle:

> «Eh bien! puisque vous êtes des femmes en effet, pourquoi n'avez-vous point... sous l'emmêlement des chevelures brunes la rondeur, etc.? Pourquoi, enfin, puisque vous êtes femmes, n'êtes-vous pas... comme les femmes?»

Ouviram-a: pretendem calal-a.

O tal de quem venho fallando quero crêr que usa cabelleira, unica e simplesmente, por gosto...

Mas seja como fôr, ou por que motivo fôr, póde estar tranquillo o *homem da cabelleira*, visto que por *homem da cabelleira* o designa o artigo.

Póde usar cabelleira a seu gosto: a *Reacção* não é orgão do *Coiffeur*... Não cuida de cabellos; cuida de ideias.

Póde-se ter cabellos e não se ter ideias; creio que até as ideias estão na razão inversa dos cabellos....

Mais uma observação: No artigo lê-se:

«Quem julgar que a *troupe* de que é, pelo menos *in nomine*, commandante Supremo o brazileiro Santiago....»

Ora é bom que se saiba que Gustavo Santiago, nem *in nomine*, nem *in re*, é ou quer ser commandante de nenhuma *troupe:* muito menos commandante nosso: — é, unica e simplesmente, director da Revista de que é tambem proprietario, e nós méros collaboradores: collaboradores, pela unica fórma, por que qualquer de nós o foi, é ou será de qualquer outra: isto é, sem estar, quer na fórma quer na ideia, sob a direcção de ninguem: dizendo, conforme entendemos, o que pensamos e o que sente. Foi com esta condição que, convidado eu por Fausto Guedes Teixeira, que o fôra por Gustavo Santiago e accedera por instancias do dr. Abel Andrade, ambos convidamos depois Alberto Pinheiro e, seguidamente, outros amigos de reconhecido talento, alguns dos quaes collaboram já no proximo segundo numero da *Reacção*. D'ahi a nota que vem na capa da revista:

«A responsabilidade de todos os artigos publicados na *A Reacção* é unica e exclusiva de quem os assigna.»

Por consequencia: — cada um unica e exclusivamente responsavel por o que assigna. Entenda-se bem isto!

A *Reacção* fez em Coimbra o que faz, em Paris, *La Revue Moderne*, entre outras. Diz *La Revue Moderne:*

«Désirant garder la stricte impartialité pour les théories émises, elle (la *Revue Moderne*) laisse à MM. les auteurs la responsabilité de leurs articles.»

Se nós não admittimos escólas, muito menos admittiriamos commandantes...

Varrida a minha testada, (e assim por completo, porque fallava com o *Defensor do Povo*) estava eu resolvido a levantar de sobre os meus companheiros qualquer accusação que lhes fosse feita; o que não quer dizer que elles, por si, a não levantassem, e melhor por certo, do que eu. Espirito de solidariedade; mais nada. E o estar com a mão na massa...

Reli o artigo em questão: não vi mais do que piadas sem côr e sem sabor. A boa graça portugueza, tão bem caracterisada em Gil Vicente, Sá de Miranda, Nicolau Tolentino, Barbosa du Boucage e, ainda, em Xavier de Novaes, teve os seus derradeiros representantes em Camillo, — a ironia; em Penha,—o epigrama; em Junqueiro, — a satyra: cahiu depois na chalaça brejeira, com seu tanto ou quanto de obscena; hoje mal se atreve a *piar;* mas, quando *pia*, é *piada:* é *aquillo*. Mais nada; *aquillo* só: — «*que fogem a quatro patas diante d'uma esplendida imagem d'um formosissimo soneto, que não sabem se é prosa ou se é verso*», (mais estupidez do que a do Monsieur Jourdain...): —«*que não percebem o sentido d'umas paginas encantadoras*», (das quaes, todavia, dão uma interpretação, que, não sendo a do auctor, nem a minha, é, assim mesmo, uma interpretação aceitavel e de nenhum modo adequada a provocar risos, a não ser em algum anthropomorpho, que apenas se ria por vêr rir... sem saber de quê):—«*que... que não sabem o que dizem!*» numa palavra. (Valha-nos... não sei que diga!)

Que se ha de responder a isto?!...

Lembra-me agora que o Marcello da *Mimi-Pinson* do Musset respondeu já que:

«Qui dit ce qu'il sait, qui donne ce qu'il a, qui fait ce qu'il peut, n'est pas obligé à davantage.»

Não vale, pois, affligir.

Neste mundo, como Ulysses na caverna de Polyphemo, só quem fôr *Ninguem* é que poderá escapar ás dentadas da Inveja... Paciencia! *A vaincre sans péril, on triomphe sans gloire:* disse o grande tragico francez.

Shakspeare não fôra Shakspeare, se não tivesse, a construir-lhe o pedestal de gloria, Forbes e Johnson e Green e Rhymer e Dryden e Lennox e Warbuton e Foote e Pope e La Harpe e Coleridge e Hunter...

O que não quer dizer que o articulista, em questão, possa chegar aos calcanhares dos criticos de Shakspeare...

D'estas injustiças fazem-se ainda hoje; não era só no tempo do grande tragico do *Hamlet:* — a Academia Franceza elegeu Flourens de preferencia a Hugo e Loti de preferencia a Zola.

Termino agradecendo á illustrada e generosa redacção do *Defensor do Povo* a fineza do seu offerecimento, offerecimento de que usei e (agora o reconheço, contricto) me parece que abusei demasiado.

Coimbra, 5 — 12 — 93.

CARLOS DE LEMOS.

III

A Reacção e os Novos

Continuando:

Tendo-me proposto apreciar, em uma série de artigos, o *carnaval* litterario a que assistimos, e depois de ter fallado da *mascarada reaccionaria*, necessario se torna, para ser completo, dizer dos *Novos*, revista que para ahi se publica, baluarte *inexpugnavel* da asneira, e do qual um grupo — nephelibatico, dispara sobre a litteratura a *anarchica bomba* da sandice...

Desgraçado paiz!.... Roubado, escravisado, vilipendiado, gasto, corrupto e immoral!... Uma invasão nephelibatica, era o que só lhe faltava para corôa de ridiculo...

Hoje, entre nós, no actual estado de coisas, ha apenas nephelibatas, tanto em politica, como na litteratura; bancarrota nas finanças, bancarrota nas ideias...

Deixemos isto e vamos ao assumpto.

* * *

Tratando dos *Novos* condensarei a minha apreciação em dois vultos da *claque* que mais se salientam: um, nephelibata por *pose*, de grandes melenas, Verlaine *manqué*, caminha deslumbrantemente á frente do *symbolismo* cá da terra, sobraçando as *pseudo-immortaes Flores Cinzentas*, *parto* prematuro d'um cerebro *abstruso* (como diria, sem erros de grammatica, o illustre São Thiago, preclaro director da preclarissima *Reacção*), — outro, nephelibata-mór d'estes reinos, tem *pose* e ha quem affirme que tem talento. E' o lord, o decano, o idolo dos nossos *escriptores modernissimos*... Se tem talento (o que é difficil d'apurar...) é elle o responsavel pelo desnorteamento das pedantescas creanças...

*

De Vasconcellos, hoje *alma anemica*, com *tosse pallida*, somnambulo descrente, sceptico, transviado, quasi a *suicidar-se*, ainda ha bem pouco tempo (que rapida metamorphose!) era apenas um gymnasta de merito, pensando unicamente em *mortaes*, (*saltos*, claro) e *christos* (estes *christos* não são os que o sr. Carlos de Lemos costuma *abrir* na sua litteratura biblico-burlesca...)—Como gymnasta, foi applaudido, como poeta, nem para tudo ha geito, recebe os applausos *freneticos* dos nullos e o *sorriso* acompanhado d'um encolher d'hombros significativo dos que vêem com olhos de... *barbaros*. Era um esperançoso gymnasta, na litteratura é um pobre cantagallo... Em gymnastica embasbacou as multidões com admiraveis *mortaes*, em litteratura faz detestaveis *Missas Negras!*...

Bom rapaz, quer ser conhecido, admirado, venerado; por isso, não conseguindo pelo cerebro conquistar a corôa de louros, do mesmo modo que Oliveira Mattos conquistou as *esporas dos ditos*, este versejador da Virgem Maria vale-se das exterioridades para alcançar o fim almejado...

.....

Vasconcellos, em o primeiro numero dos *Novos*, manifesta-se... e affirma-se.

Ora em geral, tratando-se de nephelibatas vale-me na distincção de prosa e verso a disposição typographica; todavia, com os *Novos*, desnecessario se torna recorrer a ella, por isso que o summario divide em duas secções (prosa e verso) a *apilarada* collaboração dos *afamados* e *primorosos* escriptores.

Apparece, nas duas, o nome do escriptor em questão: em prosa *Mysticismo*, em verso *Os poetas Novos*.

Estremeci ao lêr o *Mysticismo* (introducção d'um livro); num momento terrivel, vi que mais uma cilada se armára á esfarrapada litteratura; lembrei-me do Pinheiro e do prologo do Alva; li a *mystica* historia. De notavel, nada encontrei no *Mysticismo*, a não ser carradas de palavrões em *al* e uma *lande de côr doentia*.

Um dia, porém, o *castello ficou alegre* e a *lande mudou-se em parque repentinamente;* não me admirei, porque mais *repentinamente* o sr. Vasconcellos passou de gymnasta a poeta.

Depois do *canto claro das novenas*, a *alma*, lá vae, *a subir, a subir, para os ceus a subir, envolta na claridade indecisa do luar e do Mysterio*, e o Vasconcellos a descer, a descer, para a sensaboria a descer, envolto na escuridão do desconchavo...

No verso falla-nos de *Flores de Carne e Lyrios d'ouro;* é outro Fausto.....

.....

Já alonguei de mais...

Não posso, comtudo, terminar sem me referir aos srs. João da Rocha e Toy. Ao sr. João da Rocha, sinceramente o felicito por deixar inedito o seu livro *Angustias*. O melhor será não publicar o livro, porque a calcular pela série incommensuravel de *primores* que o seu artigo, a *Velhinha*, encerra... o tal livro devia ser *precioso!*

Diz o homem da velhinha: *a mão tremula, magrinha e branca, põe-se a abençoar, a abençoar...* Concordo que ella abençoaria tudo e a todos, excepto o illustre nephelibata e até que naquella hora solemne fosse assaltada pelo desejo de o mandar... á escóla.

Toy. (poesia) *Por alma do sol que Deus haja...*

Está tudo *muito lindinho*, louvado seja Deus... Mas áquelle toque dlim! dlam! dlim! dlam!... parece mesmo que sua ex.ª vae, campos fóra a tocar campainha, chamando o povo para a *Fonte dos Amores*... Não parece?

.....

.....

E que fiquem em paz e ás moscas...

Brauner.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite regula em Coimbra entre 1$040 e 1$050 réis, o decalitro.

*

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 305 — Dito amarello, 310—Trigo de Celorico, graudo, 560 — Dito tremez, 520—Feijão vermelho, 450 — Dito branco, 375—Dito rajado, 330—Dito frade 345—Centeio, 400—Cevada, 280 — Grão de bico, graudo, 680—Dito meudo, 650—Favas, 370 — Tremoços, 300.

*

O agio das libras a 1$360 réis; ouro portuguez, 27 por cento, prata grossa á $^{6}/_{2}$ por cento.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

AVISO

ASSEMBLÊA GERAL

Por ordem do ex.mo sr. presidente é convocada a Assembléa Geral a reunir em sessão extraordinaria no dia 17 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na casa da Associação dos Artistas; e quando não possa funccionar por falta de maioria, ficará transferida para o dia 24 á mesma hora e no local indicado.

Ordem dos trabalhos: — Julgamento de um socio por comprehendido na 1.ª parte do art. 45.º dos estatutos.

Coimbra, 12 de dezembro de 1893.

O secretario da assembléa geral,

Francisco Simões da Silva.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quartanista de direito, continua a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Marco da Feira, n.º 41.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

16 Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

IV

A Judia

— Sempre, Debora, sempre! disse Gedeão com esta emoção viva que dá a desgraça; mas que queres tu? é assim; entrego-me aos meus negocios sérios, aos meus amigos, e a esta mãe que substitue a que nós perdemos: a liberdade de Roma e dos judeus.

Debora parecia ter adquirido no commercio maus habitos de attitude; estava sempre curvada como uma mulher que desdobra peças d'estofo sobre um mostrador; um amplo vestido de lã roxa, sem feitio, envolvia-a, não a vestia; os seus cabellos apenas se percebiam debaixo das rendas d'uma coifa, presa por uma fita atada negligentemente; o seu rosto tinha esta expresão vulgar que dão os cuidados do commercio e os calculos repetidos das vendas a retalho.

Não era, para o irmão, a mulher que promettia a menina de Geneva; mas o irmão não ousaria communicar esta reflexão a sua irmã.

— Pareces triste, Gedeão, disse Debora emquanto arrumava uma fazenda; comtudo os negocios publicos caminham bem.

— Sim, Debora, respondeu Gedeão passeando agitado, mas os negocios particulares vão mal.

— Ah! comprehendo, Gedeão, tens dividas... Pois bem! supponho eu que nosso pae é mais rico do que parece, elle pagará tudo.

— Tomara eu ter dividas! disse Gedeão; seria isso uma distracção salutar, e eu bem preciso de distracções... Mas, Debora, porque me fallas tu em arabe? esqueceste por acaso o italiano e todas as outras linguas que sabes?

— Não, disse Debora embaraçada, é que me parece estarmos ainda em Tunis, quando te vejo, Gedeão; recordo-me da nossa mãe, da nossa infancia...

— Sim, disse Gedeão tristemente, em Tunis era eu bem feliz...

— Ainda tinhamos mãe, interrompeu Debora.

— E eu não tinha no coração nenhum outro amor, replicou elle.

Houve um momento de silencio; Debora abria caixas para se dar o trabalho inutil de as tornar a fechar.

— Porque motivo, Debora, deixaste cair a minha ultima phrase, tu, que me interrogas sempre?

— E' que não a entendi bem...

— Entendestel-a perfeitamente, Debora! mas é que as mulheres não se importam nunca com os nossos soffrimentos de alma, nem as nossas proprias irmãs.. E são ellas, todavia, que deviam consolar-nos, guiar-nos, instruir-nos em todos estes mysterios do coração, porque ellas sabem o que nós ignoramos.

— Se fallares sempre com essa clareza, disse Debora sorrindo, não poderei nunca instruir-te.

— Debora, minha irmã, venho hoje refugiar-me no meio da minha familia, como a ave ferida que procura o seu ninho. Soffro, Debora, e estou certo de ao menos encontrar aqui, entre os meus, uma piedade sincera, uma compaixão que nunca engana, como a que nos vem dos indifferentes.

— Sim, Gedeão, uma irmã nunca illudiu seu irmão, dizias bem.

— Debora, disse Gedeão, amo uma mulher, que o ceu creou para minha desgraça... Amo lady Stumley.

Um estremecimento percorreu o corpo de Debora; mas Gedeão não o notou.

— Gedeão, disse ella, quê! tu amas... essa senhora tão altamente collocada!...

— Sim, amo-a! Amo-a apezar da sua *coquetterie* odiosa! Sim, *coquetterie*, porque eu vi-a hontem, no baile, no momento em que ella entregava uma carta a Talormi.

— Que dizes, Gedeão? De que infame calumnia te fazes echo? disse Debora convulsamente.

— Agora, não sou echo de ninguem. Digo-te o que os meus olhos viram!... E elle gabou-se d'isso!

— Impossivel! impossivel!

— E muitos outros viram, como eu...

— Quem? nomeia-os.

— Bezzi, Van-Ritter, e ainda outros, se o exiges.

— Lady Stumley entregou um bilhete de amor ao conde Talormi! Não acredito... Lady Stumley merece a estima de todos pela sua bondade e pela sua virtude.

— Ah! como eu quereria acreditar-te, porque, apezar de tudo, ha um demonio que me obriga a amal-a!...

— Gedeão, não repitas isso... meu caro Gedeão, em nome de nossa mãe, é-te prohibido amar lady Stumley.

Gedeão abriu uns olhos de louco ao ouvir sair da bocca da sua irmã as mesmas palavras que lhe tinha dito lady Stumley.

Debora pareceu repetir a phrase com um aceno de cabeça ameaçador.

Ha palavras e situações que supprimam toda a resposta. Gedeão estava mudo diante de Debora, quando uma diversão favoravel mudou o aspecto d'esta scena domestica e se elevou de interesse.

Entraram alguns bufarinheiros com o ar mysterioso e entregaram cartas a Debora. O mais velho disse-lhe:

— Se tiver alguma coisa a dizer-nos, estaremos até á noite na osteria do Tibur.

E os bufarinheiros sahiram do armazem affectando o ar banal dos da sua profissão.

Debora ia lendo rapidamente as cartas recebidas, e chamou seu irmão que despertou em sobresalto.

— Não sabes, Gedeão, disse ella, como eu tenho tudo isto organisado.

Vem ver, approxima-te... Aqui está a minha correspondencia politica...

Monsenhor pacifico apprehende todas as cartas do correio, e eu tenho o meu correio particular; acabar de ver os meus empregados... Tudo caminha bem entre os nossos irmãos de Genova e de Liorne. Far-se-ão todos os sacrificios exigidos.

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros, — COIMBRA.

AGRADECIMENTO

Solina Fortunata de Moura Basto e Antonio José Moura Basto, agradecem, muito reconhecidos, a todas as pessoas que se dignaram dispensar lhes os seus obsequios por occasião do fallecimento de sua mãe e sogra, a sr.ª Maria da Conceição de Brito. Pedem desculpa de qualquer falta.

Coimbra, 12 de dezembro de 1893.

LIVROS

Annuncios *gratis* recebendo-se um exemplar.

HISTORIA DE

PORTUGAL

PELO

Doutor Henrique Schæfer

Professor de historia na universidade de Giessen

Vertida fiel, integral e directamente de original allemão por F. de Assis Lopes, continuada, sob o mesmo plano, até os nossos dias, por J. Pereira de Sampaio (Bruno).

Edição completa por um corpo de notas, ampliando corrigindo ou comprovando o texto pelo indefesso concurso, entre outros eminentes collaboradores, ex.ma sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, e dos ex.mos srs. Alberto Pimentel, Bazilio Telles, Bernardino Pinheiro, Delfim de Almeida, Henrique de Gama Barros, Joaquim de Vasconcellos, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas e Theophilo Braga.

Distribuição semanal de um fasciculo pelo preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A assignatura será egualmente paga no acto da entrega a 120 réis o fasciculo, franco de porte.

Assigna-se em todas as livrarias do Porto e no Escriptorio da Empreza Editora, rua do Bomjardim, 414, Porto; e em Coimbra, nas livrarias, França Amado, Paula e Silva e Mesquita.

Foi distribuido já o 16.º fasciculos

Noções geraes sobre os serviços do correio e telegraphos

Acompanhadas de todas as tabellas necessarias para a execução dos mesmos serviços, por Domingos J. da Silva, aspirante auxiliar dos correios e telegraphos, ajudante do fiel da estação central de Coimbra.

E' um livro muito curioso e util, em que o nosso amigo o sr. Domingos J. da Silva presta um relevante serviço ao commercio com a sua publicação.

Aconselhamol-o. E por 300 réis, que tanto é o seu custo, não se privam de um livro instructivo e bom.

Pedidos ao auctor e a Paula e Silva, rua do Infante D. Augusto, Coimbra.

Preço 300 réis; pelo correio 310; pagamento adeantado.

ANNUNCIOS

Por linha ..... 30 réis
Repetições ..... 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

Xarope peitoral de musgo e jujubas

DE

AUGUSTO DE BASTOS

188 É **remedio** infallivel em todas as molestias do peito, podendo reputar-se um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôr de peito, escarros de sangue, etc., etc.

Deposito geral, em Coimbra: nas Pharmacias, Bastos, largo do Castello, e Luzitana, Praça do Commercio.

Camara Municipal de Coimbra

191 A **camara municipal** manda annunciar que vende em praça, convindo o preço, no dia 4 do proximo mez de janeiro pelo meio dia, 240m²,0 de terreno junto á Guarda Ingleza, na estrada do Almegue, e 165,m³5 de muro, confrontando do poente, norte e sul com propriedades do convento de Santa Clara e nascente com a estrada municipal de Coimbra a Montemór-o-Velho.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 10 de dezembro de 1893.

O secretario da camara,
Adelino Augusto Vieira.

ANTIGA MERCEARIA

DE

Marques Manso, sobrinho

1—RUA DO CEGO,—7

COIMBRA

190 Esta casa montada nas melhores condicções de aceio, apresenta aos seus ex.mos freguezes o que melhor ha em generos de mercearia.

Assucares finissimos refinados com o maior esmero.

Chá verde e preto de finissimas qualidades.

Café torrado e moido da melhor qualidade de Cabo Verde.

Chocolate hespanhol de Mathias Lopes, francez e suisso.

Completa novidade em bolachas nacionaes e estrangeiras.

Especialidade em salchichas feitas espressamente para esta casa

Unico deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola, engarrafados e ao torno—*unica casa que trata directamente com a companhia.*

Tabacos das marcas mais finas, nacionaes e estrangeiras.

Completo sortido de ladrilhos em moisaico de desenhos elegantissimos, etc., etc.

Esta casa encarrega-se de mandar a casa dos seus ex.mos freguezes todos os generos comprados no seu estabelecimento.

Grandes viveiros de plantas americanas

MENEZES & CABAÇO

MERCEANA

182 R**izados** de Riparia, Rupestres, Solonis e Jaques.

Bacellos de Riparia, de todos os comprimentos que se deseje.

Enxertos das castas mais finas Europeas, em branco e tinto, de Riparia e Solonis.

Preços convidativos.

Recebe encommendas nesta cidade, Julio da Cunha Pinto, rua dos Sapateiros, n.os 74 a 80. — Coimbra.

CASA DE PENHORES

NA

CHAPELERIA CENTRAL

E**mpresta-se dinheiro** sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.

Rua de Ferreira Borges, 77 a 81 e Arco de Almedina, 2 a 6.

Juro modico, como podem exprimentar.

BOM VINHO

185 Na antiga esquadra da praça 8 de Maio, abriu-se bom vinho novo a 100 e 110 réis o litro.

Esta casa continua a fornecer jantares para fóra por preços muito baratos, garantindo a limpeza das comidas.

Vão provar o bom vinho.

REAL COMPANHIA VINICOLA

DO NORTE DE PORTUGAL

UNICO DEPOSITO

LARGO DA FEIRA, N.os 32 A 34

Grande desconto em todos os vinhos aos compradores.

1—RUA DO CEGO—7

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente. 31, 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

ROSA & VIEGAS

N. B.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

DEPOSITO DA FABRICA NACIONAL

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128, Rua de Ferreira Borges, 130

3 NESTE Deposito regularmente montado, se acha á venda, por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA)

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

COMPANHIA DE SEGUROS «TAGUS»

FUNDADA EM 1877

CAPITAL	FUNDO DE RESERVA
RÉIS 1.200:000$000	**RÉIS 91:000$000**

SEDE EM LISBOA

Effectua seguros contra o risco de incendio em predios, mobilias e estabelecimentos

AGENTE EM COIMBRA—JOSE' JOAQUIM DA SILVA PEREIRA

Praça do Commercio, n.º 14, 1.º

PINTOR

(OFFICINA)

SILVA MOUTINHO

Praça do Commercio—Coimbra

100 E**ncarrega-se da pintura de taboletas, casas, douração de egrejas, forrar casas a papel, etc., etc., tanto nesta cidade como em toda a provincia.**

Na mesma officina se vendem papeis pintados, molduras para caixilhos e objectos para egrejas.

Pichelaria conimbricense

DE

HENRIQUE CESAR DE LIMA

DO PORTO

15—ADRO DE CIMA—16

186 T**oma-se** conta de todo o serviço de canalisações d'agua e bem assim de assentamento de bombas de todo o systema, em Coimbra ou em qualquer outra localidade.

Fornecem-se e assentam-se: depositos automaticos para retretes e ourinoes, apparelhos e accessorios para ventilação, apparelhos para aquecer agua pelo systema de circulação applicavel a qualquer fogão de cozinha, caldeiras pára aquecer agua para banhos, torneiras e valvulas para toneis de vinho, filtros de repressão etc.

O annunciante é quem executa todos estes trabalhos, e para attestar a sua proficiencia neste genero faz publico que tem longa pratica nas conhecidas casas do Porto—J. Minchon, Herbet Cassels e Francisco da Cunha—alem de ter sido, durante tres annos, o encarregado do serviço de canalisações d'este municipio.

COMPANHIA DE SEGUROS

«FIDELIDADE»

FUNDADA EM 1835

Capital rs. 1.344:000$000

79 E**sta companhia,** a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias e estabelecimento.

Agente em Coimbra—Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 86, ou na rua das Figueirinhas, n.º 45.

Casa instaladora de canalisações

GERENTE

José Marques Ladeira

Antigo empregado da Companhia Conimbricense de Illuminação a Gaz

189 N**este** estabelecimento encontram-se á venda todos os materiaes proprios para canalisações de gaz e agua, taes como: lustres, braços de bronze e christal, globos, tubos de chumbo, ferro e borracha e torneiras de todas as qualidades.

Preços especiaes em torneiras e tubos de chumbo para agua; podendo as canalisações ser pagas a prestações.

9—RUA DE QUEBRA COSTAS—9

COIMBRA

MACHINA DE COSTURA

190 V**ende-se** uma excellente machina de costura, com pouco uso, systema *Memoria* podendo servir para alfaiate, sapateiro ou commercio.

Preço baratissimo.

Para tratar nesta redacção se diz.

Chromos e Kalendarios

UMA LINDA COLLECÇÃO

PAPELARIA CENTRAL

DE

FRANCISCO BORGES

2, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 4

Coimbra

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e administração

RUA DE FERREIRA BORGES, 83, 1.º

EDITOR

Antonio Augusto dos Santos

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno.....	2$700	Anno.....	2$400
Semestre....	1$350	Semestre...	1$200
Trimestre...	680	Trimestre...	600

ANNO II — Coimbra, 18 de dezembro de 1893 — N.º 148

O Defensor do Povo

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Portugal em evolução retrograda

II

Graças á grande e generosa revolução, tão grande e generosa que não sacrificou vidas nem derramou uma gotta sequer do sangue portuguez, graças á Constituição de 1822, Portugal deu um passo de gigante no largo e indefinido caminho do progresso, egualando, senão talvez excedendo as nações então politicamente mais cultas e civilisadas da Europa.

Por effeito da revolução liberal e beneficio da nossa primogenita Constituição democratica

succederam:

Á soberania de *direito divino*, á soberania patrimonio da realeza — a soberania de *direito humano*, a soberania nacional.

Á concentração e *absolutismo* do poder e da acção governativa nas mãos do *rei* e da *dynastia*—a separação e independencia dos poderes nas mãos dos eleitos do *povo*, representantes da *nação*.

Ás castas, ás ordens, ás classes, ao *clero*, á nobreza e á *arraya*-meuda, aos nobres e *plebeus*, aos cavalleiros e *peões* — a egualdade perante as leis, a liberdade politica e civil, a fraternidade moral, uma só palavra, uma só ideia, uma unica entidade — *o cidadão*.

*

Decretaram-se:

O reconhecimento, o respeito e a inviolabilidade dos direitos civis e politicos do homem e do cidadão, que têm por base a liberdade, a egualdade entre todos, a segurança da pessoa, do trabalho e do patrimonio de cada um.

Liberdade de reunião e associação.

Liberdade na manifestação do pensamento e da consciencia.

Liberdade e segurança no domicilio.

Liberdade e segurança na plena posse e fruição da propriedade.

Liberdade e segurança em todo o genero de trabalho, cultura, commercio, industrias, artes e sciencias.

Liberdade de petição a todos facultada e garantida.

Egualdade na admissão aos cargos publicos e respectivas funcções e concessão de recompensas aos que se tornarem dignos d'ellas por seus talentos e virtudes.

Egualdade perante as leis e perante os tribunaes.

Egualdade no imposto.

Egualdade nos beneficios da administração publica.

*

Aboliram-se:

Os previlegios hereditarios.

As perseguições occultas, as devassas clandestinas e os processos arbitrarios.

Os açoutes e as torturas, a marca de ferro quente e todas as demais penas crueis.

A confiscação dos bens, apanagio do absolutismo, glorioso tropheu da inquisição, expediente vulgar e rendoso do despotismo clerical.

A transmissão da infamia e da pena, além do delinquente.

*

A fórma do processo é accommodada a estas garantias e á nova organisação judiciaria, para salvaguardar a sociedade e para garantia segura dos direitos individuaes.

A instrucção publica generalisa-se; estende-se a todas as classes e a todos os logares; deixa de ser monopolio de clerigos e doutores, para ser dotação e patrimonio commum de toda a sociedade portugueza.

Estabelece-se a responsabilidade reciproca e solidaria entre governantes e governados, entre o povo e os seus representantes.

Collocam-se os direitos do cidadão e os actos do poder, sob a vigilancia incorruptivel da imprensa, submettem-se ao tribunal da livre discussão, expõem-se ao claro sol da publicidade.

*

A estes germens fecundos de civilisação e progresso vêm reunir-se:

A uniformidade e justiça no lançamento, distribuição e cobrança das contribuições e outros encargos.

A regularidade das nossas finanças e o estabelecimento normal e legal do credito publico.

A legislação administrativa e economica é fundida em novos moldes.

As leis criminaes adoça-as a philosophia do direito penal e a caridade evangelica, preparando a abolição das penas afflictivas e infamantes e a transformação de antros masmorras em escólas e officinas de regeneração.

As industrias recebem novos elementos de vida, novos alentos para se engrandecerem e prosperarem, quebrando pouco e pouco as prisões que as manietavam, os estorvos que tolhiam o seu progressivo desenvolvimento.

A terra liberta-se dos vinculos da amortisação.

O credito predial firma-se em sólidas bases, e só espera por instituições que o garantam e generalisem.

O desenvolvimento da viação e outros trabalhos de utilidade publica já não são para nós uma utopia, mas uma promessa garantida, uma esperança realisavel.

No mesmo bem merecido *patibulo* são imolados os frades, os morgados, os dizimos, o escandaloso parasitismo, com que os previlegiados de duas classes poderosas alimentavam a sua esteril ociosidade, com que sustentavam o seu funesto poderio, forjando dia e noite conspirações e ataques contra a liberdade, contra o progresso, contra a civilisação.

Poderiamos então exclamar diante, em presença de tão profunda revolução social como Montesquieu diante das ruinas da velha sociedade:

«*Le chêne antique fut abbatu et la face du pays renouvellée.*»

EMYGDIO GARCIA.

Chronica da Invicta

Todas as cidades têm o seu centro de má lingua onde a besbilhotice nacional vae, depois do almoço, saber a ordem do dia.

Em Londres o centro de má lingua é na Bolsa, naquelle edificio monumental que se ergue defronte da estatua do duque d'Wellington, fundida com o bronze dos canhões tomados aos francezes.

Em Paris o centro é o *boulevard* dos Italianos; passam e repassam ali todas as noticias, palpitantes, commentadas finamente pelo finissimo espirito francez.

Em Madrid — na cidade dos touros, das mulheres e das facadas — tem o seu club a má lingua no *Café Fornos*. D'ahi desagúa para a *Puerta del Sol* em torrente impetuosa de palavrões caracteristicamente castelhanos:

Caramba!
Carambita!
Canastros!
Canarios!

... E outros que o nosso circumspecto Antonio de Moraes e Silva, na sua Obra impeccavel, accusa de termos offensivos da moral publica... comquanto irrompam, por vezes, d'uns labios de rosa, d'uns labios deliciosos, que — *valga-me Dios!* — até parecem dar ao palavrão a suavidade d'um termo de amor...

Em Lisboa todos sabem que a besbilhotice do *Chiado* disputou, largo tempo, a primasia á besbilhotice do *Rocio*, com quartel general á porta do *Martinho*. Venceu, por fim, a besbilhotice... da *Avenida*.

Ahi, em Coimbra, capital da sciencia lusitana, creio que a má lingua não tem centro. A cada momento se póde applicar-lhe a phrase immortal: — *Anda coisa no ar...*

A má lingua varía de ponto de reunião conforme a occasião, a gravidade do assumpto, e o interesse em que o *boato* corra com força de lei ou se restrinja ao grupo *criticante*.

Ha ainda a notar uma divisão d'importancia: Má lingua da *alta*, e má lingua da *baixa*.

Tem-se notado a tendencia da primeira para o café *Lusitano*, e a tendencia da segunda para o restaurante do Antonio da *Feira*.

Aqui, no Porto, na cidade invicta, sempre nobre e leal e immaculada, ninguem ignora que o centro da má lingua é a Praça Nova, que de dia serve a curiosidade da *reportage*, e á noite protege o *epicurismo* dos philosophos do Amor — D. Pedro IV, *o 'Dador*, montado no seu rocinante de bronze, roido das ovas que o tempo foi minando nas pernas d'aquella besta gloriosa, assiste de dia ao esfusiar da piada maldizente, as farças do affecto, que elle, legislador e rei, julgou prevenir na vasta erudição que nos arraza de respeito naquellas paginas sublimes da sua *Carta Constitucional*.

Elle lá diz, no art. 145.º, § 2.º:

«Nenhum cidadão póde ser obrigado a fazer, ou a deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude da Lei.»

Ora o espirito humano (e especialmente o tripeiro) nasceu torto, e não ha lei que o endireite. Attrahe-nos o fructo prohibido, e em materia d'amor seduz-nos a illegalidade: é por isso que o D. Juan Tenorio da Praça Nova gosta de fazer ou deixar de fazer alguma coisa contra a disposição expressa da Lei, que — lá diz o § 2.º do mesmo artigo — não tem effeito retroactivo.

O amor nocturno tem effeito retroactivo.

Ora—reatando—dirigi-me á Praça Nova (de dia, bem entendido) a colher notas para a chronica com que hoje lhes roubo algum espaço do seu jornal.

Encontrei o mercado fraquissimo. A chuva gelada e a ventania agreste de dezembro pozera em debandada o grupo alegre dos piadistas da terra. Apenas, á porta da Havaneza, se fallava da companhia Verde (um fiasco!) e da dissolução (outro fiasco!)

Não admira que esteja na ordem do dia a *dissolução* num paiz de dissolutos.

Abster-me hei do assumpto.

Fallarei para a semana da companhia que se diz lyrica e que dá espectaculos comicos no nosso primeiro theatro: tal qual como o bando monarchico, que se diz senso, e representa farças

Por hoje fico aqui. Já lá vão quatro *linguados* e parece-me *peixe* de mais para os leitores que, na maioria, gostam de carne.

Porto, 14 de dezembro de 93.

RUY-BLAS.

Cartas de Lisboa

Dezembro 17

É hoje que se realisa a sessão magna do partido progressista.

O que sahirá d'esse congresso não o posso ainda saber, mas é facil de prever pelo que têm vindo annunciando os coripheus do sr. José Luciano, nos artigos dos seus jornaes ou nas suas proprias conversas particulares.

Hontem á noite fallei no Martinho com um deputado dos mais conhecidos do progressismo, e interrogando-o á cerca dos resultados provaveis do congresso d'hoje, respondeu-me que, custasse o que custasse, havia de ser votada uma moção repellindo qualquer accordo com o governo e o proposito firme de lhe fazer uma opposição tenaz.

Segundo a opinião demuita gente, vêm muitos congressistas animados dos maiores desejos de que nos seus circulos se faça o santo accordo entre os dois partidos, para combaterem os republicanos.

A maioria, porém, deseja que o partido encete guerra feroz contra o governo.

E a opinião do illustre deputado com quem fallamos, e parece nos, a final, que será a que ha de triumphar.

Isto não obsta, é claro, a que nalguns circulos se desprezem as resoluções do congresso d'hoje e se façam accordos vergonhosos entre o governo e os progressistas.

Seja como for, nós republicanos nada temos com esses actos de verdadeira indisciplina.

Os partidos monarchicos, que têm um ideal relativamente insignificante podem colligar-se, unir-se, fundir-se até, porque todos trabalham para o mesmo fim.

Os partidos avançados, como o partido republicano, é que nunca poderão unir-se com aquelles, porque o seu fim é diverso, o seu ideal muito superior.

... Escrevemos o periodo precedente com um fim determinado.

Ouvi fallar por ahi que os progressistas votando hoje guerra ao governo, pensam, comtudo, em estabelecer um accordo em certos circulos e nomeadamente em Lisboa, com o nosso partido.

Ora é justamente por isso que nós vamos desde já dizendo que os partidos avançados, principiando pelo republicano, não se podem aliar com monarchicos, seja para que fim fôr, porque os ideaes de um e outro divergem fundamentalmente.

Se eu quizesse fallar aqui dos prejuisos que nos têm vindo com os accordos que impensadamente e contra a vontade expressa da maioria do partido se têm feito, referir-me-hia ao ultimo que fizemos em 1890 quando elegemos com os nossos votos o sr. Fernando Palha, que então se apresentava com a taboleta de independente, e que nos pagou essa transigencia, que pessoalmente sempre combatemos, mandando publicar nos jornaes do seu partido, que os republicanos não tinham importancia nenhuma e que o *cheque* que o governo então soffreu tinha sido infringido não pelos nossos votos mas pelos dos progressistas!

Se eu quizesse referir-me a esse tristissimo accordo, perguntaria aos seus negociadores, que são os que actualmente andam trabalhando de sapa para o de agora, que serviços prestou o sr. Fernando Palha á democracia, ou mesmo ao paiz.

Mas não queremos antecipar juizos. Aguardamos os factos e então fallaremos.

Costumo inabalavelmente tomar a responsabilidade do que digo e dizer o que sinto.

O que não posso é, como republicano sincero e velho, consentir que o nosso partido o vá lançar na esteira dos partidos monarchicos e perfilhar os vicios d'estes.

Podem dizer que tomamos a nuvem por Juno. Eu direi que mais vale prevenir que remediar...

Até á semana.

Carlos Calixto.

Sciencias, Lettras & Artes

«REVISTA LIVRE»

Cresce, e anima-se, em alegres e sympathicas expansões de vida juvenil, a faina litteraria em Coimbra.

Já noticiámos, como boa e auspiciosa nova, o apparecimento de tres publicações academicas.

Todas ellas respiram mocidade e espalham perfumes de alegria.

E' de bom agouro esta febricitante e nervosa actividade mental, que se manifesta, e alastra convulsa no seio palpitante da actual geração academica!

*

Veiu á ultima hora visitar-nos, em trajes modestos e de uma simplicidade encantadora, a **Revista Livre**; e foi-nos muito agradavel a surpreza da sua affectuosa visita.

Ella não só respira mocidade, e communica á alma consoladoras alegrias; não só rescende inebriantes e suaves perfumes de poesia, enfeitam-a primorosas flôres de litteratura; derrama no ambiente fortificante e reanimador da sciencia reflexos vibrantes de luz, diffunde um certo calor, uma doce temperatura, que nos conforta e aquece o desalentado espirito.

*

Assim o prova o bello artigo — QUESTÕES RELIGIOSAS, habilmente vasado nas doutrinas renovadoras e scientificamente propheticas de

Guyau e do seu vulgarisador e apologista, o converso Alfred Fouillée, que bem poderia chamar-se o S. Paulo d'este novo Christo, que tambem morreu aos trinta e tres annos.

— A Carta Urbino, revela no seu auctor uma saluberrima orientação nas modernas theorias da anthropologia criminal lombrosiana e um certo conhecimento dos criminologistas renovadores d'este ramo do *Direito*.

E' a integração da hypothese *Urbino de Freitas* na these do egoismo criminoso, um caso particular de sordida avidez do ouro no facto geral da sêde insaciavel de riquezas, que pathologicamente affecta, e caraterisa uma *classe* numerosa.

Ha, por isso, um certo sabor de originalidade na concepção d'este escripto, correcto e elegante na fórma.

— E' penetrante e subtil, como a ponta de um bistori, a critica, incisiva e certeira, com a qual o sr. Mad. põe a descoberto as lesões organico-sociaes, que originaram e alimentam a chamada guerra de Melilla, sem duvida, um asqueroso abcesso maligno a suppurar deshumanidade e selvagismo no organismo delicado e culto, mas gasto e enfermo, da civilisada e cavalheirosa Hespanha.

O titulo é já por si só um profundo golpe de ironia, uma sarcastica punhalada vingadora, vibrada sobre as duas decadentes e retrogradas nações da Peninsula. O artigo vem encimado com esta inscripção — Nuestros Hermanos e los de Riff.

O pequeno, mas disciplinador artigo, syntethisa-se nos dois seguintes periodos, onde a verdade é do mais puro e transparente crystal, a justiça de ferro, e a moralidade córta com a segurança e presteza do mais fino diamante.

«Uns (los de Riff) têm por si a religião, a patria e a familiai tres preconceitos, mas tres precontos respeitaveis e engrandecedores, no estado semi-barbaro em que os riffenhos se encontram.»

«Outros (nuestros hermanos) têm por si a sustentação de uma corôa, as ordens de um rei, o direito da força e da oppressão.»

Realmente, sob este ponto de vista, deprimente e antipathico, a Hespanha official é bem a *irmã legitima* do Portugal monarchico.

*

Subordinado ao mesmo criterio e com o mesmo escalpello, nos apparece ligeiramente autopsiada a *politica* estrangeira e portugueza, em seus traços mais geraes e salientes, no artigo que se inscreve — Memorandum.

Em tão poucos periodos não se poderia mostrar, com mais graça e verdade, o que se vê á superficie e o que se esconde nas profundezas d'este oceano revolto da politica europêa, d'este pantano da politica portugueza, em que a *diplomacia* é symbolisada em um «laço de gravata dandysta» e a politica interna reductivel a uma «intriga banal» entre bacharelitos irrequietos, affectados de conservantismo palaciano, e os sectarios e admiradores basbaques de um certo Proudhomme d'Anadia, com pretensões a liberaes progressistas dentro dos limites da *Carta Constitucional*.

O que o sr. Mad. exhibe com o rotulo, sympathico e attrahente, — Fialho d'Almeida pareceu-nos exaggeradamente *realista*, de um realismo que incommoda e chega a escandalisar, pelo menos na linguagem mais ou menos libertina.

O *Germinal* de Zola ainda não alcançou entre nós curso livre e patente de alforria, posto que já esteja traduzido em portuguez *claro*.

E', não obstante, por vezes, austero na critica e severo na correcção.

Tem algumas verdades como punhos.

Tem razão o sr. Mad.

Entre nós desenvolveu-se a monomania dos louvores e dos vituperios, dos banquetes e das offerendas.

Uma especie de cultismo oriental invade a nossa banal e comica sociedade tanto nos dominios das sciencia e da litteratura, como nas regiões da politica e da administração publica.

Todos são ou querem ser deuses, messias, prophetas; todos são e querem ser heroes, magnos, supremos, santos e martyres; todos aspiram ás delicias da bemaventurança e ás glorias da apotheose.

Tem razão o sr. Mad.

Nós tambem aconselhariamos a todos e em tudo:

Mais trabalho e menos festas.

Mais obras e menos palavras.

Mais sciencia e inteira imparcialidade.

Mais justiça e menos lisongeria.

Mais religião e menos culto.

Menos hypocrisia e mais honestidade.

Tudo isto em prosa.

Das poesias fallaremos no proximo numero.

Interesses e noticias locaes

A bandeirola do elevador

Entrou nos usos e costumes politicos d'este paiz, dar ao povo em determinadas localidades o alegrão de melhoramentos, quando se faz tenção de bater á porta dos eleitores a pedir-lhes o voto.

A habilidade e astucia dos cabos de esquadra da politica local, desenvolve-se prodigiosamente, e eis que surge por toda a parte uma alluvião de empregados de fita metrica estendida, a *estudar* estradas, alargamento de ruas, tudo quanto póde inventar a pantomimice de homens affeitos a lograrem a inconsciencia do publico, que, por mais escaldado, não teme a agua fria da descrença.

*

Volta a fallar-se no encantado elevador, com o qual Coimbra havia de ser dotada, devido aos esforços de bizarros protectores; e, segundo dizem, são já tantos os projectos, que a difficuldade só está na sua escolha, por quanto sobeja o dinheiro, e não falta a boa vontade da parte dos organisadores d'este melhoramento de primeirissima ordem.

A ideia de se conduzir o elevador pela rua de Quebra-Costas, a sair da de Ferreira Borges, seguindo á Sé Velha, etc., falhou—por dispendiosa. Mas nem por isso se creou o desanimo no grupo enthusiasta dos iniciadores, e novos projectos, com novas directrizes, se fizeram, louvores a Deus e ao sr. João Franco.

E pelo que se diz e corre, o projecto que tem mais probabilidades de acceitação é o que dá como ponto de partida do elevador tambem a rua Ferreira Borges, entrando por uma porta da casa onde está a loja de barbeiro do sr. Leitão, em recta até a rua de Borges Carneiro e d'ahi em outra recta até á Feira.

E já se orçaram as expropriações que podem ficar em 15 contos de réis, uma ninharia, que por certo ha de levar a porto de salvamento esta *negaça*, que está fazendo luzir o olho á basbaquice indigena que ainda se *fia em sapatos de defuntos*.

Tudo isto era ouro sobre azul, mesmo realisavel a construcção do elevador; porém, prejudica-o a epocha em que se annuncia, em que se volta a fallar em uma coisa já quasi esquecida, esfriada, depois que se gosou a ventura de penetrar no *seio da representação nacional!*

Porque Coimbra está tão pouco acostumada a ter homens na politica, que zelem os seus interesses e promovam os seus melhoramentos, que é impossivel que ella aceite como moeda corrente, a realisação do elevador, como se pretende mostrar.

De promessas se está farto, de desenganos se está cheio, pois ninguem prometteu mais e melhor do que aquelles que agora estão nas cadeiras do senado conimbricense, a darem uma bem triste prova dos seus meritos administrativos e da sua sincaridade.

Se com tal doutrina, de que é prodigo o cathecismo da nossa politica, julgam poder cathequisar o publico de Coimbra, estão enganados; elle poderá dar-lhes o voto, mas agora, com a consciencia firme de que nada espera da vossa iniciativa.

Isto em Coimbra. O que não succederá em Castello Viegas, por exemplo, que acompanha tudo e todos só pela promessa de lhe levarem ao logar a estrada, que uma vingança d'outros politicos deixou por terminar.

Melhoramentos para Coimbra fallados e tratados em vesperas de eleições!

Ora essa! E que tal?!...

São tantos os boatos que correm ácerca dos futuros *paes da patria*, que os galopins hão de fazer sair das urnas eleitoraes d'esta cidade, que ao certo não podemos dizer o que ha de verdadeiro.

Affirmam uns que os amigos politicos do sr. Dias Ferreira, que foram os vencedores da ultima escaramuça eleitoral, pensam em apresentar a candidatura do desastrado *salvador* por este circulo; outros asseveram que os partidarios do sr. Dias Ferreira cairam com elle, pertencendo agora de corpo e alma á synagoga do sr. João Franco, que é quem tem o *az* de trumpho na *bisca* politica que se está jogando.

Como os factos hão de vir attestar a verdade, aguardamos os acontecimentos; comtudo deve ter sua graça assistir de repente á empalmação d'um grupo politico tão *promettedor*.

A camara municipal decidiu na sessão ultima representar ao governo, pedindo-lhe para que seja estabelecida novamente no bairro alto a estação telegraphica, attendendo ás necessidades dos seus habitantes.

A Associação Commercial, consta-nos, reunirá brevemente para tratar do mesmo assumpto e adherir ao pedido da camara.

A estação da alta, que foi supprimida por economia, facilmente encontrará acommodação em um dos estabelecimentos do Estado, evitando-se assim a despeza da renda da casa.

Nós confiamos nas eleições para o bom exito d'esta pretensão.

Pune o codigo penal que se aggridam filhos de outrem, como a boa moral não tolera que se veja a sangue frio um matulão a bater numa creança. Ora um guarda da policia, ao passar pela rua do Loureiro viu o padeiro Antonio Simões Peixeiro a bater num menor de 5 annos, filho de Elvira de Jesus; repugnou-lhe a brutalidade e admoestou o brutamontes, que não gostando da reprimenda, lhe dirigiu insultos e improperios.

E aqui está como um peixeiro, sem ter peixes, se deixa cair na rede d'um processo que vae ser instaurado em juizo, para onde foi a participação.

Estão concluidos os trabalhos de syndicancia a que procedeu a mesa da Santa Casa da Misericordia. Do minucioso relatorio, pelo sr. dr. Guilherme Moreira, zeloso provedor, se conclue que não houve naquelle importante estabelecimento de caridade extravio de capitaes, e que de 1869 em diante, periodo que comprehende a syndicancia feita, apenas se encontraram na escripturação uns pequenos lapsos.

Dizem-nos que é um trabalho minucioso, pondo bem em evidencia a honradez do cartorario, sr. José Simões da Silva, victima d'um infundado boato, que muito feriu a sua dignidade.

O sr. governador civil de Coimbra não irá, como se disse, desempenhar o cargo de procurador regio da relação do Porto, e demais agora, que o governo se vê em difficuldades para montar a machina d'onde ha de sair a *representação nacional*.

Chamadas ao commissariado e alli severamente reprehendidas, Maria da Piedade e uma Julia, do terreiro do Marmelleiro, que pozeram a pão e laranja Joaquina de Sousa Paula, que ouviu coisas do arco da velha, ditas por aquellas linguas de prata. A Paula não gostou da seribanda — que até offendeu a moral! — e queixou-se á policia.

Que a reprehensão aproveite á Julia e á Piedade, que deve ter piedade dos ouvidos castos dos seus semelhantes.

Tres casaes de vadios, que vivem do furto e do mais que se lhe depára, entraram em contenda rija. Causa d'isso, o dinheiro — uns 500 réis que Albertina, da Figueira da Foz, trazia na algibeira e que parece pertenciam á communidade.

Mas vamos a conhecer os restantes personagens d'esta scena. Maria dos Santos e Maria da Conceição, moradoras nesta cidade, comiam-se de inveja pela Albertina estar de posse dos cinco tostões, e reconhecendo as suas fracas forças para luctarem contra a argentaria, fallaram a tres companheiros, já com nomes de guerra: Julio Fernandes, o *Machabeu*; Marcelino, o *Cartola*; e Manoel Mattos, o *Piloto*, os quaes encontrando a Albertina em uma rua da alta, se lançaram a ella, arrancando-lhe a algibeira que guardava a fortuna appetecida.

Estes seis desgraçados são menores, sem familia que lhes dê alimento, e os eduque. O sr. commissario prestava um bom serviço, se podesse collocar esses desgraçados em alguma casa de beneficencia, pois que ainda estão em edade de se regenerar.

Deital-os outra vez a rua é lancal-os no caminho da perdição e do crime, por isso que lhes falta o amparo e o aconchego da familia.

Entrou no 3.º anno da sua publicação a *Gazeta Nacional*, d'esta cidade.

As nossas felicitações ao collega.

Um nosso collega rectifica a noticia que publicára, dando erradamente o sr. dr. Lourenço d'Azevedo, como o negociador da compra da quinta de Santa Cruz, que, como dissémos, fôra adquirida pela camara presidida pelo sr. dr. Souto Rodrigues.

Apraz-nos isso; e bom serviço prestava a camara municipal se podesse applicar a sua attenção para os variados projectos de melhoramentos que o sr. dr. Souto Rodrigues apresentou, e que foram recebidos com geral applauso da imprensa local e do publico.

Na reunião effectuada pelo centro progressista d'esta cidade, foram nomeados os delegados que o hão de representar na grande reunião do partido que se devia realisar hontem.

Foram indigitados os srs. dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco, dr. Antonio de Assis Teixeira, dr. Manoel Justino d'Azevedo e Antonio d'Almeida e Silva, que partiram no sabbado para a capital.

Fizeram, ha dias, exame de pharmacia na Universidade, os nossos amigos srs. Benjamim Neves, tabellião em Côja, e Domingos Pedrosa Vieira, da Figueira, ficando approvados *nemine*.

As nossas felicitações.

A maioria dos accionistas do theatro D. Luiz resolveram proceder ás obras necessarias para o funccionamento d'aquella casa de espectaculos.

Consta que será presente á auctoridade respectiva o projecto de reforma a fim d'esta o approvar, ou indicar as alterações que julgar indispensaveis.

Não queremos ser maldizentes mas tem-se dado coisas tão extraordinarias com os peritos que tem feito parte das commissões de vistoria áquelle theatro, que nos custa a acreditar que os accionistas consigam o que desejam.

Basta dizer que houve engenheiros que approvaram as obras de reformas, feitas por seu conselho e risco, e que decorridos mezes foram os proprios a condemnal-as. E neste *jogo* e nesta *comedia* se fez gastar á empreza exploradora muito dinheiro, para ultimamente se condemnar o theatro por absoluto, com a nova aggravante do local ser acanhado para o serviço publico.

Sempre havemos de ver o que sae d'esta embrulhada.

O sr. Antonio José Dantas Guimarães, acreditado negociante d'esta cidade, manda rezar missa na egreja de S. Thiago, na quarta feira, pelas 9 horas da manhã, em suffragio da alma do seu amigo, sr. Manoel Joaquim Guimarães, do Porto, que nesta cidade contava muitos amigos, a quem convida para assistir a este acto religioso.

Genaro Rey Varella é um hespanhol, preso nas cadeias d'esta cidade, e estava com outros presos na *enxovia*. Em breve embarcará para a Africa e esta viagem muito o penalisava.

Lembrou-se um dia de fugir da prisão, mas quasi succumbiu a essa ideia, pois não via por onde. No dia 13, porém, Varella, depois de dar muita volta ao miolo, descobriu que a parede que divide a prisão e a casa onde esteve a aferição de pesos e medidas, era fraca e lembrou-se de a perfurar.

Dito e feito; apresentou o plano aos companheiros que o approvaram e deitou-se mãos á obra naquella noite. Começou-se a esfaruncar na parede e esta a ceder, e em pouco tempo se arranjou um buraco em que Varella suppunha caber.

Auxiliado decerto pelos companheiros enfiou-se no buraco, e tantos esforços empregou para sair que se viu preso e entalado sem ser possivel livral-o de tão perigosa situação,

O Varella já não podia supportar as dores que estava soffrendo e começou por pedir soccorro; os presos ao verem aquillo avisaram a guarda, que chamou o carcereiro, tirando-se o homem que apresentava no corpo algumas escoriações e contusões.

Isto deu-se na madrugada de ante-hontem.

Suppõe-se que o buraco fôra aberto com o auxilio de dois canivetes que appareceram sujos de cal, e é acreditavel por quanto a parede é toda de caliça, esboroando-se facilmente.

O Varella, como os outros foram passados para outras prisões.

Alguns empregados da camara teem andado em medições metricas pelas ruas das Esteirinhas, largo da Sotta e circumvisinhanças.

O caso amotinou algumas moradoras d'aquelles sitios que já viam as suas habitações destruidas pelo camartello municipal, lastimando-se por não terem outros cubiculos que as recebessem.

— Se nos tiram d'aqui onde havemos d'ir ganhar para a renda da casa?

Um homem que passava poz esponja nas lagrimas do mulherio explicando-lhe que aquillo não valia umas cascas de alho e que era a isca para a pesca de votos nas proximas eleições.

— Ora ainda bem! Nesse dia toma o meu *Manel* uma carraspana de truz.

— Não que o sr. presidente de Coimbra é um santo homem; e não olha a despezas.

Garantimos a veracidade do dialogo, passado na rua dos Esteireiros.

O sr. Herminio Soares Machado, bacharel formado em Medicina pela nossa Universidade, desistiu de ser concorrente ao partido medico de Eiras, em consequencia de ir para outro partido medico.

Muito brevemente será discutido o novo projecto de estatutos da Associação dos Artistas.

Está-se procedendo á impressão do referido projecto que será distribuido pelos socios, que poderão apresentar quaesquer emendas.

Antonio da Costa foi gozar em um dia da semana passada, o espectaculo ao theatro dos *fantoches*, ás Ameias; mas nem tudo é gozo nesta vida, e o pobre homem, que riu á bandeiras despregadas ao ver o *Zé Povinho*, de estadulho em riste, a desancar meio mundo, achou-se de repente sem uma carteira com 2$900 réis em notas, além de uma chave e d'uma certidão d'edade.

Deixou o Costa os *fantoches* e foi queixar-se ao chefe da segunda esquadra, que principiou as suas diligencias. Com bom fundamento tornaram-se-lhe suspeitos os conhecidos vadios Francisco Maria dos Santos, das Lages; José Maria, o *Tia*; Antonio Maria Figueira e Manoel Cachopa, e quando os quatro primeiros regressavam d'uma divertida viagem a esta cidade, a policia estendeu-lhe mão protectora, chamando-os a apuro de contas.

E vieram a saber-se bonitas coisas: que haviam emprehendido uma viagem até Lisboa, a pé — são andarilhos! — porém, como fossem surprehendidos pela chuva, nas alturas do Senhor dos Afflictos, decidiram não seguir, concebendo a ideia luminosa de assaltar uma casa que alli ha, onde poderiam arranjar dinheiro que os levasse á capital; mas a sorte denunciou-os, e, sendo vistos, deram ás de villa Diogo.

Os mariolões negam ter roubado o Costa, mas confessam, que antes da viagem que fizeram a pé para o Porto, haviam conseguido entrar em casa d'um estudante, na rua do Loureiro, levando d'alli um relogio despertador e umas calças, que foram empenhar por 1$300 réis a um penhorista da rua Borges Carneiro.

A' vista de tão boas prendas e para descanço de quem tem feito tão grandes caminhadas, a policia enviou-os para juizo, onde lhes darão um premio no dia do julgamento.

Quanto ao Manoel Cachopa ainda não appareceu, mas lá tem a caminha feita, para quando se tornar visivel aos olhos da policia.

O nosso prezado collega *A Batalha* publicou no seu numero de quarta feira ultima o retrato do nosso estimavel e illustrado director politico, sr. dr. Manoel Emygdio Garcia, acompanhando-o de palavras de inteira justiça, que muito agradecemos.

Falleceu a sr.ª D Anna Augusta de Campos Paredes, uma santa velhinha, que teve vida repleta de virtudes, dando a seus filhos, que a adoravam, exemplos de acrysolado amor e de dedicada affeição.

Quem, como nós, conhece ha tantos annos esta respeitavel familia, póde bem avaliar quanto não seria dolorosa sempre, a perda d'esta boa senhora tão querida e tão estimada por seus filhos e netos.

Aqui consignamos o nosso pezar pela morte de tão virtuosa senhora.

Os nossos sinceros pezames á familia da fallecida.

Hontem, um dia explendido de sol, que fez sair de ponto em branco toda a cidade, a gozar os bellos passeios da estrada da Beira, Santa Clara, Jardim, etc.

Só os srs. velocipedistas pouparam as suas rutilantes machinas, não aproveitando este bello dia para a visita á Louzã, que os espera anciosa!

Foi uma falta o Gymnasio não ter organisado para hontem o passeio official annunciado. Uma falta e um mau gosto. Que nos desculpem a franqueza.

Cartas de Coimbra

O primeiro nephelibata da Lusa-Athenas

A proposito d'uns jornaes academicos que para ahi surgiram a *levantar o nivel* (como se dizia no meu tempo...), e que — aparte alguns trechos de reconhecido merito — inserem prosa e verso de senso duvidoso e nephelibatismo fragrante, lembra-me a apparição d'um celebre *Annuario Charadistico* (1885, Imprensa Progresso, Coimbra) ao qual, segundo creio, se deve attribuir a paternidade da escóla novissima na Lusa-Athenas. Era director do referido *Annuario* o mirabolante sr. Alfredo Henriques Gomes, pharmaceutico de 3.ª classe e litterato de 1.ª, com larga pratica de logogriphos-charadas, sonetos, cataplasmas, mésinhas e contos do mais apilarado estylo.

O livrinho marcou epocha, porque appareceu escripto em linguagem apocalyptica, propria para mysticos, e não dada a barbaros que esmoem e fallam como toda a gente.

Os raros, que andavam ruminando uma reforma, louvaram-no, exultaram de jubilo, e bradaram aos quatro ventos que — emfim! — tinham encontrado a fórma do seu pé.

Era aquella a linguagem que devia traduzir a sua ideia jenial, linguagem guindada á altura do extraordinario emprehendimento em que malucava, de ha muito, a *troupe* dos meninos sabios.

Ora o estylo do *Annuario Charadistico* era, realmente, obra apilarada.

E, se não, vejam essa amostra, que se encontra a paginas 28 e 29:

«ORIGEM DA CHARADA:

«No inexgotavel *Dictionnaire de l'antiquité*, do eminente historiador Emile Zolato, encontrámos a historia da origem narrativa e principal d'uma charada, nos seguintes termos:

«Henrique III, que empunhava elegantemente e com furor o *sceptro* francez, nos fins do futuro seculo passado, contrahiu com a duqueza de Chamberlin os laços secretos e occultamente amorosos, que deram pasto ás linguas maldizentes e viboricias de muitos homens do paço, e actuaram a mais estrondosa revolução, seguida de uma bernarda popular, de que ha memoria no Universo e ilhas adjacentes. O monarcha e a duqueza correspondiam-se por cartas amorosas formadas por inigmas de palavras a que chamavam *charada*, para que se alguma carta chegasse até a mão de algum cortezão este não podesse lêr o que elles diziam.

D'estes amores, illegitimamente clandestinos, que concorreram para a libertação do povo, nasceu uma gentil menina, toda graça e belleza, que recebeu na pia baptismal da egreja o nome de *Charada*, para perpetuar a memoria d'aquella correspondencia amorosa.

O sabio Alunqui, vice-rei da China, disse que a charada ainda havia de substituir o queijo flamengo da sobre-mesa.

Esta prophecia ha de realisar-se se a humanidade no seu correr incessante não perder o bom gosto moderno pelas epopeias lusitanas dos tempos indefinidamente remotos.

Alfredo Henriques Gomes.»

Já viram mais sciencia em tão poucas palavras?

Já viram palavras mais eloquentes, estylo mais original, fórma mais *nova?*

Ainda uma amostra do mesmo sr. Alfredo Henriques Gomes, glorioso fundador da escóla nephelibata, e pae (na arte) dos srs. Antonio Nobre, Eugenio de Castro, Alberto Pinheiro, Rosalino Candido de Sampaio e Brito, e outros poetas e prosadores de egual calibre: (¹).

(¹) Dás licença?

«PREAMBULANDO (Pg. 26)

Meus senhores e minhas senhoras

Depois d'impressa a folha que traz a phantasmagorica parte da secção charadistica, tão usada em todos os paizes avançados e retrogrados, e principalmente nas altas regiões pyramidaes das velhas nações empyricas e latinas do Oriente: — achamos por bem resolver publicar mais uma secção altamente altruista e significativa do nosso bom gosto moderno. Aceitae-a, pois, de boa vontade; e nós desde já promettemos inglobrittanicamente, apresentar para o anno futuramente vindo, uma secção mais desenvolvida e methodica em todos os pontos principaes e culminantes da theocracia portugueza.

O director,

Alfredo Henriques Gomes.»

Hein?...

Não encontram na prosa de Eugenio e Rosalino, no verso de Antonio Nobre e outros, a imitação do estylo do pharmaceutico-literatto de 3.ª classe?

Não é a mesma fórma?

Um soneto do *Só* ou uma pagina das *Horas* não reproduz o processo Henriques Gomes?

Vasemos nos moldes da poesia nephelibata um trecho da prosa Gomes, e digam-nos se Eugenio de Castro, Nobre, Pinheiro ou outros talento de semelhante força hesitaria em assignar a versalhada:

D'estes Amores brotou mui clandestinamente,
Illegalmente,
Infracciosamente,
Uma gôta de Luz, uma Menina auroral,
—Olhar dolente,
—Rir de Crystal,
—Fronte iriada,
Que foi a receber na Pia Baptismal
Da sua Freguezia—mui clandestinamente—
O nome de Charada!

Sina tétrica tem!
Sina tétrica tem!
Triste filha do Pae!
Triste filha da Mãe!
Seu nome perpetuou a Correspondencia malfadada!
(Ella tem o nome da Charada!
Seu nome perpetuou — bem triste herdança me herda,
Epistolas do pae e epistolas da mãe,
Naquelle Amor fatal, feroz... da mão esquerda!

*

Como esta vae longa, e a nephelibatice não vale o espaço precioso do *Defensor do Povo*, fecho aqui, agradecendo a publicação d'esta carta, e proclamando bem alto a gloria do fundador da Escóla Nephelibata, Alfredo Henriques Gomes, que é imitado, venerado... e talvez plagiado — oito annos depois da publicação do seu precioso *Annuario Charadistico*, livro para meditações...

STIFFELIO.

O Monitor pharmaceutico

Sabemos que para breve se prepara a publicação de uma revista de medicina, chimica e pharmacia, com o titulo acima, — que vem encher uma lacuna importante naquelles vastissimos ramos de sciencia.

O *Monitor pharmaceutico* terá collaboração dos nossos principaes medicos, chimicos e pharmaceuticos, de alguns estrangeiros, acompanhará todas as descobertas da sciencia, no estrangeiro, e pugnará sem treguas pelo levantamento das classes cujos interesses se propõe defender. Alem de isso, o *Monitor* dará mensalmente bellos retratos em gravura dos nossos mais notaveis homens de sciencia.

Em breve serão distribuidos os programmas d'esta nova publicação, cuja reconhecida utilidade julgamos desnecessario encarecer, e para a qual antevemos um futuro brilhante.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite regula em Coimbra entre 2$400 e 2$500 réis, o decalitro.

*

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 305 — Dito amarello, 310 — Trigo de Celorico, graudo, 560 — Dito tremez, 520 — Feijão vermelho, 450 — Dito branco, 375 — Dito rajado, 330 — Dito frade 345 — Centeio, 400 — Cevada, 280 — Grão de bico, graudo, 680 — Dito meudo, 650 — Favas, 370 — Tremoços, 300.

*

O agio das libras a 1$360 réis; ouro portuguez, 27 por cento, prata grossa a 1/2 por cento.

THEATRO DE D. LUIZ I

Convidam-se os socios d'este theatro que ainda não fizeram a declaração de quererem ou não assumir a decisão tomada em sessão da assembléa geral de 6 do corrente mez, a fazerem-no no praso de 8 dias contados da data d'este annuncio, sob pena de renunciarem á qualidade de socios, conforme o disposto no artigo 17, e §§ unico d'este mesmo artigo.

Coimbra, 16 de dezembro, de 1893.

O presidente da direcção.

Antonio Doria.

---

17 Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

IV

A Judia

Debora parecia não se lembrar da confidencia de Gedeão; parecia absorvel-a completamente a sua correspondencia politica com os seus correligionarios.

Alguns pobres judeus entraram depois; vinham agradecer a Debora os benificios de que ella os tinha accumulado da parte de lady Stumley, tão caritiva para elles. A este nome Gedeão levantou a cabeça e olhou fixamente para sua irmã, como para lhe pedir uma explicação.

— Sim, sim, disse Debora com ar mysterioso, tenho relações de beneficencia com lady Stumley. Para esmolas só nos devemos dirigir aos ricos, e esta ingleza opulenta ouve sempre as supplicas dos pobres...

— Debora, minha irmã, interrompeu Gedeão, que ella ouça as minhas, e teu irmão salvar-se-á!

— Pela ultima vez, disse Debora serenamente, te direi isto: a Gedeão Constantini é prohibido amar lady Stumley.

Gedeão levou as mãos aos olhos, e impellindo a porta do fundo, entrou em casa de seu pae.

Debora viu-o partir e não o chamou.

— Talormi! disse ella por entre os labios tremulos, o infame Talormi! Gabou-se de tal! E eu que julgava dever perdoar-lhe tudo, tudo esquecer!

No coração d'uma mulher ha vingança que chegue para tal crime! E nestas circumstancias estar obrigada para com tal homem!... Pobre lady Stumley!

Duas lagrimas humedeceram as faces de Debora, que as enxugou furtivamente á chegada d'uma freguezа bem conhecida e que não gostava de choros.

Era a loira e fresca Clelia, que servia de modelo aos artistas, para as extremidades sómente.

— Eh! bons dias, minha menina, disse ella ao entrar, venho fazer-lhe uma enfadonha visita, como sempre; verei muitas fazendas para não comprar nada.

— Mas isso é-lhe permittido, minha senhora, disse Debora; se os negociantes vendessem sempre, não seria negociantes no fim do anno, seriam freguezes.

— E' encantadora esta Deborasita! Que pena tu seres judia! Debora, se tu quizesses seguir os meus conselhos, eu fazia-te linda como a *madona della Sergiola*. Não tem nem sombra de *coquetterie!* Querida creança!... mas tome uns modos mais distinctos; vista-se como uma rapariga da sua edade. Quer que lhe mande a minha modista? Realmente, se assim continúa a fazer tão pouco caso de si, quando chegar aos trinta annos tem uma figura como a das selvagens de Vanicolo. A proposito d'estes paizes, mostre-me o que tiver de melhor em mantilhas albanezas, tapetes de Smyrna e chales do Levante.

— Sim, minha senhora, temos um bello sortido nesse genero.

— Realmente, nesta meia estação não sei o que hei de pôr sobre os hombros, ao domingo, para a ultima missa de Santo Ignacio, onde vae o alto mundo romano. Outro dia, vi em Villa-Borghese uma mantilha Albaneza de cores tão brilhantes, que nem me deixou dormir.

— Aqui tem minha senhora, um bello sortido d'essas mantilhas, disse Debora abrindo uma caixa.

— Soube por monsenhor, que falla emquanto dorme a sesta na minha sala, que os patriotas se agitam... Estas revoluções divertem-me pouco... Jubelin disse-me que ha de haver uma *vendita* na primeira noite. .

— Não falle em taes coisas senão em voz baixa, disse prudentemente Debora, olhando em volta de si.

— Eu!... sou capaz de fallar de cima dos telhados! Importo-me tanto dos esbirros como dos meus periquitos empalhados... Eu hei ir ver esse *vendita* com Jubelin... Se eu fosse rica comprava-te as mantilhas todas, só para não ter o trabalho de as escolher... Ora vê lá o embaraço em que me vejo agora, o meu confessor, o padre Vincenzo, morreu, e eu ando á procura d'um *a manica larga* para o substituir... Quanto custa esta?...

— O seu valor, quarenta escudos.

— Não é muito caro para quem os puder pagar. Sabe, que eu não pago nunca á vista?

— Oh! minha senhora, meu pae deposita em v. ex.ª a maior confiança.

— E seu pae tem razão; conhece as freguezas... E onde está elle, o bom Josué?

— Anda em viagem de negocio.

— Viaja muito?

— Oh! muito, minha senhora.

— E quando te procura elle um marido?... Isto fal-a corar? Como ella é feliz por corar assim! Até me faz lembrar o meu convento! Vamos, *carina*, dá-me um conselho; que devo eu levar esta noite ao theatro?

— Ponha esta mantilha...

— Sim, e que hei de eu levar no domingo á ultima missa?

— A mesma, mas do avesso.

— Bravo! tens espirito, pequena; a idéa é boa! Isso faz duas mantilhas, e não pago senão uma, suppondo-se que eu que a pago...

— Oh! minha senhora, nós não receia mos nada; pode levar tudo o que quizer.

— Que gentil!... Pois bem! decido-me por esta; mandal-a a minha casa ámanhã ás duas horas? Precisamente, é a hora de monsenhor Pacifico vir tomar chá.

— A'manhã lá estará, minha senhora.

— Adeus! minha pequena, disse Clelia batendo ligeiramente na face de Debora; encarrego me eu de te procurar um marido.

E Clelia saiu distribuindo todo o dinheiro miudo pelas creanças esfarrapas, que a esperavam á saida da loja.

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros, — COIMBRA.

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez *Typ. Operaria* Coimbra

ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas *Typ. Operaria* Coimbra

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição *Typ. Operaria* Coimbra

ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em côres *Typ. Operaria* Coimbra

BILHETES de visita Qualidades e preços diversos *Typ. Operaria* Coimbra

LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato *Typ. Operaria* Coimbra

IMPRESSOS PARA repartições publicas *Typ. Operaria* Coimbra

CARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro *Typ. Operaria* Coimbra

AVISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. *Typ. Operaria* Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

LIVROS

Annuncios *gratis* recebendo-se um exemplar.

HISTORIA DE

PORTUGAL

PELO

Doutor Henrique Schæfer

Professor de historia na universidade de Giessen

Vertida fiel, integral e directamente de original allemão por F. de Assis Lopes, continuada, sob o mesmo plano, até os nossos dias, por J. Pereira de Sampaio (Bruno).

Edição completa por um corpo de notas, ampliando corrigindo ou comprovando o texto pelo indefesso concurso, entre outros eminentes collaboradores, ex.ma sr.a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, e dos ex.mos srs. Alberto Pimentel, Bazilio Telles, Bernardino Pinheiro, Delfim de Almeida, Henrique de Gama Barros, Joaquim de Vasconcellos, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas e Theophilo Braga.

Distribuição semanal de um fasciculo pelo preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A assignatura será egualmente paga no acto da entrega a 120 réis o fasciculo, franco de porte.

Assigna-se em todas as livrarias do Porto e no Escriptorio da Empreza Editora, rua do Bomjardim, 414, Porto; e em Coimbra, nas livrarias, França Amado, Paula e Silva e Mesquita.

Está publicado o 1.º volume.

Preço, avulso, 2$000 réis.

Noções geraes sobre os serviços do correio e telegraphos

Acompanhadas de todas as tabellas necessarias para a execução dos mesmos serviços, por Domingos J. da Silva, aspirante auxiliar dos correios e telegraphos, ajudante do fiel da estação central de Coimbra.

E' um livro muito curioso e util, em que o nosso amigo o sr. Domingos J. da Silva presta um relevante serviço ao commercio com a sua publicação.

Aconselhamol-o. E por 300 réis, que tanto é o seu custo, não se privam de um livro instructivo e bom.

Pedidos ao auctor e a Paula e Silva, rua do Infante D. Augusto, Coimbra.

Preço 300 réis; pelo correio 310; pagamento adeantado.

ANNUNCIOS

Por linha ..... 30 réis
Repetições ..... 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

Xarope peitoral de musgo e jujubas

DE

AUGUSTO DE BASTOS

188 É **remedio** infallivel em todas as molestias do peito, podendo reputar-se um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôr de peito, escarros de sangue, etc., etc.

Deposito geral, em Coimbra: nas Pharmacias, Bastos, largo do Castello, e Luzitana, Praça do Commercio.

ANTIGA MERCEARIA

DE

Marques Manso, sobrinho

1 — RUA DO CEGO, — 7

COIMBRA

190 Esta casa montada nas melhores condicções de aceio, apresenta aos seus ex.mos freguezes o que melhor ha em generos de mercearia.

Assucares finissimos refinados com o maior esmero.

Chá verde e preto de finissimas qualidades.

Café torrado e moido da melhor qualidade de Cabo Verde.

Chocolate hespanhol de Mathias Lopes, francez e suisso.

Completa novidade em bolachas nacionaes e estrangeiras.

Especialidade em salchichas feitas espressamente para esta casa

Unico deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola, engarrafados e ao torno — *unica casa que trata directamente com a companhia.*

Tabacos das marcas mais finas, nacionaes e estrangeiras.

Completo sortido de ladrilhos em moisaico de desenhos elegantissimos, etc., etc.

Esta casa encarrega-se de mandar a casa dos seus ex.mos freguezes todos os generos comprados no seu estabelecimento.

VIOLEIRO

53 **Augusto Nunes dos Santos,** successor de Antonio dos Santos, premiado na exposição districtal de Coimbra, em 1884, com a medalha de prata; e na de Lisboa de 1890, participa que se faz nesta officina, a mais acreditada d'esta arte, toda a qualidade de instrumentos de corda concernente á sua arte; assim como os concerta com a maxima perfeição, como tem provado ha muitos annos.

Tambem vende cordas de todas as qualidades para os mesmos instrumentos.

Preços muito resumidos.

RUA DIREITA, 18 — COIMBRA

AOS AGRICULTORES

181 **João Vieira da Silva Lima,** rua dos Sapateiros, Coimbra.

Tem para vender qualquer porção de bacello americano das melhores qualidades já experimentadas em suas propriedades nos suburbios de Leiria, taes como:

Riparias — Rupertis — Solonis.

Estes bacellos são os que melhor teem provado; e por isso mais recommendaveis. Para grandes remessas faz-se mais reduzido preço tantos aos barbados, para plantar já, como ás estacas para viveiro ou de metro.

Presta esclarecimentos para a cultivação.

LECCIONISTA

174 **Ernesto Boucachard'fils** ex-ajudante do distincto professor de francez Mr. Charles Pons, Lisboa, offerece os seus serviços nesta cidade. Prontifica-se a ensinar EM 6 MEZES: Conversação, escripta, leitura e traducção do idioma, em casa dos alumnos. Preços e hora convencionaes.

Para informações, Casa Leão d'Ouro, rua Ferreira Borges. Coimbra.

XAROPE DE PHELLANDRIO

COMPOSTO DE ROSA

5 **Este** xarope é efficaz para a cura de catharros e tosses de qualquer natureza, ataques asthmaticos e todas as doenças de peito. Foi ensaiado com optimos resultados nos hospitaes de Lisboa e pelo conselho medico do Porto, bem como pelos principaes facultativos da capital e das provincias, como consta de 41 attestados que acompanham o frasco.

Vende-se nas principaes pharmacias do reino. Deposito geral — Lisboa, pharmacia Rosas & Viegas, Rua de S. Vicente, e 31 33 Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª Porto, pharmacia Santos, rua de Santo Ildefonso, 61, 65.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 ARMAZEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fora.

PREÇOS COMMODOS

REAL COMPANHIA VINICOLA

DO NORTE DE PORTUGAL

UNICO DEPOSITO

LARGO DA FEIRA, N.os 32 A 34

Grande desconto em todos os vinhos aos compradores.

1 — RUA DO CEGO — 7

COMPANHIA DE SEGUROS «TAGUS»

FUNDADA EM 1877

CAPITAL	FUNDO DE RESERVA
RÉIS 1.200:000$000	**RÉIS 91:000$000**

SEDE EM LISBOA

Effectua seguros contra o risco de incendio em predios, mobilias e estabelecimentos

AGENTE EM COIMBRA — JOSE' JOAQUIM DA SILVA PEREIRA

Praça do Commercio, n.º 14, 1.º

PINTOR

(OFFICINA)

SILVA MOUTINHO

Praça do Commercio — Coimbra

100 **Encarrega-se da pintura de taboletas, casas, douradas, ações de egrejas, forrar casas a papel, etc., etc., tanto nesta cidade como em toda a provincia.**

Na mesma officina se vendem papeis pintados, molduras para caixilhos e objectos para egrejas.

CASA DE PENHORES

NA

CHAPELERIA CENTRAL

Empresta-se dinheiro sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.

Rua de Ferreira Borges, 77 a 81 e Arco de Almedina, 2 a 6.

Juro modico, como podem exprimentar.

Grandes viveiros de plantas americanas

MENEZES & CABAÇO

MERCEANA

182 **Raizados** de Riparia, Rupestres, Solonis e Jaques.

Bacellos de Riparia, de todos os comprimentos que se deseje.

Enxertos das castas mais finas Europeas, em branco e tinto, de Riparia e Solonis.

Preços convidativos.

Recebe encommendas nesta cidade, Julio da Cunha Pinto, rua dos Sapateiros, n.os 74 a 80. — Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS «FIDELIDADE»

FUNDADA EM 1835

Capital rs. 1.344:000$000

79 **Esta companhia,** a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias e estabelecimento.

Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 86, ou na rua das Figueirinhas, n.º 45.

Casa instaladora de canalisações

GERENTE

José Marques Ladeira

Antigo empregado da Companhia Conimbricense de Illuminação a Gaz

189 **Neste** estabelecimento encontram-se á venda todos os materiaes proprios para canalisações de gaz e agua, taes como: lustres, braços de bronze e christal, globos, tubos de chumbo, ferro e borracha e torneiras de todas as qualidades.

Preços especiaes em torneiras e tubos de chumbo para agua; podendo as canalisações ser pagas a prestações.

9 — RUA DE QUEBRA COSTAS — 9

COIMBRA

APRENDIZES DE ENCADERNADOR

193 **Precisam-se** na officina de Alberto Vianna.

Sé Velha — COIMBRA

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e administração

RUA DE FERREIRA BORGES, 83, 1.º

EDITOR

Antonio Augusto dos Santos

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		*Sem estampilha*	
Anno.....	2$700	Anno.....	2$400
Semestre....	1$350	Semestre...	1$200
Trimestre...	680	Trimestre...	600

ANNO II — Coimbra, 21 de dezembro de 1893 — N.º 149

O Defensor do Povo

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Portugal em evolução retrograda

III

Em o nosso anterior artigo dissémos, em largos traços, o que a Nação Portugueza começou a ser com a sua primeira revolução liberal e depois com a Constituição democratica, que a mesma revolução produziu.

Eis em relevo a sociedade monarchica, a sociedade theocratica anterior a 1820; eis a sociedade liberal e democratica, inaugurada entre nós em tão gloriosa data, decompostas nos seus elementos, confrontadas nas suas bases, medidas nas suas aspirações.

Eis a obra da revolução liberal e da constituição democratica.

São estes os artigos da nossa fé politica.

Deveria ser este o programma dos governos liberaes, que sinceramente pretendessem, e efficazmente quizessem *regenerar* e fazer *progredir* a nação.

*

Aonde foram parar, ao cabo de *setenta annos*, todas essas conquistas, tantas e tão gloriosas victorias da democracia portugueza?

Como desappareceram, e aonde foram summir-se todos esses beneficios, todas essas garantias de liberdade e justiça?

Para onde foi tudo isso?

Qual foi a voragem que o tragou?

—A monarchia e os partidos monarchicos.

Que fizeram a tudo isso os *regeneradores*, os *progressistas*, os *constituintes*, toda essa gente, todos esses governos *partidarios* e *ex-partidarios*, que nestes ultimos annos têm *dirigido* os destinos e *gerido* os interesses da Nação, ditado e executado as leis a seu alvedrio e belprazer, sem peias nem responsabilidades?

—Sophismaram, estragaram, annullaram tudo, corromperam e destruiram tudo.

É o que por ahi se diz, e por toda a parte apregoa; é o que *elles* proprios confessam, e declaram em suas invectivas e recriminações.

*

Que temos nós hoje em troca do que havemos perdido, e nos roubaram?

Temos:

O poder pessoal do rei e a influencia occulta e mysteriosa da côrte e seus familiares.

A oligarchia dos partidos, desmantellados em facções de ambiciosos, pela maior parte ineptos.

A arbitrariedade ministerial, a omnipotencia do executivo e a centralisação administrativa.

Suspende-se, fecha-se, corrompe-se e annulla-se o parlamento; supprime-se a representação nacional, e decreta-se a dictadura permanente, formal, aberta ou dissimulada.

*

Substitue-se:

Á liberdade de imprensa — o garrote da palavra e o sequestro da livre discussão.

Á liberdade de reunião e de associação — a espionagem inquisitorial da policia, elevada a *quinto* poder do Estado, e o mandado de dissolução arbitraria, com honras de preceito constitucional.

Á egualdade perante as leis — a restauração dos antigos privilegios e das mais odiosas excepções, a impunidade dos grandes criminosos e a glorificação dos grandes devassos.

Á liberdade de industria e á emancipação do trabalho nacional — os monopolios, as regies, o proteccionismo em favor de syndicatos e negociatas escandalosas, em as quaes levantam enormes lucros e percentagens fabulosas os grandes politicos, os *trumphos*, os ministros effectivos e honorarios, os pares e deputados influentes e poderosos.

Com manifesta violação das leis e affronta da liberdade religiosa, com grave prejuizo da educação e da moralidade — multiplicam-se as associações reaccionarias, fundam-se conventos, organisam-se congregações monasticas de um e outro sexo; campeia o *jesuitismo* devastador, não só nas aldeias em contacto com a ignorancia e com a miseria do povo, mas tambem nas grandes cidades, na propria capital em convivio com a *illustração* e magnificencias da aristocracia!

. . . . . .

. . . . . .

E em tudo o mais assim.

*

Por isso, concluindo, repetimos:

Portugal, é hoje simplesmente uma nação em evolução retrograda.

A sua queda desastrosa e a sua total ruina serão inevitaveis, se de prompto lhe não acudirmos.

Não é sómente com a reforma da *Carta* e com a revisão das leis *constitucionaes* que lograremos salvar a Nação.

É com a sua completa substituição, começando por eliminar a *monarchia*, os seus accessorios, odiosas prerogativas, anachronicos e absurdos previlegios.

Precisamos reformar e regenerar os costumes publicos; pôr um dique á torrente devastadora da especulação e do devorismo burguez e financeiro; reprimir o egoismo dos interesses e a desordenada ambição dos lucros; vasar a sociedade e as instituições, os trabalhos particulares e os serviços publicos, as leis e as garantias nos moldes scientificos do *socialismo integral* e *cooperativo*, que por toda a parte se impõe com a força irresistivel, com o imperio despotico de uma necessidade indomavel e inilludivel.

*

Não imitemos a França e muito menos a Allemanha.

A grande nação e o famoso imperio vão por caminhos errados e tortuosos.

Acompanhemos a evolução nacional, retomando-a em 1822, guiados pela sciencia; e onde a evolução e a sciencia não possam galgar barreiras e destruir obstaculos, empreguemos resolutos as energias explosivas da *revolução*, que a sciencia não póde applaudir, mas tolera, consente e em certos casos justifica, e sanciona por necessaria e inevitavel na realisação da fatalidade evolutiva, a qual domina as transformações de toda a natureza e, por isso, das sociedades humanas, como suprema e soberana lei do seu movimento e destino.

Se a **Republica** é necessaria, é inevitavel como transformação revolucionaria provisoria, só o **Socialismo integral cooperativo** poderá dar-nos a transformação organica definitiva.

EMYGDIO GARCIA.

POLITICA INTERNA

SUMMARIO — O grande acontecimento da semana — A reunião magna do partido progressista — Opiniões antagonicas e alvitres contradictorios — Em favor da corôa e contra a corôa — No sentido da *abstenção* e no sentido da lucta eleitoral — Tudo se applaude, tudo se louva — Conclusões e synthese.

O facto, mais comicamente estupendo e tragicamente fabuloso da mythologica politica portugueza, foi a *notavel* e apparatosa reunião *magna* do partido progressista, celebrada com enthusiasmos e pompas nunca vistas, dentro dos muros da famosa cidade de Ulysses, para traçar planos de guerra e preparar as hostes aguerridas dos troyanos contra os gregos, que entre si disputam a gloria de salvar a monarchia.

Um delicioso manjar oppilante, servido na lauta mesa da politica monarchica, para obstrucção de fastientos e enfartamento de gulotões insaciaveis.

Sim, um espectaculo divertido e um banquete ruidoso. Segundo nos consta, tudo correu ás mil maravilhas, a sabor e a contento dos numerosos convivas, actores e comparsas da capital e da provincia; espectaculo em que não faltaram as scenas commoventes e arrebatadoras da tragica indignação contra o rei tyranno e o seu despotico e omnipotente governo, as peripecias comicas e os lances jocosos e grotescos da *farça* patriotica, terminando com o costumado final do *voto de confiança* na experimentada sabedoria e providencia dos deuses, votos de louvores e offerta de incenso em honra dos heroes. Tal qual o previram as *Novidades*, e foi annunciado nos cartazes.

×

Eis o caso:

Os *progressistas*, antigos commerciantes de *quinquilherias* politicas a retalho e grande variedade de *meudezas* financeiras e administrativas, desesperados de lhes haverem fechado, por carta regia, o *mercado* de S. Bento, isto é, desorientados com a inesperada dissolução das camaras, que lhe inutilisou calculos e mallogrou planos, vendo diante de si e como ultimo recurso uma proxima *feira* eleitoral, tratam de armar barracas e expôr nas velhas estantes e afumadas vitrines e de apregoar, cada qual aos seus *freguezes*, os generos e artigos, proprios da occasião, um pouco já desmerecidos e avariados pela demorada armazenagem e falta de saída.

×

Reuniu-se, com effeito, em sessão plenaria, o partido progressista, presidido pelo seu pontifice maximo *in partibus infidelium*.

Correram a tomar assento no concilio encomenico dos monarchicos *orthodoxos*, os representantes de todas as communidades e confrarias d'aquella antiga, *historica* e *reformada* egrejinha monarchica. Os que não foram em pessoa, enviaram epistolas congratulatorias, e os que nem foram nem escreveram, suppõe-se haverem adherido tacitamente ás suas soberanas e infalliveis decisões, inspiradas no mais generoso e santo espirito partidario e determinadas pelo mais acrysolado amor ao *rei* e ás instituições *vigentes*.

×

Congregou-se, pois, em sessão plenaria o *grande* partido, não para salvar o paiz da multipla e temerosa crise que o desalenta e de ha muito o traz prostrado, para evitar a ruina total que o ameaça; mas para salvar a *corôa* dos perigos a que a arrastaram.

Assim o annunciou, e definiu *ex cathedra* o venerando e *venerado* presidente José Luciano, o primeiro entre os primeiros na fé e no fervor monarchico, continuando, assim e por esta fórma, a *politica dynastica* a subordinar e a absorver a *politica nacional*.

Não se reuniu o partido progressista para estudar, discutir com sciencia e resolver conscienciosamente, de um modo positivo e pratico, os graves problemas politicos e financeiros, as delicadas questões economicas e *sociaes*, que nos apertam em um circulo de ferro, e se nos impõem com a maior e mais instante necessidade; mas para tratar de eleições e traçar planos de campanha contra os *infieis* e barbaros regeneradores na proxima refrega eleitoral; como se os partidos politicos não podessem ou não soubessem fazer outra coisa, se não eleger deputados, para logo depois addiar e dissolver as camaras e decretar dictaduras, com o fim de fazer e decretar, á vontade, contrasensos politicos, disparates administrativos e tolices financeiras, governando-se os ministros *pela sua cabeça*, como se tem governado, e ainda ha pouca nos governou aquelle inexcedivel charlatão Dias Ferreira, heroe entre os heroes, heroe primeiro, heroe na asneira.

O que mais nos deu no gôto de quanto nos consta se passára na reunião progressista, foi a série de desconcertadas affirmações, declarações e propostas que alli se fizeram e votaram.

Um cumulo! Senão vejam.

×

O sr. José Luciano affirma, e declara em seu nome e do seu partido, — que elle sempre quiz, e sómente quer «salvar a corôa em perigo imminente.»

A assembléa applaudiu em expansões de enthusiasmo.

O sr. Oliveira Monteiro proclama, alto e bom som em seu nome e em nome dos progressistas do Porto e, por isso, do Norte — «que não ha reformas que valham contra os caprichos da corôa e ser esta (a tal corôa) a unica responsavel por todos os desacatos.»

A assembléa, rugindo furiosa applaude com ruidosas manifestações de agrado e assentimento as palavras e as affirmações do Demosthenes portuense *contra a corôa*.

Nenhum orador levantou essa tremenda accusação e por fim e não sabemos se por unanimidade a assembléa sancciona e decreta um voto de louvor ao galhardo e corajoso paladino Oliveira Monteiro *pela sua attitude na sessão*.

×

Este mesmo louvado e glorificado orador mostrou — que, no sentir e dizer da *provincia*, os dois partidos, *regenerador* e *progressista*, de tal modo se uniram e baralharam, têm vivido tão amigavelmente, que já se não comprehende a differença entre estes partidos.»

Os srs. Alpoim, o terrivel expugnador de Badajoz e Eduardo Coelho, cujos discursos são bombas de dynamite, declaram, e affirmam — que os dois partidos são inimigos fidagaes um do outro, e pregam, em rajadas de brava eloquencia e inflammados projectis de rhetorica revolucionaria, a guerra santa, a cruzada eleitoral, intransigente, exterminadora contra os infieis regeneradores seus inimigos na posse do santo *sepulchro* da *moralidade* e da *justiça*.

A maioria da assembléa que os ouvira com frieza e desdem, tendo applaudido freneticamente a catilinaria contra a corôa e a abstenção proposta por Oliveira Monteiro, por fim — vota a lucta desesperada e a guerra a todo o calibre, commandada por aquelles dois terriveis Godofredos.

O sr. Oliveira Monteiro, o denodado censor da corôa, o abstencionista convicto e inabalavel momentos antes, reconsidera, e declara em nome dos progressistas da cidade invicta — «perfilhar e applaudir as ideias do sr. José Luciano que só tem em vista e a peito salvar a corôa e... fazer eleições!»

. . . . . .

O diabo que os perceba, e que os leve para as profundezas da incoherencia, do paradoxo e do absurdo pyramidal, em que andam perdidos e desnorteados estes desastrados paladinos da corôa, phantasticos defensores das instituições, e que levem comsigo a tal corôa e as taes instituições, na certeza que nem elles nem ellas nos deixarão saudades.

×

Em conclusão ficou assentado na reunião progressista:

1.º Que é preciso, primeiro que tudo e mais do que tudo, salvar a corôa.

2.º Que a corôa é causa e origem unica de todos os nossos males e desacatos.

3.º Que a dissolução foi um acto inconstitucional e revoltante do poder *pessoal* do rei.

4.º Que a abstenção é coisa boa; mas que a lucta sem treguas é excellente.

5.º Que o partido progressista não fez uma unica affirmação de principios, não indicou meios alguns de resolver como governo as grandes e urgentes questões que se ligam á ordem e ao progresso nacional.

6.º Que o partido progressista em nada differe do partido regenerador; são uma e a mesma coisa, tanto em principios politicos, como em processos administrativos. Um e outro não passam de grupos de ambiciosos, que unicamente se preoccupam com os seus interesses egoistas, e tratam de alimentar os syndicatos de que fazem parte e as negociatas de que auferem lucros.

7.º Não obstante a identidade de principios e a uniformidade de processos, regeneradores e progressistas, disputam com inveja e sofreguidão a posse do supremo poder e o exercicio da suprema auctoridade.

8.º Que a politica dos *accordos* e dos *arranjos* continuará a prevalescer, e será rigorosamente observada e fielmente cumprida nas proximas eleições, tanto no que respeita á escolha de candidatos como á partilha de votos.

9.º Que os chamados representantes da provincia, apenas *representaram* na comedia o papel de comparsas; um bando de *illudidos*, testas de ferro, guarda costas, degrau para treparem os figurões da capital, velha e desprezivel alcatifa que os magnates pisam, e a que esfregam as botas para entrar no paço e adularem o rei e lisongeando a côrte subirem aos conselhos da corôa, pela porta do parlamento, embora para o conseguir tenham de praticar as maiores indignidades, repugnantissimas baixezas, acções indecorosas, ruinosos escandalos politicos e financeiros.

Isto e só isto é o que se poude apurar e concluir, segundo informam, e commentam, e põem a descoberto os proprios jornaes monarchicos, que de tal reunião se occupam.

Por fim applausos e louvores a uns, applausos e louvores a outros, applausos e louvores a todos.

Nós tambem damos louvores a Deus por tão grande e esteril variedade de opiniões e alvitres, que denunciam a mais completa desorientação e anarchia mental de que ha noticia.

Crise ministerial

Está resolvida a crise ministerial produzida pela saida—do sr. Fuschini, que irá para a *Liga* dizer cobras e lagartos das instituições—e do sr. Bernardino Machado, que fará melhor figura fóra da politica, onde não deveria ter entrado.

Para a pasta da fazenda foi o sr. Hintze Ribeiro; entrando para a dos estrangeiros, o sr. Frederico Arouca, e para as obras publicas, o sr. Carlos Lobo d'Avila.

Tudo á altura da gravidade das circumstancias e com a necessaria competencia e respeitibilidade indispensavel, ao exercicio de tão altas funcções do Estado!...

Ao nosso prezado collega

A MONTANHA

(Trancoso)

Com a epigraphe — **Ao dr. Emygdio Garcia** — diz aquelle jornal no seu numero de domingo, 17 do corrente:

«Temos grande veneração por este sabio lente universitario. D'isso temos dado provas neste semanario. Mas se professamos grande veneração pelo douto publicista republicano, em maior grau a professamos pela coherencia.

«V. ex.ª, sr. dr. Emygdio Garcia, parece um tanto desmemoriado ou coisa semelhante. D'outro modo não explicamos o seu pregão abstencionista, isto é, a indifferença e o pacato commodismo ante a agitação a que os Fervilhas desassisadamente nos chamam.

«Ora leia v. ex.ª o que escreveu na *Batalha* por occasião das ultimas eleições municipaes de Lisboa.

«*O partido que, sejam quaes forem as circumstancias, foge da lucta eleitoral, a primeira, a mais nobre e a mais justificada, porque é necessaria, de todas as luctas, é um partido morto.*»

«Não ha dois annos que esta doutrina, a verdadeira e unica admissivel foi preconisada por v. ex.ª. Não se explica, por tanto, plausivelmente, a rapida e errada evolução do director do *Defensor do Povo*. Termos tão cathegoricos não dão margem a sophismas porque, *sejam quaes forem as circumstancias* que presentemente se dêem, o partido republicano seria *um partido morto, se fugisse da lucta eleitoral.*»

A muita consideração e estima que nos merece o nosso collega obrigam-nos a fazer uma excepção — dar explicações pela *Imprensa* de uma referencia pessoal, e a *articular* o que se nos offerece allegar, com verdade e justiça, em nossa defeza.

O que se lhe affigura contradicção ou incoherencia não passa de um paradoxo, facil de explicar e desfazer.

Apparencias ha que muitas vezes illudem o nosso espirito, phantasmas que o amedrontam, preconceitos que o perturbam e desnorteiam, que o não deixam vêr bem claramente as realidades, que essas apparencias encobrem, que os phantasmas espantam, e que taes preconceitos desvirtuam.

Já o ensinou Baconn e depois d'elle demonstrou Herbert Spencer; e vulgarmente dizem os francezes, ha na sciencia, na arte, na litteratura, nos factos e occorrencias da vida publica e particular — *ce qu'on voit et ce qu'on ne voit pas* — o que todos vêem e percebem, o que só alguns conseguem descobrir e comprehender.

Feito este preambulo, que nos pareceu indispensavel, entremos em materia de explicações.

*

Desde muito tempo que a *Politica* tomou a indole scientifica, e assumiu o caracter positivo; e, por isso, vae perdendo a natureza theologica e a feição methaphysica de outros tempos.

Em *Politica* não ha, não póde já haver—nem dogmas, nem principios absolutos, nem theorias subjectivas e muito menos opiniões individuaes, coherencias herdadas e vitalicias. Foi-se tudo isso. Varreu para sempre toda essa velha ferragem, todo esse apodrecido lixo.

A *Politica* é hoje, como toda a sciencia e toda a arte, uma sciencia, uma arte objectiva, uma doutrina experimental e relativa nas suas concepções, praticamente variavel nos seus processos e resultados.

*

Applicando estas generalidades ao caso occorrente, ao ponto em questão, diremos:

Nós ha perto de tres annos, pouco mais ou menos, — em nome de um partido, por exigencias collectivas, por imposições e influencias do *meio*, escrevendo no jornal *A Batalha*, do qual não eramos nem director, nem redactor principal, nem inspirador occulto, mas simplesmente amigo e collaborador auxiliar — instigamos os eleitores republicanos da capital a concorrer á urna para disputar aos eleitores monarchicos a victoria em umas eleições *municipaes*, fossem quaes fossem *então* as circumstancias do partido republicano, é verdade, sacrificando *eu* dr. Emygdio Garcia a *minha* opinião individual á opinião da maioria dos nossos confrades e amigos, que a todo o risco desejavam, quizeram, e resolveram entrar na lucta.

De tudo isto muito bem nos lembrámos, como se fôra hoje, sem escrupulos de consciencia, sem remorsos nem pezar de o haver feito.

*

Póde agora, porém, dizer-se o que não podia, não devia então referir-se; e d'isso tambem nos lembrámos perfeitamente:

Antes de escrever o alludido *articulado*, (é assim que o collega designa os nossos escriptos), empregamos todos os meios ao nosso alcance, fizemos os ultimos esforços para convencer e persuadir os nossos amigos e confrades da conveniencia, opportunidade, moralidade e justiça de uma *abstenção* a mais completa, prégando-a até no campo inimigo, se por lá houvesse homens honestos capazes de a aceitar.

Já haviamos feito outro tanto, annos antes, no Porto, em vesperas de umas eleições tambem municipaes.

Já nesse tempo, ha um bom par d'annos, eramos pela *abstenção* dos republicanos.

Vimo-nos, porém, forçados, e o que é mais pelo dever de boa e leal camaradagem, como o collega se veria se lá estivesse, fossem quaes fossem as suas opiniões individuaes, por mais radical e *absoluto* que podesse ser o seu abstencionismo, a sustentar o contrario, a fazer o contrario do que haviamos aconselhado, a sustentar e a fazer inteiramente o contrario na Imprensa escrevendo e trabalhando activamente nas eleições.

Succedeu-nos em Lisboa exactamente o mesmo que, annos antes, nos havia succedido no Porto.

Eu mantive-me coherente comigo mesmo nas minhas opiniões abstencionistas de então e de agora; coherente com a maioria dos republicanos, com todo o partido republicano talvez, acompanhando-os e cooperando com elles na lucta eleitoral.

Alli era *eu* e só *eu*; aqui eramos *nós*, eramos muitos, eramos todos.

(Continúa).

E. Garcia.

Interesses e noticias locaes

ARBORISAÇÃO

Não sabe a camara em que ha de passar o tempo, matar a ociosidade, e por isso se lembrou de ordenar o córte de muitas arvores: na estrada, junto ao mercado, e em outros pontos da cidade. Nunca em Coimbra se praticou tão grande vandalismo!

E são capazes de estar satisfeitos da sua obra, e consideral-a meritoria!

A nossa camara anda por vezes em opposição ao bom senso; em quanto outros municipios tratam de desenvolver a arborisação nas suas localidades, a camara de Coimbra manda afiar o machado destruidor que inutilisa dezenas de arvores. Não ha maior loucura!

Um unico motivo póde explicar o procedimento da camara no córte das arvores: — *ignorancia completa das suas vantagens, já na hygine, já no aformoseamento.*

Poderão suppôr os srs. vereadores que as arvores só se criam para combustivel? Talvez; porque não vemos nas cadeiras do senado encyclopedicos; ha bachareis em Direito, homens que entendem do seu negocio, e nisso dão *sota* e *az*, e mais nada; fizeram-se politicos por não poderem ser outra coisa, e a politica fel-os administradores municipaes!

Não cuida de organisar a nossa camara, pensa só em destruir. Que mania esta! Arrancar arvores que tanto tempo custam a crear!

Ninguem sabe o que faz esta gente; as camaras, suas antecessoras, cuidaram sempre em augmentar a arborisação pela cidade, esta pelo contrario, destroe tudo sem consciencia, e talvez — quem sabe! — com a convicção de haver prestado um bom serviço.

A lei pune o córte das arvores; mas deixa em paz estes vandalos, encasacados na supremacia official de vereadores. Por esta, e por outras, vejam quanto é importante e grave uma eleição municipal, para a deixar correr á revelia, ou a sabor da politica partidaria.

O proximo numero do *Defensor do Povo* será inteiramente dedicado á festa do Natal, e alheio a todas as divergencias politicas, que dividem os homens e as instituições.

Parece que foi a titulo de economia que se supprimiu a estação telegraphica do bairro alto; e informações seguras nos dizem que aquella estação tinha rendimento superior á sua despeza.

Durante o anno de 1892 o movimento foi importante, como se vae vêr: fizeram-se 3:485 registos; transmittiram-se 5:374 telegrammas pelo que se cobrou 902$834 réis; e emittiram-se 652 vales, que sommam 7:582$050 réis.

Como se vê pela resenha que ahi deixámos, a extincção da estação telegraphica do bairro alto representa um prejuizo para o Estado, que só dispendia annualmente 185$200 réis, pagando renda de casa ao empregado e expediente.

E menor seria a despeza se em vez de ser installada num edificio particular o fosse junto d'alguma repartição publica, o que não seria difficil arranjar.

Os habitantes do bairro alto queixam-se e com razão da injustiça que lhe fizeram, por isso que o movimento d'aquella estação era o sufficiente para aconselhar o ministro a não proceder de tal fórma.

Ha tanto aqui que supprir, de que o Estado não tira interesses, que bem escusado era tirar-se uma commodidade a uma numerosa população, quando se demonstra que isso em nada lezava os cofres publicos.

Veremos o que conseguem a camara municipal e a Associação Commercial de Coimbra, que representaram ao governo pedindo o restabelecimento da estação telegraphica no bairro alto.

Por convocação da direcção, reuniu em assembléa geral, a Associação Commercial de Coimbra, para ser lida uma representação a pedir que seja restabelecida a estação telegrapho-postal do bairro alto. Foi approvada.

Leu-se em seguida um officio da Associação Commercial de Lisboa, pedindo para que a de Coimbra se faça representar por meio de delegados seus, na reunião, que no dia 27 do corrente se ha de realisar em Lisboa, para se accordar sobre o modo de representar contra a lei da contribuição industrial de 27 de julho ultimo e do regulamento ultimamente publicado. A assembléa resolveu fazer-se representar.

Foram apresentados tambem officios da Associação Commercial da Povoa do Varzim, um pedindo explicações sobre o modo como se conseguiu a suppressão do posto fiscal em Coimbra; outro pedindo para que a Associação Commercial de Coimbra adhira á da Povoa para representarem contra o modo como se faz a cobrança do Real d'Agua.

Foi resolvida a adhesão a este pedido, ficando a direcção com plenos poderes para tratar d'este assumpto.

Hontem reuniu em assembléa geral o Club de Caçadores, com o fim de protestar contra a má distribuição de veneno aos cães.

Deliberou-se fazer uma representação á camara, pedindo-lhe para que faça cumprir as Posturas municipaes, na parte em que se refere ao Regulamento do imposto de cães, alterado nos artt. 13, 14, 15 e 16, pelo edital de 1 de agosto de 1890.

A commissão para tratar d'este assumpto ficou composta dos srs. dr. Lopes Vieira, Adrião Forjaz e Justiniano da Fonseca.

E' de crer que a camara attenda a esta representação de todo o ponto justa.

Os estudantes do lyceu d'esta cidade, como d'outros lyceus do reino, enviaram ao governo uma representação pedindo que as *ferias do Natal* sejam prorogadas até ao dia 6 de janeiro, conforme é concedido aos alumnos que frequentam os cursos superiores.

O sr. bacharel Horacio Poiares, que ha pouco se formou em Direito, foi collocado em primeira classe, no concurso para os professores do lyceu em Macau.

Os politicos do sr. Ayres de Campos — porque só assim lhe podemos chamar — vão pôr casa na rua de Ferreira Borges.

Diz-se que no mesmo predio será installada a redacção e administração do jornal que a mesma gente vae publicar.

Anciamos porque appareça a nova folha, que por certo nos ha de elucidar, e ao publico, para o que veem e para onde vão.

Porque não se entendem: — hoje *Zés Dias*; ámanhã *Joões Francos*...

A casa dizem-nos que é opulenta: —reposteiros caros, alcatifas orientaes, *divans* turcos, *ottomanas* voluptuosas...

Grande opulencia de parra...

Um novo estabelecimento de fazendas d'algodão, linho, lã e seda, se acaba de abrir na rua do Corvo, n.os 41 a 47.

E seu proprietario, o sr. Antonio José Vieira, um excellente rapaz, que serviu como caixeiro nos principaes estabelecimentos de Coimbra.

A par d'uma provada competencia neste ramo de negocio, reune o nosso amigo qualidades muito apreciaveis que lhe hão de render as sympathias do publico.

O seu estabelecimento está sortido de fazendas as mais modernas, e o sr. Vieira como deseja vender muito, limitou quanto poude os preços dos seus artigos.

E isto o que podemos garantir aos nossos leitores.

Por iniciativa do sr. Evaristo Camões, um dedicado amador do *sport*, estabeleceu-se nesta cidade um posto d'equitação para aprendizagem, sendo professor o sr. João de Mello a quem não falta competencia.

Entre os amadores d'este genero de *sport* vae grande enthusiasmo e a inauguração realisou-se com a assistencia de muitos cavalheiros.

Continuam com enthusiasmo os trabalhos preparatorios para a organisação de uma tuna academica, que como noticiámos, um grupo de estudantes pretende levar a effeito. Segundo nos consta a futura tuna em nada será inferior á que se fundou ha cinco annos, e que tão agradaveis recordações nos deixou, na sua quasi ephemera duração.

E' já grande o numero de adherentes para este emprehendimento, ao qual, por nossa parte, prestaremos todo o apoio, que em nossas forças couber, e não deixaremos de lhe aconselhar, e parece estar no animo de todos, o auxilio valiosissimo do distincto maestro, sr. Simões Barbas, o qual, a par de grandes conhecimentos e superior competencia em assumptos musicaes, allia a pratica de dirigir aggremiações d'esta natureza.

O sr. Simões Barbas, decerto não deixará de prestar todo o seu indispensavel auxilio e protecção a este emprehendimento, que além de agradabilissimo é altamente instructivo e moralisador.

Nas aulas de historia ecclesiastica da Universidade vão ser collocados os mappas de geographia antiga e moderna, para elucidação das questões de historia sagrada e ecclesiastica. E' proposta do sr. dr. Francisco Martins, distincto lente da Faculdade de Theologia.

Falleceu no convento de Santa Theresa, d'esta cidade, a Madre Maria Rosa da Conceição, a unica freira professa que alli existia, e cuja perda é deveras chorada pelas educandas d'aquelle estabelecimento religioso.

Esta virtuosa senhora é irmã do nosso patricio e amigo, sr. Joaquim Augusto Preces Diniz, que muito ha de sentir a perda de sua irmã, pela dedicação extrema que consagra a sua familia.

Sentidos pezames lhe enviamos.

O sr. Antonio Simões Peixeiro, veiu a esta redacção para rectificar a informação policial que demos a seu respeito em o numero passado.

Protesta o sr. Peixeiro contra a parte da policia que pretendeu offender a sua dignidade de cidadão probo, porquanto o facto d'elle bater numa creança é absolutamente falso.

Corroborou a affirmação do sr. Peixeiro, em a nossa presença, a mãe da creança, sr.ª Elvira de Jesus que o acompanhava, declarando ser a propria o sr. Alexandre Horta.

Declinâmos a nossa responsabilidade d'esta falsa accusação porquanto suppunhamos verdadeiras as informações policiaes; porisso pedimos ao sr. commissario proceda contra o guarda, que tão impudentemente abusa da auctoridade que o reveste, não se envergonhando de faltar á verdade, no exercicio das suas funcções.

Um agente de policia com taes predicados é indigno de fazer parte d'uma corporação d'esta ordem. E dizem-nos que este guarda é useiro e veseiro nestas tramoias.

O exame de licenciado na Faculdade de Theologia, que ha de fazer o sr. Francisco Mendes dos Remedios, foi marcado para o dia 15 de fevereiro.

Preside o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, e são arguentes os srs. drs. Ribeiro de Vasconcellos, Francisco Martins, Porphirio da Silva, José Maria Rodrigues, Bernardo Madureira e Manoel de Jesus Lino.

Quando na terça feira varios estudantes andavam fazendo as costumadas troças aos caloiros que appareciam no largo da Feira, taes como o antigo e tradicional uso de pintar bigodes, etc., foram advertidos pelos srs. guardas de policia, que alli andavam de serviço, para dispersarem, pois incommodavam o transito, ao que elles promptamente obedeceram, seguindo caminho para a Universidade.

Eis que, passando pela porta do governo civil, um estudante, vendo uma galante rapariga, lembra-se de soltar a seguinte phrase da qual garantimos a authenticidade:—«proponho que esta pequena seja elevada á alta cathegoria de presidenta honoraria da nossa republica!»

Imaginem qual foi a surpreza quando um sr. policia se adianta, e dá a voz de preso ao estudante, persuadido que elle havia soltado o terrivel e subversivo grito de—«*Viva a Republica!*»

Foram os condiscipulos do grande revolucionario e galanteador immediatamente fallar ao sr. governador civil, que mandou chamar o sr. commissario de policia, o qual, apenas chegou e se inteirou do facto relatado, mandou soltar o revolucionario academico, que pretendia fundar uma republica de... moças bonitas.

Nessa *republica* parece-nos que até entrava o tal sr. policia e até o proprio sr. commissario... se fossem convidados a *adherir*...

Segundo consta, o sr. dr. Augusto Rocha vae publicar o depoimento que fez, no processo Urbino de Freitas. Deve ser valioso o trabalho scientifico de tão sabio professor da Universidade.

O sr. Arthur Gaspar Madeira, nosso patricio, que ha annos concluiu com distincção o curso de pharmacia na Universidade, foi nomeado pharmaceutico para Moçambique.

Os nossos parabens.

Noticias diversas

As mulheres, na Nova Zelandia e na Australia, gozam já do direito do voto, tendo-o exercido nas recentes eleições, as primeiras em que o bello sexo se apresentou a votar.

Este acto, que se suppunha correr tumultuoso, effectuou-se na melhor ordem e com o maior decoro.

Bello exemplo para os paizes que dão leis á civilisação.

De *La Justicia* transcrevemos o seguinte:

«Foi roubada a egreja de Santa Maria, de Tordezillas, levando os ladrões um calix de prata, uma corôa do mesmo metal e outros objectos, não podendo a policia e as auctoridades locaes, por mais esforços empregados, conseguir descobrir até hoje os auctores do roubo.

Sempre o mesmo. Os ladrões de egrejas não apparecem nunca.

Parecem ladrões do erario publico.»

Por cá apparecem e são bem conhecidos, mas...

Em Bonemouth, um verdadeiro gigante Chan-Wos-Gow, Goliat chinez, que se deu a conhecer como vendedor de chá em Changai e que depois se exhibia pelas feiras de differentes paizes, falleceu com 47 annos, deixando uma fortuna rasoavel á sua viuva, que casou com elle enlevada só na altura de seu marido, que media 2^{m},65.

Cartas de Coimbra

Os versos que abaixo publicámos foram feitos, ha annos, ao ar livre, por um conhecido poeta do Porto, na magna surpreza em que lhe deixou o espirito a nova de que um nephelibata assás conhecido, digno *irmão e amigo* de Eugenio de Castro, havia sido reprovado no 1.º anno de Direito.

A titulo de curiosidade, salvo o devido respeito ao nephelibatismo academico, e com auctorisação do auctor, os publicámos, pedindo licença aos nossos leitores para lhe conservar o incognito:

Com que então, Antonio Nobre,
Você trouxe uma rapoza?!
—Que isso acontecesse a um pobre,
Que não tem prata nem cobre,
Emfim, seria outra cousa!

Mas a você—um poeta
De estylo Baudelairesco,
Que foi da ventura á méta,
Beijando á sua Julieta
O pé dulcissimo e fresco...

Digo com toda a franqueza,
E sem mais phrases de estalo:
Hoje, os lentes, com franqueza,
Sentem até a affouteza
De reprovar... um cavallo!

Mas beba á larga da pinga,
E á noite, por horas mortas,
—Qual cabula que se vinga—
Escreva, em ar de seringa,
Direito—por linhas tortas.

Ou surja com galhardia,
Mate o invejoso rancor;
—Agarre na livraria
Ás costas, e todo o dia,
Hão de chamar-lhe doutor!

«La Justicia»

Este nosso collega de Madrid, orgão do Centro Republicano d'aquella cidade, inspirado por Salmeron e collaborado pelos homens mais distinctos da União Republicana de Hespanha, vae entrar no 7.º anno de sua publicação.

Publicará um numero extraordinario que dedica por completo ao anno de 1893, em que tratará de politica, sciencia, litteratura, justiça, fazenda e commercio, collaborado pelos homens mais eminentes da Democracia hespanhola.

Promette tambem melhoramentos que o eleve no conceito publico e que o tornem, o que com justiça já hoje é, um jornal de informação e com auctoridade para continuar a dirigir a opinião Republicana em Hespanha.

Felicitamos o illustre collega.

Um regedor á altura

Um regedor d'uma freguezia perto de Coimbra, passou, ha dias, o seguinte attestado:

«Atesto que Rozaria da piadade he irmam de Joaquina da piadade que ahi faleseu que Segundo nos emformao esta Joaquina da piadade faleçeu nodia 10 do corente pode entregarlhe a ropa porqesta Rozaria da piadade he irmam.—Almalaguez 24 de Nobembro de 1893.—O regedor José Rodrigues da Pas digo. Joaquina da piadade viveeia aqui em Almalaguez...»

Vá que não vá, que este ainda não é dos peiores.... Mas não é mausinho!

Instituto Electro-Homeopathico

Inaugurou-se ha pouco em Lisboa um novo consultorio medico, na rua da Palma, 115, 1.º, cujo titulo traduz claramente a adopção de um novo methodo, já experimentado na Allemanha e França,—a *Electro-homeopathia*, e em cujos resultados a sciencia muito confia.

São seus directores dois medicos distinctos e trabalhadores, os drs. Nogueira Souto e José Paulo Maecedo Bragança, que ao estudo do novo methodo therapeutico se têm devotado com a dedicação e enthusiasmo que, infelizmente, raro acompanha os nossos homens de sciencia.

Annexo ao consultorio está um laboratorio chimico-pharmaceutico, para quaesquer analyses, e para breve se annuncia a apparição de uma revista denominada—*A Electro-Homeopathia*.

Se attendermos aos progressos relativos da homeopathia em Portugal, aquelle novo methodo vem, por certo, completar o que de defficiente ainda exista na importante descoberta de Hamesnan.

Camara Municipal de Coimbra

Sessão ordinaria

30 de novembro

Presidencia do bacharel João Maria Correia Ayres de Campos.

Vereadores presentes: Bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Bento de Quadros, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos, e José Correia dos Santos, substituto.

Arrematou em praça, de arrendamento pelo futuro anno, as barcas de passagem do rio Mondego aos portos de Pé de Cão, Casaes, Ribeira, Carvalhosas, e a casa da rua da Louça, d'esta cidade, nas condições dos arrendamentos anteriores.

Mandou registar na acta a petição de recurso, lida perante a camara, contra a deliberação da commissão districtal ácerca da séde do partido medico em Assafarge e não em Castello Viegas.

Lido o relatorio da commissão encarregada de examinar os serviços da repartição dos impostos, resolveu a camara convidar a mesma commissão a indicar os meios de remediar inconvenientes apontados e melhorar os serviços da mesma.

Resolveu mandar abrir em occasião opportuna um poço no logar dos Fornos, para abastecer d'agua a população.

Attestou favoravelmente ácerca da concessão de subsidios de lactação a menores.

Mandou reparar um muro de supporte, em ruina, na estrada d'Eiras.

Resolveu communicar ao commissario de policia, para proceder ás convenientes indagações, que foi encontrada uma rotura na canalisação do gaz do theatro circo, na noite de 22 de novembro, parecendo ter sido feita de proposito, pelos vistigios que deixou no tubo, que acompanhou a participação do inspector dos incendios.

Resolveu que se não façam de futuro, por conta da Camara, canalisações d'agua no interior dos predios, terminando sempre na caixa da parede ou na torneira de suspensão os trabalhos de ligação da canalisação entre os predios e o cano geral da rua; ficando comtudo sujeitos á fiscalisação e approvação por parte da camara os trabalhos feitos por conta dos particulares.

Approvou provisoriamente o orçamento supplementar apresentado pelo presidente, na importancia de 177$100.

Despachou requerimentos:—passando attestados de comportamento; auctorisando collocação de signaes funerarios em sepulturas no cemiterio; annullando a contribuição d'um funccionario publico, fallecido em 1892; e sobre obras particulares:—auctorisando a construcção d'um muro de vedação a um casal, junto ao Penedo da Saudade, e fixando o respectivo alinhamento; a reconstrucção d'outra no caminho do rocio do mesmo logar; a construcção d'um muro de vedação a um predio, junto á estrada municipal d'Eiras ao kilometro 6; a construcção d'uma casa, junto á ladeira de Santa Clara, tudo sem occupação de terreno publico, e a canalisação d'agua d'uma casa na rua d'Alegria.

EXPLICADOR

De Philosophia e Historia, Diogo J. Mascarenhas Marreiros Netto, terceiranista de Direito.

Rua do Collegio Novo 1.

---

18 **Folhetim do Defensor do Povo**

J. MÉRY

DEBORA

IV

A Judia

Apenas Debora ficou só, abriu a porta do fundo e chamou Gedeão, que appareceu immediatamente. Neste momento Debora tinha encontrado em si toda a energia promettida pela sua juventude; o seu corpo endireitou-se, o rosto apresentou uma expressão soberba, e disse solemnemente:

—Escuta, Gedeão! antes de tudo, deves-te á tua religião, aos teus irmãos, aos teus juramentos. Sabes o que isto quer dizer?

—Não, Debora.

—Não, dizes tu! Pois bem! entre as cartas que acabo de receber, ha uma dirigida para ti; teem-te procurado em Roma, e não te encontraram. Os nossos irmãos já te olham como um desertor. Gedeão, não te deshonres por um amor impossivel, e em circumstancias tão graves. O Austriaco estará talvez amanhã ás nossas portas. E' necessario que todos os cidadãos velem, e que cada um seja sentinella da sua liberdade. Gedeão, és esperado na *Osteria*, ao dar do meio dia, e esta noite nas ruinas do templo da Concordia. Sê homem, é uma mulher que t'o diz.

Gedeão saiu do seu abatimento a este bote tão bem dirigido por Debora, leu a carta, apertou com energia a mão de sua irmã, e, despedindo-se, disse-lhe:

—Irei!

V

Ciceron e Ciceruacchio

A noite estava sombria; a horas mortas já, um homem, envolto numa ampla capa, tinha-se escondido numa brecha do theatro Marcellus e parecia esperar ou estar de observação. Este homem por excesso de prudencia, não recuou nem diante d'uma especie de sacrilegio, apagando duas velas accesas que allumiavam uma *madona*, á esquina da rua. Era evidentemente um amigo da escuridão; mais do que isso, era Tomaso, o galeriano liberto.

Brilhava uma luz na loja do barbeiro Caracalla, e uma voz, alegre como a do barbeiro de Sevilha, cantava a canção de Raphael. Pelo modo como os *coupletes* iam ficando suspensos, iam sendo ligados, para de novo serem entrecortados, adivinhava-se atravez do canto uma preoccupação muito differente do cantar. Foi por isso que Tomaso comprehendeu immediatamente que o barbeiro estava vestindo o habito de penitente da Boa-Morte.

Tomaso, apesar da gravidade do seu papel, experimentava um certo pezar em ouvir a canção de Raphael, e elle proprio a ia trauteando a meia voz.

Com a luz da loja extinguiu-se a voz do barbeiro; ouviu-se um ruido da porta a fechar-se e Caracalla, vestido com o habito da sua confraria, passou deante do nicho de Tomaso, e seguiu cantando *sotto voce* a canção de Raphael, sem desconfiar de que o seguia a distancia um phantasma espião com uma insistencia obstinada.

O barbeiro ia se distrahindo, emquanto caminhava, com este monologo em voz baixa:

—Aquelle diabo do bufarinheiro da *osteria* é um homem suspeito; fez-me perguntas... se eu fosse um fallador indiscreto, como quasi todos os barbeiros, indicava-lhe o logar da reunião e perdia, como um imbecil, o meu logar, a minha fortuna, o meu futuro.

E Caracalla applaudia-se alegremente pela sua discrição, esfregando as mãos debaixo das largas mangas do seu habito de penitente.

O barbeiro não commetteu o erro de se dirigir immediatamente para o templo da Concordia; atravessando o Forum em diagonal, tomou pela rua de S. Theodoro, deixou a egreja á esquerda e encaminhou-se para o logar da reunião pelo lado opposto.

Tomaso não quiz continuar a sua espionagem, receando ser surprehendido em flagrante delicto de espião; voltou para traz, apressou o passo e foi contar tudo a monsenhor Pacifico.

Havia *soireé* intima em casa de Clelia, e tão intima que só lá estavam Jubelin e Pacifico, que acabavam de travar uma seria discussão sobre a opera de *Nabucco*. Jubelin sustentava que Verdi tinha composto a sua opera com vagas reminiscencias da *Semiramis*; Pacifico, que, desde a cantata a Pio IX, não olhava Rossini com bons olhos, affirmava que Verdi fazia empallidecer a estrella do *maestro* de Bolonha. No meio do calor da discussão, um creado entrou e fallou mysteriosamente ao ouvido de monsenhor.

—Desculpe-me, bella Clelia, disse Pacifico, tenho deveres a cumprir; é-me indispensavel sair.

—Oh! não sairá, disse Clelia; conservo-o prisioneiro; bem conheço quaes são os seus deveres á meia noite...

—Minha senhora, disse Pacifico, não sabe o que se está passando neste momento; deixe-me sair.

—Não sae, digo-lho eu... Vamos, continue a sua discussão, que me diverte.

—Oh! minha senhora, insistiu Pacifico; não tenho um minuto a perder...

—Tenho a certeza, monsenhor, de que, se sae, é para pregar alguma partida aos patriotas romanos.

—Não, Clelia.

—Jura-m'o monsenhor?

—Juro-lh'o.

—Em saindo d'aqui vae para sua casa?

—Vou, Clelia.

—Quer apostar commigo?

—De boa vontade.

—Aposto uma mantilha albaneza.

—Tudo o que quizer.

—Está apostada... Monsenhor, pode sair.

Apenas Pacifico saiu, Clelia disse a Jubelin abrindo um armario.

Impresso na Typographia Operaria—Largo da Freiria n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros,—Coimbra.

LIVROS

Annuncios *gratis* recebendo-se um exemplar.

Noções geraes sobre os serviços do correio e telegraphos

Acompanhadas de todas as tabellas necessarias para a execução dos mesmos serviços, por Domingos J. da Silva, aspirante auxiliar dos correios e telegraphos, ajudante do fiel da estação central de Coimbra.

E' um livro muito curioso e util, em que o nosso amigo o sr. Domingos J. da Silva presta um relevante serviço ao commercio com a sua publicação.

Aconselhamol-o. E por 300 réis, que tanto é o seu custo, não se privam de um livro instructivo e bom.

Pedidos ao auctor — á Paula e Silva, rua do Infante D. Augusto, Coimbra.

Preço 300 réis; pelo correio 310; pagamento adeantado.

ANNUNCIOS

Por linha ..... 30 réis
Repetições ..... 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

CAIXEIRO PARA MERCEARIA

194 **José Marques Pinto** admitte no seu estabelecimento de mercearia na praça do Commercio, um empregado como caixeiro ou socio.

Garante bons interesses conforme as suas habilitações commerciaes.

CHOURIÇOS DE LOMBO

Farinheiras

Mucellas

Especialidade do Alemtejo

195 **Chegou** nova remessa, do que prevenimos os nossos amigos e freguezes, e a qual garantimos, porisso que o enchido é egual ao do anno passado, que tão apreciado foi pelos numerosos consumidores que se sortiram da casa

SERIO VEIGA

SOPHIA

Xarope peitoral de musgo e jujubas

DE

AUGUSTO DE BASTOS

188 É **remedio** infallivel em todas as molestias do peito, podendo reputar-se um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôr de peito, escarros de sangue, etc., etc.

Deposito geral, em Coimbra: nas Pharmacias, Bastos, largo do Castello, e Luzitana, Praça do Commercio.

OFFICINA DE VIOLEIRO

DE

ADRIANO DOS SANTOS

13 — Rua Martins de Carvalho — 13

171 **Continuam** a executar-se nesta officina, com muita perfeição e modicidade de preços todos os trabalhos concernentes á arte de violeiro.

Foi ultimamente manufacturado nesta officina um rabecão (o primeiro que se fez nesta cidade) e que póde ser visto em casa do seu possuidor, sr. Jorge da Silveira Moraes, na mesma rua.

Carimbos de Borracha

COPIA DO RECIBO ORIGINAL

A. E. CASTANHEIRA — COIMBRA

Gravuras em madeira, fac-simils, sinetes

Fabricam-se com a maxima perfeição e barateza.

SERIO VEIGA

SOPHIA — COIMBRA

ANTIGA MERCEARIA

DE

Marques Manso, sobrinho

1 — RUA DO CEGO, — 7

COIMBRA

190 Esta casa montada nas melhores condicções de aceio, apresenta aos seus ex.mos freguezes o que melhor ha em generos de mercearia.

Assucares finissimos refinados com o maior esmero.

Chá verde e preto de finissimas qualidades.

Café torrado e moido da melhor qualidade de Cabo Verde.

Chocolate hespanhol de Mathias Lopes, francez e suisso.

Completa novidade em bolachas nacionaes e estrangeiras.

Especialidade em salchichas feitas espressamente para esta casa

Unico deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola, engarrafados e ao torno — *unica casa que trata directamente com a companhia.*

Tabacos das marcas mais finas, nacionaes e estrangeiras.

Completo sortido de ladrilhos em moisaico de desenhos elegantissimos, etc., etc.

Esta casa encarrega-se de mandar a casa dos seus ex.mos freguezes todos os generos comprados no seu estabelecimento.

Pichelaria conimbricense

DE

HENRIQUE CESAR DE LIMA

DO PORTO

15 — ADRO DE CIMA — 16

186 **Toma-se** conta de todo o serviço de canalisações d'agua e bem assim de assentamento de bombas de todo o systema, em Coimbra ou em qualquer outra localidade.

Fornecem-se e assentam-se: depositos automaticos para retretes e ourinoes, apparelhos e accessorios para ventilação, apparelhos para aquecer agua pelo systema de circulação applicavel a qualquer fogão de cozinha, caldeiras para aquecer agua para banhos, torneiras e valvulas para toneis de vinho, filtros de repressão etc.

O annunciante é quem executa todos estes trabalhos, e para attestar a sua proficiencia neste genero faz publico que tem longa pratica nas conhecidas casas do Porto — J. Minchon, Herbet Cassels e Francisco da Cunha — alem de ter sido, durante tres annos, o encarregado do serviço de canalisações d'este municipio.

COMPANHIA DE SEGUROS

«FIDELIDADE»

FUNDADA EM 1835

Capital rs. 1.344:000$000

79 **Esta companhia**, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias e estabelecimento.

Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 86, ou na rua das Figueirinhas, n.º 45.

CREDIT LYONNAIS

FUNDADA EM 1869

CAPITAL 200 MILHÕES DE FRANCOS

Séde social-Lyon — Direcção geral em Paris

91 AGENCIAS EM FRANÇA

De que as principaes seguem:

Aix-les Bain	Chambery	Limoges	Roubaix
Aix-en-Provence	Charle ville	Marselha	Rouen
Alger (Algeria)	Cognac	Menton	Saint-Etienne
Amiens	Dijon	Montpellier	Sedan
Angers	Dunkerque	Nantes	Toulon
Besançon	Epernay	Nimes	Toulouse
Bordeus	Grasse	Oran (Algeria)	Valence
Canes, Nice	Havre	Orleans	Versailles
Ceute	Lille	Reims	Vichy

E no estrangeiro:

Londres, Bruxellas, Genebra, Madrid, Barcelona, S. Petersburg, Moscow, Odessa, Constantinopla, Smyrna, Alexandria, Cairo, Port-Said e Jerusalem.

AGENCIA EM LISBOA

92, RUA DA CONCEIÇÃO (RETROZEIROS)

Telephone n.º 495

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODAS AS CLASSES

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente. 31, 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. B. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

DEPOSITO DA FABRICA NACIONAL

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128, Rua de Ferreira Borges, 130

3 NESTE Deposito regularmente montado, se acha á venda, por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA)

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 ARMAZEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fora.

PRESENTES DO NATAL

196 A **mercearia** de José Tavares da Costa, Successor, acaba de receber o fino queijo flamengo, grande quantidade de differentes bolachas nacionaes e estrangeiras, licôres, salames, chocolates, conservas, passas d'Alicante, ameixas d'Elvas, e muitos outros artigos proprios do estabelecimento.

×

Recebeu por outro contrato especial com um dos melhores proprietarios do Alto Douro, caixas com 6 e 12 garrafas de excellente e puro vinho fino proprios para presentes de festa que se vendem a preços excessivamente baratos. Tambem terá vinhos da Companhia Vinicola.

Champagne nacional

No mesmo estabelecimento ha deposito do melhor champagne nacional de V. de Cocq & Fils, que tem obtido premio nas differentes exposições a que tem concorrido e que não tem competidor em preços e qualidade.

Rua Ferreira Borges, 176 — Largo do Principe D. Carlos, 2 a 8 — Coimbra.

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento-Mór — 24

192 **Continua** a concertar e cobrir de novo, guarda-soes, de boa seda portugueza, pelos preços já annunciados. Tambem tem paninhos e bons setins, para cobertura baratas.

No mesmo estabelecimento compram-se guarda-soes usados.

Caixeiro com pratica de mercearia

193 **Precisa-se** d'um no estabelecimento de mercearia de Joaquim Gonçalves Rama, praça 8 de Maio, 42 a 44. Dá-se bom ordenado.

Chromos e Kalendarios

UMA LINDA COLLECÇÃO

PAPELARIA CENTRAL

DE

FRANCISCO BORGES

2, RUA DO VISCONDE DA LUZ, 4

Coimbra

Grandes viveiros de plantas americanas

MENEZES & CABAÇO

MERCEANA

182 **Raizados** de Riparia, Rupestres, Solonis e Jaques.

Bacellos de Riparia, de todos os comprimentos que se deseje.

Enxertos das castas mais finas Europeas, em branco e tinto, de Riparia e Solonis.

Preços convidativos.

Recebe encommendas nesta cidade, Julio da Cunha Pinto, rua dos Sapateiros, n.os 74 a 80. — Coimbra.

AOS ESTUDANTES

165 Antonio Mendes Corrêa acaba de arrendar uma casa no Terreiro da Pella, n.º 7, onde recebe estudantes, garantindo-lhe as melhores commodidades.

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e administração

RUA DE FERREIRA BORGES, 83, 1.º

EDITOR

Antonio Augusto dos Santos

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno.....	2$700	Anno.....	2$400
Semestre....	1$350	Semestre....	1$200
Trimestre...	680	Trimestre...	600

ANNO II — Coimbra, 25 de dezembro de 1893 — N.º 150

O Defensor do Povo

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

O MAIOR ANNIVERSARIO

I

O nascimento

LENDA ou realidade historica, o **nascimento de Jesus Christo**, tal como nos veiu na tradição oral, previsto e annunciado nas prophecias do *Velho Testamento*, tal como o descrevem, em suas uniformes narrativas, os quatro *Evangelhos*, é um d'esses acontecimentos vulgares, um facto commum e obscuro. Passaria indifferente e desapercebido aos olhos do mundo e sem registo nos annaes da Historia, se não fossem as suas extraordinarias consequencias, as assombrosas circumstancias e excepcionaes fulgores, com que o sentimento e a imaginação populares lhe rodearam o berço, e douraram a refulgente aurora.

E todavia é singelo; é modestissimo; nada ha mais vulgar e obscuro do que o pequenino berço, onde, recem-nascido, repoisou a loura e aurifulgente cabeça o fundador, o creador d'este novo oceano de luz, d'este novo mundo de paz, de liberdade, de amor e justiça, que do nome do seu descobridor se chamou — o **christianismo**.

*

No duodecimo anno do consulado de Augusto, lá nos confins da Judeia, na pequena cidade de Bethlem, no tosco e apertado recinto de um pobrissimo estábulo nascia uma formosissima creança do sexo masculino, cuja humildade devia eclipsar o esplendor dos cesares, cuja pobreza havia de offuscar a opulencia do seu vasto imperio, cuja doutrina supplantaria a philosophia do mundo.

Aos trinta e tres annos este menino, já homem, mestre, chefe glorioso e immortal da maior e mais profunda revolução social que a *Historia* apregôa, morre, com o supplicio dos grandes criminosos, sobre aquella mesma **cruz**, que, tendo sido até então um stygma infamante de vergonha e ignominia, se transforma, por virtude do sangue d'este generoso martyr, em o symbolo immorredouro, e terno, adoravel do sacrificio, do perdão, da verdade, da justiça, da liberdade, do amor e da verdadeira gloria! O symbolo do **bem**.

II

O dia de Natal

Designa-se com este nome o anniversario do nascimento de **Jesus de Nazareth**, celebrado a vinte e cinco de dezembro.

Esta festa, esta commemoração, a primeira, a mais celebre em toda a Christandade, remonta aos primeiros tempos da Egreja do Occidente.

Conta-se que ella fôra instituida pelo papa Telesphoro, fallecido em o anno de 138 da nossa era; até ao IV seculo, porém, não foi celebrada em epocha determinada e em dia fixo.

Parece que o Pontifice Julio I ordenou que se fizessem estudos e investigações sobre o verdadeiro dia, em o qual nascera Jesus Christo, concluindo-se e accordando-se por assignar e fixar o dia vinte e cinco de dezembro.

A festividade do Natal era na edade média e ainda nos tempos modernos celebrada com extraordinaria e deslumbrante pompa, com as mais vivas e ruidosas expansões da poesia e do regosijo populares.

Chamaram-se *nataes* os canticos, os hymnos populares, as lyricas pastoraes, compostas e entoadas em honra e gloria do nascimento de **Christo**, do menino-deus.

Ainda hoje, em terras de provincia, se conservam, e cantam alguns d'esses hymnos e canções, repassadas de uma doce e attrahente magia, cheias de suavidade encantadora na lettra e na musica e pela maior parte anonymas.

*

Pena foi que as exigencias e os calculos da lithurgia occidental collocassem, em suas taboas chronologicas, o nascimento de **Jesus** na quadra das neves e dos gelos, das chuvas torrenciaes e das ventanias assoladoras, nos dias em que o sol é pallido, sombria e carrancuda a natureza, os bosques sem verdura, os prados sem boninas, os rosaes sem botões e sem coróllas entreabertas, e as aves, senão mudas, vagueando tristes e despedindo a custo abafadas notas soltas de um cantar forçado, sem os estimulos do amor, sem as alegrias do ninho, sem os prazeres suaves e os deliciosos cuidados da prole implume!

*

O berço de **Christo**, que se estende por toda a superficie da terra, e prende nas insondaveis regiões do Firmamento as alvissimas cortinas do seu amplo docel, forradas de estrellas e afiveladas pelos astros de maior grandeza e mais intensa luz, havia de ter sido balouçado pelo sorriso e pelos beijos acariciadores das brisas, cobrir-se de flôres, perfumar-se com os inebriantes aromas das castas açucenas e do immaculado jasmim, do terno lilaz e do fragrante rosmaninho, e festejado pelas harmoniosas canções e dulcissimos gorgeios do rouxinol e da toutinegra.

Jesus Christo devia ter nascido na Primavera, nos braços da Natureza, quando a Natureza se ostenta em toda a pujante vitalidade das suas forças creadoras, em toda a grandeza e seducção dos seus fascinadores attractivos e opulenta formosura.

Não o quiz, porém, assim o Papa, não o decretou a Egreja, parece que o não permittiu a Historia, repugnou talvez ao chronologico rigor dos *sabios* mathematicos e *severos* astronomos do IV seculo.

Que pena!

III

O Christianismo e a sua obra social

Como é singela e encantadora, grandiosa e pura, serena e commovente a sua origem!

Como elle desce lá das regiões infindas do desconhecido, envolto na luz tranquilla, mas offuscadora, dos sublimes ideaes, com benevolencia e affago, ao nivel das fraquezas, da ignorancia e das mizerias humanas para dar consolação aos infelizes e confortar os pobres e humildes desvalidos da sorte; para communicar alentos de **fé** aos desilludidos, aos descrentes da vida; para enxugar lagrimas ao infortunio com os sorrisos da **esperança**; para estender os braços carinhosos e abrir aos desamparados o seio amoroso da Humanidade, redimida e regenerada, onde o sôpro bemfazejo e purificador do Omnipotente, meigo e doce, plantou, e fez desabrochar a mais bella, a mais pura e formosa flôr da alma — a **caridade**!

Que admiravel pujança, que assombrosa energia revelam e nos offerecem a sua natureza prodigiosa e o seu maravilhoso desenvolvimento organico!

Humilde como a relva dos prados, rasteiro como as boninas da relva na sua origem, o **christianismo** eleva-se a toda a incommensuravel altura da magestade protentosa de um mundo sem rival, de um mundo sem limites, até ir perder-se na immensidade dos espaços, na soidão infinita dos céus; mundo que a imaginação não alcança, que a sciencia não póde, nem poderá talvez jámais explicar, que o cerebro inteiro da Humanidade, amadurecido pela observação e pela experiencia, fortificação pelas mais aperfeiçoadas operações do raciocinio, estuda e prescruta, analysa e discute ha vinte seculos sem lograr comprehender-lhe e abraçar-lhe os mysteriosos segredos dentro da esphera amplissima da sua poderosa e inexcedivel percepção!

*

No meio e sobre a dominadora influencia d'esta commoção geral e profunda, despertada no mundo pelo advento do **christianismo**, a lembrança dos antigos tempos e das velhas civilisações pouco e pouco se esvae, e apaga, sob a occulta e indomavel influencia e invencivel attracção de um novo *cahos*, bem superior áquelle, de cujos abysmos as religiões e as sciencias nos dizem haver surgido, á voz potente do Eterno creador ou por força espontanea de um ignorado impulso gerador da Natureza, o nosso planeta, haver-se formado o *velho* mundo e nascido a primitiva humanidade que o habitou; se humanidade poderá chamar-se á massa grosseira, informe e dispersa das raças e das primeiras populações humanas, se um tal nome cabe ás velhas civilisações orientaes, aos thesouros de sciencia e arte que á Grecia accumulou, a grandeza e conquistas dos Romanos.

*

Com o **christianismo** começa, inaugura-se uma nova era, um novo mundo, uma outra Humanidade.

Povos educados, emocionados, instruidos, civilisados e dirigidos pelo **christianismo**, vão desenrolar successivamente as phases e descerrar os horisontes do futuro, tomando para ponto de partida e fraternal reunião aquelle dia, o dia para sempre memoravel, em que nasceu **Jesus Christo**.

Será necessario lembrar a sua doutrina, os seus preceitos, os seus conselhos, os seus exemplos, toda a sua influencia educativa e acção libertadora?

Que de factos grandiosos, quantos prodigios, que de virtudes, de sciencias, de talentos, quantas abnegações e sacrificios, que de dedicação e amor não encerram estas palavras — **Jesus Christo**!

Sem armas, sem hostes aguerridas, sem thesouros, não tendo sequer uma pedra onde repoisar a sua cabeça, armado apenas com a sua palavra virgem de coleras e limpa de astucia e de hypocrisia, mas repleta de força e de auctoridade moral, infallivel como a verdade, soberana como a justiça, ardente de fé, consoladora de esperança, simples, meiga, terna como a caridade, **Aquelle**, a quem damos o nome de Jesus, veiu iniciar uma revolução profunda, immensa, a mais notavel e grandiosa de que ha memoria, depois que o genero humano possue annaes escriptos sobre o marmore e no bronze ou em livros, monumentos mais duradouros do que o proprio marmore mais sólidos e resistentes do que o bronze.

IV

Ultima e Suprema Transfiguração

O **christianismo** não é a religião do passado; está longe ainda de ser a religião do presente.

Não.

É a religião social do futuro.

O seu verdadeiro *advento* ainda não chegou.

Não é o escudo dos déspotas, o baluarte dos tyrannos, o sustentaculo das monarchias.

É a couraça impenetravel da Democracia progressiva e victoriosa nas suas reivindicações, nas suas conquistas de liberdade e justiça.

É a fortaleza da Republica, civilisadora e egualataria.

É o apoio inabalavel do Socialismo fraternal e pacificador das *gentes* na Federação da Humanidade inteira.

O **christianismo** não é unicamente uma religião convencional e imaginosa, que tão sómente nos assegure a felicidade e a bemaventurança para além do tumulo em *outra* vida ignorada, em outro mundo desconhecido.

Não.

E' o Bem realisavel na terra, a perfeição da vida humana alcançada neste mundo, em que vivemos e labutamos.

Cada um de nós tem no lar um templo, no coração um sacrario, na alma um crente, na palavra um apostolo, no braço um escudo, em suas proprias mãos armas para combater e conquistar, pela sciencia e pelo trabalho, o pão de cada dia e o reino da paz e da concordia na grande familia humana, vencendo as trevas da ignorancia pelo estudo e subjugando a natureza bruta pela industria.

*

Se os poderosos imperios da antiguidade, se as aristocracias da edade média, se as monarchias *fidelissimas, christianissimas,, catholicas, piedosas e santas*, dos modernos tempos, se o constitucionalismo burguez e equilibrista, mercantil, especulador e usurario dos nossos dias têm desvirtuado, adulterado, corrompido, contrariado, perseguido e suffocado, a ferro e fogo, pelo ouro e pela hypocrisia, pela oppressão e pela astucia a expansão dos ideaes e aspirações do **christianismo**, — a democracia, a republica e por fim o socialismo cooperativo, que do **christianismo**, em espirito e verdade procedem, e em espirito e verdade amam, que d'elle descendem em linha recta, permittirão, facilitarão ao **christianismo**, cooperando com elle, realisar, quanto humanamente ser possa e até final a sua missão grandiosa, a sua obra de salvação e resgate, egualando, libertando e fraternisando as nações, os povos, as familias, as *classes*, os individuos integrado-os por completo no seio purificado e palpitante da **Humanidade**, de facto e de direito christianisada, constituida em uma **federação universal cooperativa**, e já na posse plena e no inteiro gozo da opulentissima herança do **christianismo**.

Não mais haverá então odios, luctas, separação, nem possivel será distinguir entre a Egreja e o Estado, entre o sacerdocio e o imperio, entre a soberania dos reis e a realeza dos papas, entre a religião e a politica, entre a familia e a patria, entre a patria e a humanidade, entre o céu e a terra.

Só então poderá o mundo, ante a mais bella, fulgurante e real *transfiguração*, ultima e suprema *transfiguração* do **Christo**, entoar em côro universal e unisono:

Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus.

EMYGDIO GARCIA.

Natal em Londres

Anathema sit.
Conc. trid.

Que Natal este! — Sempre sois herejes,
Meus amigos Inglezes.
Bem haja o santo padre, e a sua bulla
De fulminante anathema
Que excommungou estes ilheos descridos!
Oh! nunca a mão lhe doia.
— Ver na minha catholica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem-trajada capa,
E o alvo-tezo lenço em côca airosa,
D'onde um par d'olhos negros
Dão as boas-festas ao vivaz desejo
Do tafulo devoto
Que imbuçado acudiu no seu capote
A' pactuada egreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tam gullosas,
E de teus dias-santos
Tam folgados e alegres! Como vinhas
Nos frios de Dezembro
De regallados fartes coroado
Aquecer corpo e alma
C'o vinho quente, c'os mexidos ovos,
E farta comezana!
E estes excommungados protestantes,
(Olhem que bruta gente)
Sempre casmurros, sempre inregelados
Bebendo no seu *ale*,
E tasquinhando na carnal montanha
Do *beaf* cru e insipido!
Pois os *Christmas-pyes*, gabado esmero
De sarmatas manjares!...
Olhem estas pequenas... são bonitas;
Mas que importa que o sejam
Se das Graças donosas praguejadas,
Rusticas e selvagens,
Nem dança airosa, nem alegre jogo
De divertidas prendas
Arranjar sabem, e passar o tempo
Em honesto folguedo!
Jogar um whist morno e taciturno,
Sentar-se em mona roda
Junto ao fogão, fazer um detestavel
Chá preto e fedorento,
Sem ar, sem graça... — Oh madre natureza,
Quanto mal impregaste
A formusura, o mimo, as lindas côres
Que a taes estátuas déste!

Londres — Dezembro, 1823.

ALMEIDA GARRETT.

NATAL NO CEU

Ao Augusto, para a ler ao Carlos, offerece esta linda historia o

QUIM.

Sobre a terra corre frio Dezembro.

Muito longe destaca-se a mancha negra da casaria distante, recortando-se dura no horisonte em sangue.

O sol poente abre um vulcão nos gelos, vomitando para o Ceu a lava das nuvens em fogo, e tingindo de reflexos pallidos de rosa a neve vermelha, em que parou gelado o sangue da terra roxa, a tremer de frio.

.....

Está o Ceu em festa, é dia de Natal, faz annos o MENINO DEUS.

Passam activos os ANJOS, o dorso dobrado, a carregarem nas azas brancas meio-abertas, molhos de flores do Jardim do Ceu, que cahem em ondas de côr até ao chão, mal sustentadas pelos seus braços de leite e morango, levantados ao alto sobre, a nuca, segurando-as numa attitude elegante e delicada, como a curva d'uma amphora grega.

Vermelha como um liz, a sua cabeça cahida, d'onde escorrem os seus cabellos louros, que parecem retinir, como o ouro antigo, com as risadas que sahem frescas e metalicas dos seus labios humidos de cereja.

Começam a chegar os SANTOS e as SANTAS d'habitos de festa, o andar amortecido e abafado pelo tapete branco e luminoso, que a via lactea estende sobre o pavimento azul do Ceu.

Treme a luz irisada nas pedrarias, correm brilhos d'ouro e prata em fusão nos seus vestidos ricos, todos de rica lhama, cahindo rigidos para o chão, accentuando as formas graceis das santas em pregas largas d'uma elegancia gothica. E todos, todos no Ceu usam vestidos ricos de custosas bordaduras, os ricos como os humildes da terra; porque SANTO ELOY, o grande ourives, tem no Ceu grandes officinas em que trabalham os ANJOS noite e dia a polir e a facetar as dôres choradas sobre a terra. E não ha lagrima que nas mãos dos ANJOS se não ponha a rir e a brilhar como custosa pedra preciosa. O rubim vermelho do sangue derramado, a perola da lagrima chorada, a esmeralda das verdes illusões desfeitas, todas as cristalisações irisadas da dôr são cravadas pelos ANJOS ourives na prata que vem das Terras da lua, ou montadas em filigrana de sol, e todas, todas se gastam nos bordados para enfeite dos vestidos, que cobrem os corpos liliaes das SANTAS.

Não ha por isso cortejo de estrellas, que brilhe como o dos Santos em festa, caminhando bons e alegres na atmosphera embalsamada dos cheiros das flores e do aroma das essencias, que ardem nos planetas, os vestidos a arrastar, tão ricos, sobre o tapete macio e luminoso, que a via lactea estende sobre o pavimento azul do Ceu.

*

Alegria em todo o Céu!

Na cosinha vae um movimento desusado. Chegam os ANJOS; as faces a escorrer, as azas derreadas ao peso da caça que manda SANTO HUMBERTO, o bom e queimado caçador.

Pelo chão correm as pennas voando dos dedos finos dos ANJOS, todos afadigados a depennarem as aves que servirão para o jantar da festa.

A um canto, o grupo côr de rosa dos ANJOS que andam a accender as estrellas sobre a terra; os olhos em brilhos alegres de perola e esmeralda, os cabellos em anneis como filigrana d'ouro, e todos a estenderem as mãos finas em que passa a luz, como em crystal côr de rosa, implorando a VIRGEM MARIA, que prepara a lampada de ricas e antigas cinzeladuras, a lampada mysteriosa que se accende apenas neste dia e que, ha tantos annos, guiou os Reis e os Pastores.

A VIRGEM levanta a Estrella do Natal, segurando-a pelas suas cadeias d'ouro, e olha com um sorriso bom os ANJOS alegres, que querem todos ir pendural-a no Ceu. No grupo em risos dos ANJOS destacou-se a figura seria e boa do ARCHANJO GABRIEL, as palpebras velladas de negro pela luz que descia d'alto, dando ao brilhante do seu olhar o realce d'um engaste escuro, illuminando o marmore côr de rosa da sua face, accentuando com um traço negro de carvão o angulo forte da sua maxilla.

— Tu... disse a VIRGEM a estender-lhe a lampada...

Lembrou-lhe aquella tarde em Nazareth...

Rompia a primavera. Nos campos amava Abril, amor de gente moça todo cortado de risos de sol e lagrimas de chuva. Ia findando a tarde. A parede branca da sua pequena casa ligando-se numa linha dura com o terreno de encosta a subir, cortava o Ceu, que se estendia ao longe, profundo e quieto, pallido como uma douradura antiga, riscado pelas hastes finas das açucenas, em traços delicados e negros d'agua-forte.

No ar transparente e sonoro como crystal, vibrara docemente a voz de ouro do ANJO: «Ave MARIA», e a sua cabeça rojara sobre a terra e os seus cabellos varreram o chão sobre que cahiam os seus vestidos tão ricos e os seus labios haviam beijado a barra do seu vestido pobre, chamando-lhe numa humildade, cariciosa como uma prece, Rainha a ELLA; a escrava do SENHOR...

Os ANJOS fazem-n'a acordar de sonho tão distante, levantam alto as suas azas brancas que a cobrem como um palio de pennas setinosas e obrigam-a entre risos a andar, e a dar ordens e a ralhar a S. BENEDICTO, o bom preto, correndo alegre, a face a escorrer, a vigiar a cosinha; que não vá estragar-lhe os doces o sol que arde em braza na vasta lareira do Ceu.

Muito branca, a Senhora SANT' ANNA prepara demoradamente um doce, que só ella sabe fazer, e o seu rosto emoldurado pelos cabellos brancos, como o linho que floresce na flor azul do seu olhar, anima-se num sorriso velho d'Avó, recommendando ao MENINO que não prove os doces, e não estrague os brinquedos.

E tem muitos brinquedos o Menino; porque todos os Santos lhe fizeram presentes d'annos, e elle repartiu-os logo pelos SANTOS INNOCENTES e mais Santinhos pequeninos.

Que risos vão na Cozinha vasta e quente, que alegrias ao abrir as caixas de soldados de chumbo, que mandaram S. JORGE e S. THIAGO; que gritos com os *serradores* e outros brinquedos de madeira que deu S. JOSE'. E as prendas ricas do SANTO ELOY, o rico ourives do Céu; e as pipas de vinho pequeninas que mandou S. MARTINHO, aquelle Santo tão alegre?

Mas nada eguala os presentes de SANTA JUSTA e SANTA RUFINA, as boas Santas que tem no Céu aquella Olaria tão grande, em que trabalham as almas dos Oleiros Bons da terra. Ha campainhas, que ainda ha pouco fizeram vir á Cosinha SANTO ANTONIO, por conhecer aquelle som fino de o ter ouvido num convento que ha na Terra todo rodeado de pinhaes e d'onde se avista o Mondego, que no inverno sahe do leito a bordar de prata o tapete verde do Campo. Mas fugiu logo o bom Santo, porque a Santapetizada queria historias, e o MENINO DEUS queria collo e elle tem muito que fazer...

Que risos ao vêr os potes pequeninos, que S. JOÃO conheceu logo por os vêr todos os annos cheios de flôres na Fonte do Castanheiro. E as figuras de presepio, todas de barro pintado, tão lindas! E os pastores com cestos d'ovos e carneirinhos; e uma Velha, tão velha, mais velha que o Senhor S. PEDRO, com uma cesta, e um gallo, e uma gallinha... E os Reis Magos, todos de capa vermelha e turbante e corôa, tudo tão rico e tão dourado!...

Entra o ANJO que costuma ir dar a meia noite sobre a Terra, e logo se ouve a voz de crystal e oiro do MENINO DEUS, que nunca se esquece dos meninos pobres que dormem na Terra o somno pobre, e chama-o, e dá-lhe os brinquedos todos, todos, até o mundo tão bonito e bordado d'estrellas que lhe mandou S. CHRISTOVÃO, esse Santo tão bom e tão valente. E logo se estendem as mãos dos Santinhos pequeninos a darem tudo, tudo o que receberam, e chegam anjos e anjos, e todos carregados, debruçam-se a ouvir as recommendações dos pequeninos Santos; que todos tem na Terra um afilhado. E ha Santinho, que tem dois e tres, e é necessario não confundir os presentes, por isso os ANJOS ouvem com cuidado.

Parte num vôo d'azas brancas o bando dos ANJOS, levando adiante O que vae com seu martello de prata bater na LUA a meia noite. E de manhã os pobresinhos da Terra encontrarão no berço os brindes que lhe mandou o Menino, logo pela manhã ao acordarem ás caricias das mães que lhe dão o presente da VIRGEM NOSSA SENHORA, o Divino beijo maternal.

Está menos animada a cosinha, e ao soar a voz d'ouro do MENINO DEUS, a VIRGEM lembra aquella tarde fria de Dezembro, passada a caminhar para a mancha negra da casaria de Bethlem distante, recortando-se aspera e dura, sobre o poente em fogo, a fadiga do seu corpo tão cançado, a esmagar os seus pés crestados pelo vento e cortados pela neve vermelha em que parara gelado o sangue da terra, roxa, a tremer de frio....

Coimbra, 24 — XII — 93.

YOSSÁI.

SURSUM CORDA

(D'um poemeto inedito)

.....
Auriflamma brilhante ondeia aos largos ventos;
clarins auroreaes de rubros pensamentos
entoam triumphaes *andantes* de *hallalis*...
Cavalleiros do Sol, mais castos do que o Lys,
— almas brancas d'arminho, heroicas, perfumadas
a flôr de larangeira, ethereas alvoradas
de regiões ideaes — Cavalleiros do Sol
marcham á luz do Ideal...
Luzentes armaduras
onde o sol bate em cheio, espelhos d'almas puras,
coiraçam d'illusões os bellos Cavalleiros...

O sol banha de luz as comas dos pinheiros.
Relincham os corceis de crinas fluctuantes,
mordendo o aureo freio; arnezes e montantes,
escudos a tinir, espadas a brilhar
aos raios da manhã...
Deixae, deixae passar
a esplendida legião...
O' almas virginaes,
sublimes, que ascendeis, serenas, e pairaes
lá no alto, onde paira um turbilhão de Espheras;
ó almas para as quaes ha sempre primaveras
de riso immaculado e puras como o linho;
— só vós bem comprehendeis o rutilo caminho
banhado em plena luz e cheio d'alvoradas...

Nas prégas do pendão, nas pontas das espadas,
nas notas triumphaes dos seus clarins guerreiros,
no vívido fulgor do olhar dos Cavalleiros
da cavalgada heroica, ha como que o brilhar
esplendido do sol.
O branco nenuphar
ingenuo da Alegria; o vinho da Illusão;
a flôr irial do Bem; o riso do Perdão;
tudo o que é nobre e santo e puro, tudo canta,
numa harmonia pura, uma harmonia santa,
nas almas onde o Bem refulge com os astros...

A Justiça, a Verdade, andam ahi de rastros;
caminha a Corrupção a par da Iniquidade;
o Vicio mais o Crime, a flôr Duplicidade,
a Consciencia vil, os baixos Caracteres,
viceja tudo ahi...
Num prado os malmequeres
não desabrocham mais ao sol da primavera.

— Deus-Esperança, o Deus-Milhão, só elle impera!

Onde se encontra hoje essa virtude rara
que produziu heroes? A vivida almenara
que illuminava então de sol a Consciencia,
de todo se extinguiu; fanou-se a florescencia
da Honra, do Valor, do Brio e da Altivez;
— a Dignidade abriu passagem á Doblez...

.....
.....

Pois bem! para açoitar as hordas d'argentarios
p'ra quem o Deus é o Oiro e as Burras são sacrarios;
p'ra levantar um dique á cheia torrencial
e erguer á Humanidade um bronzeo pedestal,
altivo e sobranceiro ao putrido monturo,
— pharol a illuminar a marcha d'um Futuro
audaz —
é necessario um látego fremente,
irresistivel, d'uma indignação de crente,
um látego que seja ao mesmo tempo um archote
— que brilhe como o sol... a golpes de chicote!
.....
.....

Coimbra, dezembro de 93.

FERNÃO SILVESTRE.

SYMBOLO—NATAL

A physio-psychologia dos symbolos sociaes ainda não está devidamente analysada; sob um aspecto restricto merecem os symbolos alguma consideração aos theologos orthodoxos, litteratos do symbolismo e cultoros da philologia.

A concepção naturalista descobre no symbolo a resultante de duas formulas psychicas: a lei do minimo esforço e da inercia mental; essa resultante, porém, forma-se inconscientemente.

O cerebro é inerte como qualquer orgão; do mesmo modo que a deslocação dos corpos exige a dynamica inicial e as combinações chimicas a interferencia da luz, calor ou acções mechanicas, assim a actividade cerebral presuppõe a acção inconsciente de um motor extranho —a sensação. A associação organica entre certas sensações e determinados movimentos psychicos determina a recordação das ideias sem a competente dynamogenia das sensações. Nisto reside a genese do symbolo, que affectando formas diversas é sempre essencialmente social.

O symbolo religioso occupa um lugar eminente na historia das instituições sociaes; não é muito difficil surprehender, mesmo nas regiões mais afastadas e dominadas por systemas politicos e religiosos mais diversos, a evolução lenta mas sempre progressiva d'um mesmo symbolo. A apotheose da virgindade atravessou modulos, embora convergentes, symbolisados por ex: na Mâiâ (mãe de Çâkhia-Muni), em Maria (mãe de Jesus) e na Immaculada do Vaticano.

A festa do Natal era originariamente um symbolo da revolução operada por Jesus—um producto inconsciente do hellenismo, de toda a philosophia oriental. No actual momento historico, porém, o symbolo do Natal manifesta uma directriz diversa; como a importancia da Natividade do Christo tende a dissolver-se com o desapparecimento dos ultimos elementos da synthese catholico-feudal, o symbolo correlativo tende a representar a unidade organica da familia, que durante muitos seculos se affirmou notavelmente como elemento instrumental da apotheose do Christo.

Adoro o dia de Natal—symbolo da renovação social operada pelo Christo ou symbolo da organisação da familia; é mesmo indiscutivel, na presente desorganisação das sociedades, a superioridade do Natal, symbolo da familia organisada.

O unico aggregado social, que tem persistido atravez da evolução da humanidade, é a familia; o symbolo-Natal organisa a familia; celebremos, pois, com enthusiasmo o maior dos symbolos.

ABEL ANDRADE.

O PRESEPIO

Naquelles dias então,
—por decreto imperial—
saiu um censo geral
a toda a Tribu ou Nação.

Cezar Augusto era o genio
de Roma—da Scythia á Illyria—
Era então tambem Cyrenio
o presidente da Syria.

Longas estradas de além,
José, mais a noiva amada,
caminharam de jornada
para as terras de Bethlem.

José, o noivo real,
tivera seu berço alli.
—Era o seu paiz natal!
—Eram campos de David!

De regia ascendencia nobre,
José, apezar de herdeiro,
era um simples carpinteiro,
sereno, tranquillo e pobre.

Sabia vestir os nús,
soccorrer a Fome crúa,
e aos olhos da noiva, á lua,
mandar supplicas de luz,

Sabia ao seu bem amado
mandar seus ais, seus martyrios,
na hora em que do azul sagrado
parece que cáem lyrios!

Ora, eram vindos os dias,
segundo os signos dos céus,
e as lettras das Prophecias,
—que nascia um filho a Deus.

Mas este filho real
não foi nos céus embalado,
não teve ouro, nem brocado,
nem teve regio enxoval!

As nuvens não o enfaixaram
nos seus mantos de setim!
Nem estrellas lhe cantaram,
junto ao berço de marfim!

Não lhe mandou Deus enfeite
em uma salva dourada.
—Teve as perolas do leite,
—e o orvalho da madrugada!

Não lhe cantaram cantigas
os soes para o adormecer.
—Teve o ouro das espigas
—e os rubins do amanhecer!

Não se ergueu do seu assento
Deus a beijal-o na face!
—Teve a luz do sol que nasce,
—e as ladainhas do vento!

Não lhe cozeram neblinas
os seus nevados lençóes!
Nem bordaram roupas finas,
com aureas firmas, os sóes.

Não lhe offertaram toalhas
princeza, ou rainha loura!
—Por enxoval—teve as palhas.
—Por berço—uma mangedoura!

Só, de manhã, o saudaram
as andorinhas no ninho!
Só as violetas o olharam,
mais a flôr do rosmaninho!

Não lhe fez festas o Eterno,
ao collo d'uma Rainha.
—Só teve o bafo materno
da vacca, e da jumentinha!

E o Rei da Morte e da Dôr,
sem ter archeiros reaes,
só leu cortejos de amor
—nos olhos dos animaes!

GOMES LEAL.

ANNO QUE MORRE...

A vida do anno velho afunda-se na neve de dezembro, e em breve o velho anno se escoará nesse sorvedoiro gigante de seculos, onde têm desapparecido epochas de luz com irradiações de diamante e periodos de treva com laivos de sangue...

Poetas, pensadores, guerreiros—heroes da pena ou da espada—todos elles, chegado o dezembro glacial da vida, vão resvallando pelo sorvedoiro gigante, tão geral como as suas illusões que se evolaram, quando a sua primavera se desfez no azul; como a sua gloria, quando a sua ultima recordação se desfez na memoria dos seus ultimos admiradores...

Tudo morre, tudo cae: monumentos e ideias, homens e seculos, poemas e triumphos.

O que ficará, firme e eterno, resistindo á devastação do tempo—do tempo, que vae esphacelar o coração do velho anno neste mez gelido de dezembro?

O que ficará?

Diz-m'o a estrella fulgurante que, ha milhares d'annos, fulge sobre o Oceano.

Diz-m'o o Oceano que, ha milhares d'annos, ergue canticos ás constellações do azul.

O que ficará?—O amor, o sentimento eterno que se traduz num olhar—não o amor que se manifesta na formula burgueza da Biblia, na formula chata: *Crescei e multiplicae-vos*... mas o que se chrystallisa na estrella limpida do ar, que beija, ha milhares d'annos, o oceano immenso—esse cantor de quantas dores e quantas maguas se affundam no barothro enorme, onde vae tombar, doloridamente, o anno que finda...

Dezembro, 93.

FRA-DIAVOLO.

EM DIA DO NATAL

DE VOLTA A CASA

I

Entrei pé ante pé. Junto á lareira
d'um bello fogo rubro e crepitante,
á minha espera, uma familia inteira,
esses que eu amo com fervor constante.

Chego em silencio d'esse ninho á beira...
Ai, como bate no meu peito amante
o coração tremente de canceira,
depois do exilio longo, além, distante!...

Rezavam todos. Escutei a prece;
rezei tambem, meu Deus, porque em mim cresce
crença ou delirio ao ver-me junto aos meus:

—Avé-Maria pelos pobresinhos
que andam de noite á neve dos caminhos
e têm por tecto os constellados ceus.

II

—E elle sem vir! como andará cançado,
pobre proscripto, pela noite escura!
Rezem por elle que ha-de vir gelado:
—Salvé-Rainha á Santa Virgem Pura...

Mal resisti á dor do velho honrado
de quem eu faço a unica ventura;
curvei-me em terra e suspirei magoado,
vendo soffrer a paternal ternura.

O' da familia salutar conforto!
Meu coração alanceado e morto
naquelle doce instante reviveu...

—Quem geme ao frio?
—Vagabundo amigo,
disse eu—que vem a procurar abrigo
no vosso peito, meus irmãos,—sou eu...

III

Risos de pranto em cado olhar profundo,
beijos sem conta estrellejando aos pares!
Como faz bem ter quem amar no mundo
de volta aos nossos suspirados lares...

Mezes de magua e de soffrer constante,
horas de tedio e noites de agonia,
tudo me esquece neste doce instante
ao ver a nossa angelica alegria.

—Vêde, minhas irmãs, venho gelado,
rôto dos tojos, vêde, e tão molhado,
tisnada a fronte, o meu olhar sem brilho...

Dae-me um logar...
—O meu regaço quente...
—Olha, o meu colo...
—O meu olhar ardente...
Meu pae por fim:
—O coração, meu filho!

RODRIGUES DAVIM.

A incarnação de Vishnou

(IMITAÇÃO DE LENDA ORIENTAL)

Brahma... só Brahma é Grande e Poderoso.

Para elle, a obscuridade tenebrosa é transparente como as aguas tranquillas d'um lago de crystal;—os mysterios mais occultos da Natureza, leu-os na sagrada flor do lotus.

E nessas noites em que a Lua cheia adormece, guiada pela luz explendorosa das estrellas, decifrou as sagradas palavras escriptas pelo Grande Ser no vestibulo doirado do Edificio invencivel onde a Sabedoria, que purifica os corações e é o centro de todos os seres, tem o seu throno de diamantes.

*

Louvores a Brahma, que desceu ao seio d'uma Virgem para ensinar aos homens o caminho da Justiça...

Para as azas do seu cavallo voador, o caudaloso Ganges não passa d'um pequeno arroio;

Bastou um golpe da sua espada para derribar por terra o Gigante atormentador dos homens;

O sol brilha sobre a sua fronte, como um diadema celestial;

A luz do seu olhar é o facho que refulge, inextinguivel, sobre as cumiadas da Montanha d'oiro;

A sua sombra afugenta o Dragão inimigo da Lua;

Os seus ensinamentos são a Sabedoria dos povos;

Ensinou aos homens, que o verdadeiro merito está no conhecimento de si mesmo;

Prégou, que é valente quem domina os outros homens, mas que só é poderoso quem se domina a si proprio;

Que as violencias passam como passa o sol pelas cumiadas dos montes, e que só as acções boas, a Virtude, a Humildade, deixam na memoria dos homens recordações imperecedouras;

Perante a Natureza todos os homens são eguaes;—só a Sciencia, a Educação e a Virtude elevam uns sobre os outros;

As riquezas e as honras adquiridas com injustiça, são como a nuvem ligeira que fluctua um momento sobre as cabeças dos homens, e passa;

O principe que não rege os seus povos com o sceptro da Razão e da Justiça, em breve terá o dia da desobediencia e da vingança;

Para conquistar o amor do povo é indispensavel honrar os homens cuja rectidão se não verga nem ás lisonjas do Orgulho nem ás tramas da Iniquidade...

*

Estas Verdades todos as ignoravam; porque a Injustiça tinha dominado a terra, como peste assoladora.

*

Brahma, compadecido da Humanidade, e desejando estender a sua mão de providencia aos que se revolviam no mar impuro da Cegueira e da Ignorancia, determinou descer de novo á terra;

E a sua transformação e encarnação pela terceira vez se verificaram para redimir os homens e approximal-os do Grande Espirito, onde residem a União, a Intelligencia e a Sabedoria.

*

E Brahma, Bemdito seja! para confundir-se com os homens e identificar-se com elles, escolheu o seio de Mâia, a noiva purissima d'um Rajah.

Da belleza da Virgem formosissima, até o Sol tinha ciumes, e os seus olhos radiantes eram negros como noite sem Lua.

*

Mâia, uma noite, emquanto dormia suavemente, na tranquillidade plena da sua immaculada innocencia, teve um sonho inexplicavel.

Harmonias suavissimas de vozes argentinas resoaram em volta de si; e viu um Elephante Branco, aureolado de esplendores vivissimos, a atravessar os ares, magestosamente, enchendo de Luz o mundo inteiro; e ao passo que o Elephante caminhava, caía por toda a parte uma chuva abundantissima de flôres, de fragrancia innominada...

E a rutila visão foi-se approximando, approximando, até que pairou sobre a cabeça da Virgem adormecida. Então, o côro celestial entoou os seus cantos mais suaves, até que, pouco depois, Elephante e córos e resplendores celestes desappareceram como que por encanto.

E Mâia despertou subitamente, tremula como a folha resequida que o vento faz cair da arvore, no Outomno.

*

No dia seguinte o Rajah, emocionado pelo sonho mysterioso da sua noiva purissima, chamou adivinhos.

E elles disseram-lhe que aquelle sonho era mensageiro d'uma grande nova. Significava que um espirito celeste descera ao seio de Mâia, e que d'aquelle beijo ineffavel nasceria um filho; que elle libertaria as dez partes do mundo das trevas em que jaziam e semearia entre os homens o germen da Verdade e da Justiça.

*

Mâia, um dia, inspirada pelos Genios que cercam o Grande-Ser, abandonou o palacio e internou-se na floresta, e sentou-se á sombra d'uma arvore gigantesca.

O Sol tinha entrado no solsticio do Inverno, e espargia sobre a terra uma chuva de fios d'oiro.

Appareceu no céu uma Estrella luminosa e da terra brotaram flores...

Mâia inclinou a fronte sobre o seio, e Vishnou saíu do seio de sua Mãe, como um suspiro que se exhala, docemente, suavemente...

Os deuses e os Genios rodearam o Filho e a Mãe gloriosa, que o trouxera no seio; os Reis prestaram-lhe homenagens, multidão innumeravel o acclamou e adorou, saudando na Creança debil o Deus dos Deuses, a Luz das Luzes, o Regenerador da Humanidade...

Prodigios maravilhosos annunciaram ao mundo a sua grandeza.

A terra estremeceu d'alegria; as arvores seccas reverdesceram, as flores do lotus, filho sagrado das aguas, brotaram nas mais aridas planicies; deslisavam á superficie da terra frescos arroios d'aguas crystalinas, e murmurios mansos, ethereos; os ventos suspenderam a sua carreira eterna; os astros, pararam nas suas orbitas; e a Lua Cheia, a perola divina, desceu sobre a creança mysteriosa a ungil-a com os seus raios, illuminando-a de luz e ás dez mil virgens, que, agitando no ar os seus leques de pennas de aves do paraizo, velavam o primeiro somno de Vishnou, o filho do Grande-Ser...

A todos os nossos collaboradores que nos mandaram originaes para este numero e não poderam ser publicados por absoluta falta de espaço, pedimos desculpa.

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez *Typ. Operaria* Coimbra

ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas *Typ. Operaria* Coimbra

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição *Typ. Operaria* Coimbra

ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em côres *Typ. Operaria* Coimbra

BILHETES de visita Qualidades *e preços* diversos *Typ. Operaria* Coimbra

LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato *Typ. Operaria* Coimbra

IMPRESSOS PARA repartições publicas *Typ. Operaria* Coimbra

CARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro *Typ. Operaria* Coimbra

AVISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. *Typ. Operaria* Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quartanista de direito, continua a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Marco da Feira, n.º 41.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LIVROS

Annuncios *gratis* recebendo-se um exemplar.

Noções geraes sobre os serviços do correio e telegraphos

Acompanhadas de todas as tabellas necessarias para a execução dos mesmos serviços, por Domingos J. da Silva, aspirante auxiliar dos correios e telegraphos, ajudante do fiel da estação central de Coimbra.

E' um livro muito curioso e util, em que o nosso amigo o sr. Domingos J. da Silva presta um relevante serviço ao commercio com a sua publicação.

Aconselhamol-o. E por 300 réis, que tanto é o seu custo, não se privam de um livro instructivo e bom.

Pedidos ao auctor e a Paula e Silva, rua do Infante D. Augusto, Coimbra.

Preço 300 réis; pelo correio 310; pagamento adeantado.

ANNUNCIOS

Por linha ..... 30 réis
Repetições ..... 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

PRESENTES DO NATAL

196 A **mercearia** de José Tavares da Costa, Successor, acaba de receber o fino queijo flamengo, grande quantidade de differentes bolachas nacionaes e estrangeiras, licôres, salames, chocolates, conservas, passas d'Alicante, ameixas d'Elvas, e muitos outros artigos proprios do estabelecimento.

×

Recebeu por outro contrato especial com um dos melhores proprietarios do Alto Douro, caixas com 6 e 12 garrafas de excellente e puro vinho fino proprios para presentes de festa que se vendem a preços excessivamente baratos. Tambem terá vinhos da Companhia Vinicola.

Champagne nacional

No mesmo estabelecimento ha deposito do melhor champagne nacional de V. de Cocq & Fils, que tem obtido premio nas differentes exposições a que tem concorrido e que não tem competidor em preços e qualidade.

Rua Ferreira Borges, 176 — Largo do Principe D. Carlos, 2 a 8—Coimbra.

CHARRETTE

179 **Vende-se** uma elegante *charrette*, assim como um cavallo que dá boa cavallaria. Modicidade nos preços. Pereira Serrano, Terreiro da Erva n.º 28. Coimbra.

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento-Mór — 24

192 **Continua** a concertar e cobrir de novo, guarda-soes, de boa seda portugueza, pelos preços já annunciados. Tambem tem paninhos e bons setins, para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento compram-se guarda-soes usados.

Caixeiro com pratica de mercearia

193 **Precisa-se** d'um no estabelecimento de mercearia de Joaquim Gonçalves Rama, praça 8 de Maio, 42 a 44. Dá-se bom ordenado.

CHOURIÇOS DO ALEMTEJO

OPTIMA QUALIDADE

183 **Chegou** uma grande remessa vinda d'uma das mais acreditadas casas fornecedoras. E' tal a confiança que o annunciante tem nesse genero que declara reembolsar os freguezes se elles se não considerarem bem servidos nas compras. Ha tambem presuntos velhos e fiambre já cortado. Os preços são sem competencia no conhecido estabelecimento de

ENCARNAÇÃO GONZAGA
24, Rua da Sophia, 30
COIMBRA

CAIXEIRO PARA MERCEARIA

194 **José Marques Pinto** admitte no seu estabelecimento de mercearia na praça do Commercio, um empregado como caixeiro ou socio.

Garante bons interesses conforme as suas habilitações commerciaes.

Xarope peitoral de musgo e jujubas

DE

AUGUSTO DE BASTOS

188 É **remedio** infallivel em todas as molestias do peito, podendo reputar-se um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôr de peito, escarros de sangue, etc., etc.

Deposito geral, em Coimbra: nas Pharmacias, Bastos, largo do Castello, e Luzitana, Praça do Commercio.

Pichelaria conimbricense

DE

HENRIQUE CESAR DE LIMA

DO PORTO

15—ADRO DE CIMA—16

186 **Toma-se** conta de todo o serviço de canalisações d'agua e bem assim de assentamento de bombas de todo o systema, em Coimbra ou em qualquer outra localidade.

Fornecem-se e assentam-se: depositos automaticos para retretes e ourinoes, apparelhos e accessorios para ventilação, apparelhos para aquecer agua pelo systema de circulação applicavel a qualquer fogão de cozinha, caldeiras para aquecer agua para banhos, torneiras e valvulas para toneis de vinho, filtros de repressão etc.

O annunciante é quem executa todos estes trabalhos, e para attestar a sua proficiencia neste genero faz publico que tem longa pratica nas conhecidas casas do Porto — J. Minchon, Herbet Cassels e Francisco da Cunha — alem de ter sido, durante tres annos, o encarregado do serviço de canalisações d'este municipio.

XAROPE DE PHELLANDRIO

COMPOSTO DE ROSA

5 **Este** xarope é efficaz para a cura de catharros e tosses de qualquer natureza, ataques asthmaticos e todas as doenças de peito. Foi ensaiado com optimos resultados nos hospitaes de Lisboa e pelo conselho medico do Porto, bem como pelos principaes facultativos da capital e das provincias, como consta de 41 attestados que acompanham o frasco.

Vende-se nas principaes pharmacias do reino. Deposito geral — Lisboa, pharmacia Rosas & Viegas, Rua de S. Vicente, e 31 33 Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª Porto, pharmacia Santos, rua de Santo Ildefonso, 61, 65.

REAL COMPANHIA VINICOLA

DO NORTE DE PORTUGAL

UNICO DEPOSITO

LARGO DA FEIRA, N.os 32 A 34

Grande desconto em todos os vinhos aos compradores.

1—RUA DO CEGO—7

DEPOSITO DA FABRICA NACIONAL

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128, Rua de Ferreira Borges, 130

3 NESTE Deposito regularmente montado, se acha á venda, por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA)

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 ARMAZEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fora.

ANTIGA MERCEARIA

DE

Marques Manso, sobrinho

1—RUA DO CEGO,—7

COIMBRA

190 Esta casa montada nas melhores condicções de aceio, apresenta aos seus ex.mos freguezes o que melhor ha em generos de mercearia.

Assucares finissimos refinados com o maior esmero.

Chá verde e preto de finissimas qualidades.

Café torrado e moido da melhor qualidade de Cabo Verde.

Chocolate hespanhol de Mathias Lopes, francez e suisso.

Completa novidade em bolachas nacionaes e estrangeiras.

Especialidade em salchichas feitas espressamente para esta casa

Unico deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola, engarrafados e ao torno — *unica casa que trata directamente com a companhia.*

Tabacos das marcas mais finas, nacionaes e estrangeiras.

Completo sortido de ladrilhos em moisaico de desenhos elegantissimos, etc., etc.

Esta casa encarrega-se de mandar a casa dos seus ex.mos freguezes todos os generos comprados no seu estabelecimento.

BOM VINHO

185 Na antiga esquadra da praça 8 de Maio, abriu-se bom vinho novo a 100 e 110 réis o litro.

Esta casa continua a fornecer jantares para fóra por preços muito baratos, garantindo a limpeza das comidas.

Vão provar o bom vinho.

VIOLEIRO

53 **Augusto Nunes dos Santos**, successor de Antonio dos Santos, premiado na exposicão districtal de Coimbra, em 1884, com a medalha de prata; e na de Lisboa de 1890, participa que se faz nesta officina, a mais acreditada d'esta arte, toda a qualidade de instrumentos de corda concernente á sua arte; assim como os concerta com a maxima perfeição, como tem provado ha muitos annos.

Tambem vende cordas de todas as qualidades para os mesmos instrumentos.

Preços muito resumidos.

RUA DIREITA, 18—COIMBRA

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e administração

RUA DE FERREIRA BORGES, 83, 1.º

EDITOR

Antonio Augusto dos Santos

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno.....	2$700	Anno.....	2$400
Semestre....	1$350	Semestre...	1$200
Trimestre...	680	Trimestre...	600

ANNO II — Coimbra, 28 de dezembro de 1893 — N.º 151

O Defensor do Povo

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

O canto do cysne

Diz a tradição lendaria que o cysne, a maior e mais bella das nossas aves aquaticas, quasi sempre silenciosa e triste, solta ao morrer um canto alegre, cheio de bellas e deliciosas harmonias e suavissimos gorgeios.

O sr. dr. Bernardino Machado, o qual, na pureza das suas intenções, nos faz lembrar a candura da alvissima plumagem de um formoso cysne, quasi sempre silencioso durante a gerencia da sua pasta, ou cantando desafinado e em surdina pelo surdo e desafinado diapasão dos seus collegas, tambem despediu, ao morrer ministerialmente, se é que ministerialmente viveu, ou vida póde chamar-se a lenta, arrastada e indecorosa agonia, em que se debatem os governos d'este malfadado e escarnecido Portugal, —um canto doce e harmonioso nos tres *decretos* que referendou ao despedir-se do mundo politico official, onde nunca devera ter entrado, ou pelo menos onde nunca devera ter sido ministro e conselheiro da corôa.

*

Os tres *decretos* a que nos referimos, e que representam o modesto legado ou antes o valioso presente, offerecido pelo ministro demissionario ao progresso economico e scientifico da sua Patria, são:

—O *Decreto* organico das colonias agricolas, com o louvavel e utilissimo fim de alargar, desenvolver e aperfeiçoar as boas e progressivas praticas agricolas e a industria pecuaria em todo o paiz, desviando principalmente para o Alemtejo a corrente da emigração, que tão deploravelmente tem engrossado em direcção á America do Sul.

—O *Decreto* que, larga e proficientemente, se occupa da organisação e montagem dos serviços e operações meteorologicas e climatologicas, tão necessarias e proveitosas ás industrias piscatoria e agricola, á navegação e ao commercio, para prevenir os pobres pescadores e a laboriosa população agricola das mudanças e alterações do tempo, e evitar, quanto ser possa, os desastres maritimos e outras lamentaveis occorrencias e funestos accidentes, occasionados pelas tempestades imprevistas e outros phenomens devastadores, que nos roubam os productos do trabalho, e arrebatam muitas vidas preciosas.

A sua necessidade economica e estimação humanitaria são incontestaveis.

—O *Decreto* finalmente, com que o illustre professor da Universidade e fervoroso apostolo da instrucção e da educação populares, a mais poderosa força e a melhor garantia da ordem e do progresso nacional, funda e organisa o museu etnographico, destinado a reunir e a guardar preciosas reliquias e monumentos valiosos, que muito interessam, e efficazmente devem impulsionar as sciencias que se referem á constituição estructura, aos costumes e selecção propria e caracteristica, ás condições organicas de existencia ancestral do povo portuguez, antes e depois de formada a constituida a nação portugueza.

A etnographia é hoje uma sciencia concreta de altissima importancia, destinada a prestar valiosos subsidios e a fornecer preciosos elementos aos modernos estudos e investigações sociologicas, e, por isso mesmo, de uma influencia poderosa e decisiva no progressivo desenvolvimento da civilisação parcial de cada povo e da humanidade em geral.

*

D'estes assumptos nos occuparemos opportunamente e com a attenção e o esmero, que o assumpto merece.

Por agora limitamo-nos a uma simples indicação.

Não queremos, por nossa parte, deixar no esquecimento a obra de grande valor e subido preço, que, á ultima hora, fecundaram e produziram a reconhecida illustração, o bem intencionado e bondoso animo do sabio academico, o qual, abandonando, por um generoso impulso de dignidade e pondonoroso rasgo de virtude, o baixo e ignominioso poste, a que o prenderam as intrigas e as insidias de uma politica sem principios, sem programma, sem convicções, sem moralidade nem pudor, quiz mostrar de quanto era capaz, e quanto fariam o seu cultissimo espirito e animo bemfazejo, se o deixassem mover livremente e á vontade na esphera das suas attribuições, nos largos horisontes da sua iniciativa e por seu proprio e esclarecido esforço.

Fóra da monarchia, isolado de influencias palacianas, desprendido de ligações partidarias, o sr. Bernardino Machado teria sido, como ministro, muito outro, mui diverso do que foi, ou antes o obrigaram a ser.

O que dizemos d'elle poderiamos affirmar de alguns outros homens de valor, cujos talentos a politica monarchica tem annullado, cujo caracter tem pervertido, levando-lhes com o prestigio a boa reputação.

EMYGDIO GARCIA.

Chronica da Invicta

Assumpto da semana: o Candinali no *Otello*.

A empreza Verdi entrou num periodo côr de rosa; a casa desengalinhou-se, e a opera primorosa que Verdi escreveu sobre a velha tragedia immortal alcançou um exito muito lisongeiro para uma *troupe* artistica que conta os fiascos pelo numero de recitas.

Cardinali é, realmente, um tenor, e sobretudo—é um artista distinctissimo—por isso se lhe perdoam as notas médias, que elle emitte pelo nariz, por isso se lhe perdoam as notas graves—que elle não emitte.

Como vêem, é um tenor de força, segurissimo nos agudos, proprio para o genero brilhante.

Deve ser um excellente *Maçarico* e um bello *Roberto*.

As operas do *meggo-caracter*, onde seja indispensavel o *bel-canto*, encontrarão nelle um fraco interprete.

—Um Tamagno em miniatura... salvo o devido respeito pela miniatura de Tamagno...

O publico, que enchia a elegante sala, applaudiu a valer, porque, além de não conhecer a opera, tem uma especial affeição pelos tenores que berram, que se estalfam, que dão cabo dos pulmões.

No theatro estava tudo que o Porto conta de mais distincto no seu mundo *d'élite*: Pelos camarotes bustos graciosos de damas formosissimas, ao lado *d'Otellos* que contemplavam, boquiabertos, aquella indignação do Mouro de Veneza, indignação que irrompia da sua alma, negra tambem, numa explosão de notas agudas—si-bemol e dó natural...

Os *otellos* que assistiam á representação do drama de sangue achavam mais natural que *aquillo tudo* acabasse com um chuveiro de bengalladas no lombo d'Yago, e um par de brincos de *regalo* para a casta Desdemona.

Outros tempos... outras soluções...

—O *Otello* repete-se ámanhã, em ultima recita, para dar logar á *Aida*—outro primor de Verdi.

Creio que Cardinali não será um *Radumér* á altura do *Otello* com que deslumbrou a sala do nosso primeiro theatro. Na *Aida* (opera conhecidissima, e que admitte confrontos) ha phrases de canto largo, duettos d'amor que requerem a *megga-voce*.

Se prognostico um desastre a Franco Cardinali, garanto um fiasco completo á sr.ª Saffo Belluncioni, que foi uma *Leonór* deploravel e uma *Carmen* d'escada abaixo. Não satisfez como artista nem como cantante.

Para a *Amnéris* da *Aida* requer-se dotes d'artista e recursos vocaes de *primo cartello*. Saffo Belluncioni realisará o milagre de cantar sem voz? Conseguirá representar sem o auxilio da Arte—que desconhece por completo?

Desconfio que não. Já não quero fallar na sr.ª Salud Othon, que nos deu uma *Desdemona* acceitavel... Mas que será uma *Aida* á altura de Saffo Belluncioni.

E' caso para perguntar: O successo do *Otello* seria uma excepção á regra geral dos fiascos que vão assignalando a empreza Verde?

26 de dezembro de 93.

RUY-BLAS.

Sciencias, Lettras & Artes

VERSOS ANTIGOS

Quando tombares, livida, gelada,
Da morte no medonho sorvedoiro,
E quando essa cabeça inanimada
Se occultar triste em teu cabello loiro;

Quando esse olhar tão limpido e ardente
Me fitar sem calor, embaciado,
Como estrella de luz, que de repente
Se occultasse no azul immaculado:

Quando o Senhor te destruir a urna
Da vida—sobre a campa taciturna,
Hei de a ultima vez ainda beijar-te,

... Que só assim meu soffrimento acalma!
—E quero, minha pomba, amortalhar-te
Com a tunica branca da minha alma!

Porto, novembro de 1890.

AUGUSTO DE MESQUITA.

O NATAL

Que alegria, que doce recordação a da noite do Natal!

Ha perto de dois mil annos, em humilde presepio de Bethlem de Judá, uma Virgem, ainda mais humilde, deu á luz um tenro infante; pela amplidão dos céus resoam nesse momento canticos suavissimos, que promettem aos homens paz na terra.

Fachos de dulcissima luz incidem sobre a humilde gruta; e os reis, guiados por uma estrella, veem de longinquas paragens orientaes, e os pastores das ferteis campinas de Nazareth, prostram-se em adoração, offerecendo as suas dadivas á creancinha, envolta em pobres faxas e reclinada em miseras palhas.

Passam-se dois mil annos sobre os acontecimentos d'aquella noite bemdita, e as gerações, umas após outras, legando-se as gratas inspirações d'então, como os magos do Oriente, como os pastores de Nazareth, prostram-se tambem reverentes perante o altar, onde se reclina o Salvador do Mundo, e enviam-lhe canticos de amor e reconhecimento.

Como é grande a divindade na humildade; como o orgulho humano se sente abatido perante o espectaculo offerecido pelo Homem-Deus!

Que differença entre a humildade de Jesus, que vem trazer-nos a salvação pelo sacrificio, e o orgulho d'áquelles que nos arrastam á perda pelo mau exemplo!

Como sentimos a alma rejuvenecer, e inspirar-se nos mais grandiosos pensamentos do Bem ao rememorar o nascimento do Salvador!

Ha espectaculos, que, á força de singeleza e verdade, se gravam fundo no coração humano.

A apotheose do christianismo está na scena simples e magestosa de Bethlem. As galas de festas precursoras do nascimento dos principes são por completo esquecidas para a natividade do Homem-Deus.

E assim devia ser, porque a ruina do mundo vem do luxo faustuoso; e Jesus vinha arrancal-o d'essa ruina prégando a caridade, ensinando a obediencia, aconselhando o desprezo das galas e vaidades humanas, estatuindo emfim as maximas puras e sanas da moral christã.

E a doutrina sublime tem sido prégada durante dezenove seculos; o vendaval da heresia ainda não poude ruir-lhe os fundamentos.

As gerações succedem-se pelo decorrer dos seculos, nos crentes veem junctar-se novos crentes, que ajoelham firmes aos pés da cruz.

A palavra de Deus e as suas obras são immutaveis; os erros do homem não podem destruir a verdade.

A sciencia caminha progressivamente; o homem no seu incessante labutar vae fazendo novas descobertas, inventando novos systemas, mas quanto mais avança, mais conscientemente vae estabelecendo e vinculando a harmonia entre a sciencia e a fé.

Eis a verdade, eis a belleza do christianismo!

Não esqueçamos pois o dia do seu advento. Corramos com os nossos maiores a prostrar-nos reverentes e possuidos da mais viva fé, aos pés de Jesus que acaba de nascer. Imitando os Magos, imitando os pobres pastores, enderecemos-lhe as dádivas mais puras que o nosso coração podér crear.

E' um dia de alegria em toda a terra. Por entre as espiraes do incenso enviemos a Jesus os canticos mais harmoniosos que a nossa alma poder desferir, e estendamos os braços á Humanidade.

Coimbra, 23—93.

AMILDO.

BARROS LOBO

Surprehende-nos a dolorosa noticia do passamento de Eduardo Barros Lobo, um dos mais scintillantes espiritos do nosso meio litterario, que elle enriqueceu com verdadeiros primores, sob o modesto pseudonymo de *Beldemonio*.

A tysica—a doença implacavel, que se compraz em roubar-nos, um a um, os eleitos da Arte—minara-lhe pouco e pouco a existencia: e Barros Lobo, que sabia o seu estado pela leitura dos livros de medicina, a que ultimamente se entregava, sentia vir a morte, amargamente, serenamente, com a certeza cruel d'um desenlace proximo...

... E tão proximo—que o não deixou terminar o livro em que *Beldemonio* trabalhava com afan, e deveria apparecer brevemente: *O Senhor Duque*.

Esta ultima producção do primoroso litterato é um bello estudo sobre a epocha de D. João IV, referindo-se especialmente ao movimento de 1640.

A primeira parte entrára no prélo ha poucos dias.

Além de muitos jornaes de Lisboa e Porto, em que collaborou, deixou Barros Lobo algumas traducções de Balzac e Zola, notaveis pela pureza d'estylo, em que, de resto, sempre se evidenciou este joalheiro da prosa.

Morreu aos 36 annos!

Lançamos, dolorosamente, o nosso punhado de flôres sobre a lousa do saudoso *Beldemonio*.

Internato Ultramarino

O sr. Adolpho Coelho, distincto professor do Curso Superior de Lettras, e o sr. Branco Rodrigues, acabou de fundar em Lisboa o utilissimo instituto de educação, o—*Internato Ultramarino*—cuja direcção pedagogica está a cargo do sr. F. Adolpho Coelho.

Em geral, a nossa opinião é de que o *internato*, sob qualquer forma, é sempre um mal. O *internato* é, ordinariamente, o meio de que os jesuitas mais se servem para o uso dos seus deprimentes processos de educação. Não os acceitamos, pois, a não ser em casos extraordinarios como o que determina a instituição do *Internato Ultramarino*.

O fim d'esta instituição é preparar aos filhos das nossas colonias, que para o reino vêm a instruir-se ou a procurar em o nosso clima um meio salutar de desenvolvimento, um collegio onde encontrem, a par das melhores condições hygienicas, as melhores condições de educação.

N'este *Internato* os estudos estão divididos em tres grupos:—*Ensino primario, secundario e superior*, podendo ainda os alumnos fazer n'este collegio a sua *Educação artistica*, para o que ha um curso geral de desenho, um curso especial de bellas artes e um curso completo de musica. Para a sua *Educação physica*, podem ainda frequentar no *Internato* as aulas de *gymnastica elementar, equitação, esgrima, dansa, carreira de tiro, exercicios militares* e *natação*.

O *Internato Ultramarino*—que será inaugurado no dia 1.º de janeiro, acha-se installado na rua Nova de S. Caetano, n.º 1 (Buenos-Ayres), Lisboa.

As Associações Commerciaes

Vae tomando largas e vigorosas proporções o protesto justissimo le-

vantado pelos honrados commerciantes de Lisboa contra as ineptas e espoliadoras extorsões da nova contribuição industrial. A esse protesto devem associar-se todos os homens de bem, todos os que trabalham e do seu trabalho vivem.

Contem com a nossa dedicada e sincera cooperação.

A' ULTIMA HORA

CRISE MINISTERIAL

Corre com insistencia o boato de que o governo pedira a sua demissão, sendo chamado para constituir ministerio o sr. José Luciano.

A opinião publica recebeu com agrado este acontecimento politico.

Interesses e noticias locaes

Como a policia cumpre os seus deveres

Em Coimbra, como em todo o paiz, faltam á *policia* a conveniente instrucção, a educação, a disciplina, isto é, as primeiras e indispensaveis condições para comprehender e bem desempenhar as suas delicadas funcções, os seus austeros deveres, a começar pelos chefes e d'ahi para baixo até aos simples guardas, verdadeiros automatos, movidos pelas ordens e instrucções de quem não alcança, nem faz uma ideia sequer approximada do que sejam, e do que representam, nos povos civilisados, as instituições e os serviços policiaes; repressivos, sem duvida, mas primeiro que tudo educativos, garantias de ordem e de segurança publicas por certo, mas, sobretudo e antes de tudo, garantia da liberdade, da propriedade, do respeito dos cidadãos collocados pelas leis e pelos regulamentos sob a protecção e defeza das auctoridades e seus agentes.

Poderiamos apontar em cada dia muitos factos para provar a inepcia, as irregularidades, os abusos, a feroz rudeza, as grosserias e as violencias da *Policia*.

Um caso bastará, succedido no sabbado, 23 do corrente, no campo de Santa Clara, no mercado que alli se costuma fazer todos os mezes em egual dia.

Uma pobre velhinha septuagenaria, da povoação do Chão do Bispo, foi alli vender algumas crias. D'entre ellas foi-lhe roubado um bácuro.

A pobre velha, que não tinha forças para ir atraz de quem assim lhe levava parte dos seus haveres, nem podia, quando as forças lh'o permittissem, desamparar os que lhe deixavam, gritou, como era natural, pelo auxilio de um sr. policia que estava proximo, para que lhe acudisse, como era da sua obrigação.

O policia não a quiz ouvir; não lhe attendeu gritos, nem rogos, nem supplicas, nem lagrimas.

Mostrou-se indifferente; e, segundo dizem, ainda por cima troçou, zombou da queixosa, que em um natural e instinctivo impulso de desespero, vendo-se roubada, desprotegida, e escarnecida, rompeu gritando:

—«Aqui d'el-rei contra o sr. policia, que me não quer acudir, que assim me deixa roubar!»

Foi o bastante para o feroz policia tão desleixado no cumprimento dos seus deveres, tão falto de educação e humanidade, se lançar, como féra embravecida, sobre a pobre mulher; e depois de a contundir, leval-a, ou antes arrastal-a para a esquadra, puchando-lhe pelas rugosas mãos com os dedos dobrados, despertando reprovações e merecidas censuras em toda aquella gente, que pasmada presenceiou aquelle estupido e brutalissimo acto de selvageria policial, que não só offendeu o direito e a justiça, calcou a lei e o dever, mas nem ao menos soube respeitar o sexo, a edade e a veneração, que a todos inspiram as prerogativas de uma velha Mãe de familia, que vem ao mercado agenciar o pão de cada dia, com fadiga talvez superior ás suas forças!

A mulher tem esposo, um velho respeitavel, tambem de setenta annos e filhos, que são uns dignos e esforçados operarios. Aquelle e um d'estes, o sr. José Antonio da Costa, que é um habilissimo estucador, vendo sua esposa e Mãe roubada, e ainda por cima insultada, esbofeteada, maltratada, ahi por um qualquer policia, e presa na esquadra, isto em vespera de Natal, dirigiram-se ao sr. commissario de policia para que justiça lhes fosse feita, rogando-lhe pozesse sua esposa e Mãe em liberdade!

O sr. commissario, que deveria ouvil-os com attenção, informar-se e inquirir do facto, chamar o inconveniente e ousado policia, interrogal-o, em uma palavra, cumprir os seus deveres com austeridade, rectidão e delicadeza, rompe em uma descomposta vozearia, sem tom nem som, insulta e chega a ameaçar com os punhos cerrados aquelles dois bons e honrados cidadãos, que, no exercicio dos seus direitos e respeitosamente, se lhe apresentaram pedindo justiça e auxilio; porque, disse elle, — «aquella mulher (esposa de um e Mãe do outro) era esta, era aquella, e tinha tido o inaudito atrevimento de gritar *aqui d'el-rei* contra um sr. policia!...»

Do que elles deram todas as satisfações e explicações, mostrando saber mais e muito mais das funcções e deveres da policia, do que o proprio commissario, e dizendo ao voltar-lhe costas e retirando se magoados e aborrecidos do enorme destempero e grosseria:

—E que havia de ella fazer?

—E que havemos de nós fazer?

É por estes processos e com taes exemplos que um commissario educa, instrue e disciplina os seus subordinados e agentes!

E' esbravejando, insultando e ameaçando os cidadãos que cumpre as leis e faz justiça!

Este e outros factos, dezenas d'elles que poderiamos apontar, obrigam-nos a fazer as seguintes perguntas:

Para que serve a policia?

Que uso faz a policia da sua força e auctoridade?

Como cumpre a policia os seus deveres e desempenha as suas funcções?

D'onde lhe vem o direito de insultar, ameaçar e espancar os cidadãos?

Sabemos muito bem, e toda a gente por ahi o sabe e por toda a parte o diz, que o sr. *commissario de policia* em Coimbra não tem, como tambem não têm os outros commissarios, as habilitações e as qualidades apropriadas, os meritos e os requisitos necessarios para o bom desempenho d'aquelle importante cargo, para exercer o qual não bastam uma carta de bacharel em direito, as sympathias do paço, a confiança do ministro do reino e a acquiescencia benevola da auctoridade superior do districto.

Não, não bastam.

E' muito pouco, póde não valer coisa alguma; e d'isso tem, como todos os outros commissarios, dado sobejas provas o actual commissario de policia de Coimbra.

Contentar-nos iamos, porém, de que os srs. commissarios fossem homens, pelo menos, bem educados, prudentes, activos e em certos casos benevolos, humanos e até caritativos.

Os factos, porém, de uma triste observação e dolorosa experiencia levam-nos todos os dias, e apagam o optimismo d'esta bella esperança, de tão consoladora, mas ephemera illusão.

Retirou para o Porto o armador que veiu enfeitar as salas do novo centro dos politicos do sr. Ayres de Campos.

Dizem-nos que é um luxo—a desbancar a redacção das *Novidades* —que foi um primor no genero, no tempo do sr. Navarro.

Por fóra cordas de viola...

Missa do gallo

Ainda este anno foi celebrada, *com a costumada pompa*, esta inconvenientissima e anachronica solemnidade *religiosa* na Sé Cathedral de Coimbra.

A horas mortas da noite, uma noite de dezembro, frigidissima e ás vezes tempestuosa, aquella enorme agglomeração de gente, de pessoas de um e outro sexo e de todas as classes em um templo, por mais vasto e resguardado que seja esse recinto, além de anti-hygienica, é desmoralisadora, chega a ser duplamente perigosa.

Não lucram por certo a educação e os bons costumes, o sentimento religioso e o fervor das crenças, os interesses da Egreja e as conveniencias do Estado, o amor de Deus e do proximo, a pura e santa caridade com tal *espectaculo*, mais profano do que sagrado, com aquella exhibicão lithurgica, a qual transforma os venerandos templo, illuminados a gaz, em uma especie de theatro de opera-comica, a simplicidade magestosa do culto christão em velho e andrajoso scenario de uma estafada representação theatral, onde se conversa, ri e galhofeia, onde se *largam piadas*, e jogam *travessuras*, que nem o poder moral da consciencia nem a vigilancia e repressão policiaes conseguem conter ou moderar.

Toda a gente o sabe, e, por isso, não póde ignoral-o a auctoridade superior ecclesiastica, que, sem faltar ás necessidades e esplendores do culto catholico e ás suas mais justificadas e gloriosas commemorações, poderia e deveria evitar os desacatos e impiedades, que sempre ou quasi sempre tal festa occasiona, e... facilita, dentro e fóra da egreja...

Haviam de agradecer-lh'o a religião, a moralidade, a decencia, a boa educação e o socego das familias, que é de familia e do lar domestico a festividade do Natal.

Continuem a celebrar *missas do gallo* e outras semelhantes exhibições lituhurgicas de mau gosto e pessimo effeito, e venham depois gritar—que ha falta de respeito e de decencia nos templos, que o sentimento religioso desmaia, e se perverte, que o amor de Deus e a veneração pelos santos declina e... de todo acaba.

A proposito d'esse vandalico acto de destruição d'arvores, que a camara ha pouco tão ineptamente commetteu, recebemos um bilhete postal em que se affirma que a responsabilidade d'aquella boa acção pertence ao presidente da camara sr. Ayres de Campos, affirmando-se alli que a cerebrina determinação partiu do auctoritarismo d'este nosso illustre edil.

Não sabemos se assim é; seja, porém, qual fôr a origem da disparatada ordem, que bem merecia um correctivo em fórma, a responsabilidade d'ella impende tanto sobre o presidente da camara como sobre qualquer dos vereadores.

Se o sr. Ayres de Campos, porventura, não abusou da sua auctoridade impondo-se despoticamente, ou se não fez mais do que acquiescer ao revoltante vandalismo, perante a opinião publica e perante os que parvamente levaram á administração do municipio os conspicuos vereadores, não diminue de grau a censura que ao sr. Ayres de Campos justamente cabe.

No dia 3 de janeiro proximo, desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde, a recebedoria do concelho está aberta para o pagamento das contribuições ao Estado.

Finda o praso do pagamento em 31 de janeiro, e os contribuintes que pagarem depois estão incursos no *juro de móra*, o que vae augmentar a importancia da contribuição.

O distincto clinico e primoroso escriptor dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho segue hoje para Lisboa.

Não se assustem. S. ex.ª não vae tractar da sua candidatura, não; este nosso bom amigo não quer conspurcar o seu caracter impoluto nesta choldra politica que para ahi se degladia.

Boa viagem e muita saude.

No domingo, hão de reunir os srs. commerciantes no tribunal de justiça, a fim de elegerem o jury commercial que ha de funccionar durante o anno de 1894.

Está felizmente melhor o sr. dr. Antonio da Silva Pontes, sympathico medico nesta cidade.

Ha dias ao ser chamado para ir ver um socio da Associação dos Artistas, de que é zeloso clinico, descendo a rua do Cego, escorregou, e com tanta infelicidade que da queda resultou a fractura de um braço.

Os nossos desejos é que rapidamente volte a prestar aos enfermos os seus valiosos serviços.

Os srs. José Fernandes Ferreira, José Martins de Araujo e Antonio Gomes, partiram para Lisboa, a assistir á grande reunião do commercio, para protestar contra as alterações na contribuição industrial, e outros assumptos.

A reunião effectuou-se hontem e os mencionados commerciantes d'esta cidade representaram a Associação Commercial de Coimbra.

Presos, e enviados para juizo, os menores Augusto Simões e Joaquim Augusto da Silva, ambos moradores em Montarroio, por suspeitas de haverem furtado uma carteira com dinheiro que andavam gastando.

No acto da prisão foi-lhes apprehendida a carteira com a quantia de $220, affirmando que a tinham achado, tendo dentro 5$300 réis.

Sendo interrogados confessou o Augusto que a furtára, no dia 23, no largo 8 de maio, do bolso, d'um individuo que não conhece.

Suspeita-se que a carteira pertencia a José Alves Coelho, residente em Cavalleiros, freguezia de Barcouço, concelho da Mealhada, por este se queixar do furto d'uma carteira com 9$000 réis, declarando na sua queixa, ter-lhe sido furtada no largo 8 de maio, no referido dia 23, na occasião em que estava distraido, com mais povo, a ouvir um individuo que estava vendendo productos chimicos.

Falleceu nesta cidade o velho militar, sr. Francisco d'Almeida, destemido luctador nos batalhões liberaes, fazendo parte da companhia de granadeiros e do regimento de infanteria 18.

Como todos os sinceros que luctaram por este liberalismo ficticio que nos tem arruinado e envergonhado aos olhos de toda a gente, o sr. Almeida nunca recebera subsidio do Estado, e se não tem a felicidade de arranjar, pelo seu trabalho, algumas economias que o ampararam na velhice, morreria como todos os seus companheiros, esquecidos e desprezados pelos governos, que cá abrem os cofres publicos para premiar galopins e manter a alluvião de nullidades que estão devorando os redditos do Estado.

O funeral do sr. Francisco d'Almeida foi concorrido. Uma pequena força militar prestou-lhe as devidas honras no cemiterio.

Não se esquece o illustre prelado conimbricense dos que vivem na miseria, e, em commemoração ao nascimento de Christo, fez distribuir pelos mais necessitados pobres das freguezias da cidade 48 cobertores.

Actos d'estes dispensam palavras de louvor, apenas se registam.

Corre que o professorado da Universidade reelegerá par do reino o sr. dr. Bernardino Machado, nas proximas eleições.

Tambem se pensa em eleger o sr. dr. Bernardo de Serra Mirabeau, caracter austero, respeitado e querido em Coimbra, que o conhece pela dedicação com que administra os hospitaes da Universidade, onde a indigencia encontra protector disvellado.

E' no domingo que se realisa no Gremio Operario a festa familiar que promovem os seus corpos gerentes, e que promette ser animada e alegre.

Ha baile, para o que se convidaram muitas familias.

Tudo isto promette uma esplendida noite, passada num bello convivio, onde haverá carinhas de damas galantes a ferirem-nos com os seus olhares voluptuosamente faiscantes.

*

A nova gerencia do Gremio Operario escolhida nas ultimas eleições ficou composta dos senhores:

J. dos Santos Marques, *presidente*.

Joaquim Antunes de Oliveira Coimbra, *vice-presidente*.

Adolpho Ferreira, *1.º secretario*.

José A. dos Santos, *2.º secretario*.

José Victorino Fernandes Collaço, *thesoureiro*.

Joaquim Saraiva, João Mathias dos Santos Ferreira, Henrique Cesar de Lima, Miguel Alvarez, José Bastos dos Santos, Carlos Ferreira, *directores*.

Hoje ás 7 horas da manhã houve toques d'apito, gritos de fogo, a balburdia costumada quando as torres dão signal de incendio.

O caso foi ter-se incendiado uma barraca de madeira coberta de palha que existia á estrada do Almegue, no meio de um laranjal, onde habitava um trabalhador e estavam guardadas as ferramentas do serviço do campo.

O sinistro foi devido ao homem ter accendido uma fogueira para se aquecer e ter-se communicado á barraca.

Compareceu todo o material de incendio, sendo para louvar todas as corporações pela promptidão com que se apresentaram.

No cemiterio da Conchada enterraram-se na semana finda os seguintes cadaveres:

Thereza, filha de Francisco Antonio da Silva e Joaquina da Conceição, de Coimbra, de 11 mezes. Falleceu de meningite, no dia 11.

Rosaria Maria, filha de José de Mattos Coelho e Rosaria Maria, de Serpins, de 66 annos. Falleceu de lesão valvular cardiaca, no dia 12.

D. Anna Augusta de Campos Paredes, filha do dr. Antonio Joaquim de Campos e D. Josepha Dometilia Vianna, de Coimbra, de 87 annos. Falleceu de lesão valvular do coração, no dia 13.

Annibal Augusto Pereira, filho de pae incognito e Maria da Luz, de Coimbra, de 51 annos. Falleceu de pneumonia, no dia 17.

D. Euphemia Maria d'Oliveira, filha de paes incognitos, de Coimbra, de 88 annos. Falleceu de congestão cerebral, no dia 17.

Recemnascido, filho de Antonio Alexandre e Maria Rosa, de Santa Clara, de 2 horas. Falleceu de debilidade congenita, no dia 17.

Bento, filho de Adriano Cerveira Nunes e Maria da Conceição, de Coimbra, de 6 dias. Falleceu de debilidade congenita, no dia 22.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio — 17:176.

Cartas de Coimbra

Sr. redactor. — Com a epigraphe *Tolices* li no jornal a *Gazeta Nacional* de 23 do corrente, que a humanidade foi sempre tola, e a pro-

posito, confessa o illustre articulista uma das suas tolices, que foi a seguinte:

Diz o articulista, o sr. P..., que ainda no ultimo domingo 17, esteve ao Caes das Ameias a ouvir o Alves, ao sol, com os mesmos pratos de resistencia—Cavallaria Rusticana, Huguenotes, Africana, entremeados d'uns *pirolitos* de revista de saude, e com este *menu* musical se apresenta o Alves, ha annos, todos os domingos, se o tempo o permitte, etc., etc.

Ora o programma executado n'aquelle dia foi: *Hymno da Carta, Symphonia do Guilherme Tell, Pot-pourri do Propheta, Pot-pourri do Ruy-Blas, Grande Pot-pourri do Roberto do Diabo*, duas *Polkas*, e, para final, o *Hymno da Carta*, composições estas que fazem parte d'um grupo que pela primeira vez tenho ensaiado e apresentado successivamente desde Setembro, mez este em que me apresentei ao serviço depois de ter estado com dois mezes de licença, concedidos pela junta militar de saude; por tanto, as peças a que o o sr. P... allude não as tem ouvido ha já um bom par de mezes. E para que o sr. P..., de futuro não continue a commetter *tolices* d'esta ordem, o que naturalmente succede sempre que nos mettemos a fallar de coisas de que nada percebemos, seria bom que, quando s. ex.ª não conhecesse qualquer composição, perguntasse, a quem lhe pudesse responder, qual o titulo que tinha, porque, de contrario, o numero das *tolices* não terá limites.

Com aquelle artigo o sr. P... nem foi verdadeiro nem conseguiu ter graça, não querendo dizer com isto que s. ex.ª tenha obrigação de saber differençar o *Roberto do Diabo* da *Cavallaria Rusticana*, mas pelo menos deveria ter o criterio sufficiente para não abrir tantas vezes a bocca.

Agora, se o illustre articulista, em lugar das suas *tolices*, me fizesse a fineza de estudar melhor a causa de algumas faltas que, na qualidade de mestre de musica militar, me vejo obrigado a commetter, como é, por exemplo, a nenhuma irterferencia na escolha dos musicos; a maneira porque são preenchidas as vacaturas; a falta de muitas partituras que necessariamente deve existir, por isso que o vencimento do mestre de musica (940 réis diarios) mal chega para fazer face ás despezas quotidianas, quanto mais para estar a comprar musicas e papel para copias, porque é perciso que s. ex.ª saiba tambem que apezar de se abonarem expedientes a todos os chefes de repartições, de regimentos, de companhias, etc., etc., aos mestres de musica nem expediente, nem musicas, nem mesmo o papel para as copias lhes dão, e alem d'isto ficam ainda depois todas as musicas que se tocarem pertencendo de facto e de direito ao archivo do regimento!... Em vista d'isto, se a estes e a outros assumptos semelhantes s. ex.ª dedicasse algumas linhas, seriam não só uteis, mas tambem muitissimo apreciadas, ficando o signatario sempre prompto a fornecer os esclarecimentos que para tal fim s. ex.ª deseje.

Vou terminar pedindo ao sr. redactor o especial obsequio da publicação d'estas linhas, confessando-me desde já muitissimo grato, e assignando-me com toda a consideração,

De v., etc.,

Coimbra, 27-12-93.

Antonio José Ribeiro Alves.

Mestre da musica d'infanteria 23.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite regula em Coimbra entre 2$400 e 2$500 réis, o decalitro.

*

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 305—Dito amarello, 310—Trigo de Celorico, graudo, 560—Dito tremez, 520—Feijão vermelho, 450—Dito branco, 375—Dito rajado, 330—Dito frade 345—Centeio, 400—Cevada, 280—Grão de bico, graudo, 680—Dito meudo, 650—Favas, 370—Tremoços, 300.

*

O agio das libras a 1$360 réis; ouro portuguez, 27 por cento, prata grossa a 1/2 por cento.

Camara Municipal de Coimbra

Sessão ordinaria

30 de novembro

Presidencia do bacharel João Maria Correia Ayres de Campos.

Vereadores presentes: Bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Bento de Quadros, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos, e José Correia dos Santos, substituto.

Vendo-se presentes trez dos quarenta maiores contribuintes, convidados para emittir hoje o seu parecer ácerca do orçomento supplementar ao ordinario do corrente anno, resolveu a camara fazer, segundo a lei, nova convocação para o dia 13 do corrente.

Arrendou em praça, pelo futuro anno, o forno da cal na quinta de Santa Cruz, a casa do alambique na mesma quinta e o casal do Penedo da Saudade, pertencente ao municipio.

Vendeu em praça o lote, D, de terreno no largo de D. Luiz, na quinta de Santa Cruz, resolvendo então não permittir que se dividam em duas as fachadas dos lotes de terreno no referido largo.

Vendeu tambem em praça a madeira de salgueiro das estradas municipaes, no aterro d'Arzilla, Fornos a Souzellas, Gorgotão na estrada d'Eiras e Ponte de Villela.

Feita a apresentação de seis requerimentos, que ficaram sobre a mesa (devidamente documentados), de outros tantos concorrentes aos partidos medicos com séde em Eiras, S. João do Campo, e Taveiro, viu-se serem trez para o primeiro dos partidos, de Alfredo Freitas, Francisco Maria da Cunha Junior e Herminio Soares Machado; das para o segundo, do Antonio Augusto Cortezão e Manoel dos Santos Carvalho Junior e um para o terceiro de Jacintho de Feitas Moura.

Mandou annunciar que vende em praça 240,$00 de terreno, junto á estrada do Almegue, á Guarda Ingleza, comprehendendo 165,$5 do muro que o separa do cerco das Freiras de Santa Clara.

Annullou parte da quota do imposto directo, lançando neste concelho a um funccionario publico, que deixou de exercer aqui as suas funcções no segundo semestre do corrente anno.

Attestou favoravelmente á cerca da concessão de subsidios de lactação a menores.

Resolveu dar o nome de Lourenço d'Almeida Azevedo, á rua n.º 8 da quinta de Santa Cruz, entre o largo de D. Luiz e a estrada de Cellas.

Mandou collocar na thezouraria uma caixa forte para depositar de momento quaesquer quantia que não deem entrada de prompto no cofre do municipio.

Em additamento a deliberações anteriores, resolveu permittir que o thesoureiro do municipio abra a thesouraria ás 9 horas da manhã durante o inverno e ás 7 de verão.

Resolveu mandar fazer orçamento da despeza com a conclusão da rua n.º 8 quinta de Santa Cruz, segundo a deliberações de 16 de novembro, e as condições para a condusão d'estes trabalhos e da construcção de valetas e canalisação de esgotos na parte da mesma rua já aterrada.

Resolveu pedir ao director das obras publicas do districto para não consentir que se faça deposito de entulhos na rua do Muzen, provenientes das obras no edificio do antigo hospital; e que o despejo d'elles se faça das janellas sem o resguardo recommendado pelas posturas do municipio.

Mandou annunciar a venda d'algumas amieiras da estrada municipal de Coimbra a Montemór-o-Velho, entre Taveiro e Villa Pouca.

Mandou orçar a despeza a fazer com a abertura de um poço no logar dos Fornos para abastecer a pavoação d'agua potavel.

Encarregou o vereador Cunha da escolha de casa para habitação do professor de Trouxemil.

Auctorisou a administração dos hospitaes da Universidade ao assentamento de manilhas no muro do quintal do hospital de S. Lazero, para o esgoto d'aguas do mesmo quintal.

Resolveu annunciar que se recebem propostas em carta fechada até 28 do corrente para a publicação em um jornal d'esta cidade de todos os annuncios da camara durante o futuro anno, iendo por base 20 réis por linha do carpo 10, contando as linhas quebradas.

Resolveu pagar ao conductor Monteiro de Figueiredo a quantia de 60$000 réis, como ajuda de custo para forragens de cavalgadura.

Despachou requerimentos, auctorisando a abertura de um portão no muro de uma propriedade que confina com o caminho de Montes Claros; determinando o alinhamento para a vedação de um predio na Bemcanta, sem occupação de terreno publico; auctorisando a collocação de taboletas em estabelecimentos particulares; o pagamento do landenico devido pela compra de uma casa em Souzellas, foreira ao municipio.

Indeferiu o pedido de annulação do imposto directo lançado sobre o vencimento de um empregado ao serviço da direcção das obras publicas; negou licença para a abertura de um agueiro no muro de um predio no caminho de S. Marcos, e propoz os industriaes precisos para a escolha de vogaes da junta fiscal de matrizes e da junta de repartidores da contribnição industrial.

Mercados e feiras

Montemór-o-Velho — mercado quinzenal, ás quartas feiras e annual no dia 8 de setembro.

Cantanhede — todos os dias 20 de cada mez.

Mealhada — no ultimo domingo do mez.

Moita — mercado mensal nos dias 25.

Miranda — todas as quartas feiras.

Louzã — todos os domingos, havendo feira annual de S. João, em 23 e 24 de junho.

Poiares — todas as segundas feiras e a feira do mez, na 2.ª segunda feira.

Ançã — no primeiro domingo do mez

Trouxemil — (feira das Neves) dia 5 de cada mez.

Soure — todos os domingos e feira annual de S. Matheus, em 20 e 21 de setembro.

Sahida e chegada das deligencias

Figueira da Foz — Partida ás 5 e meia da manhã; chegada ás 7 e meia da tarde.

Escriptorio rua da Sophia casa do sr. Seraphim Gomes Abreu Lima.

Louzã — Partida ás 5 horas da manhã e 3 e meia da tarde; Chegada, ás 9 horas da manhã e 7 e meia da tarde.

Escriptorio rua Ferreira Borges casa de Alvaro Esteves Castanheira.

Góes — Partida ás 5 e meia da manhã; Chegada ás 7 e meia da tarde.

Escriptorio largo Principe D. Carlos (Portagem) em casa de Augusto Rodrigues Palhinha.

Miranda do Corvo — Partida ás 3 horas da tarde; chegada ás 9 horas da manhã.

Espinhal — Partida, 5 e meia; Chegada 7 e meia.

Escriptorio rua Ferreira Borges casa do sr. Ernesto Lopes de Moraes.

Avó, Arganil e Chamusca por Vendas de Gallizes — Partida ás quartas sextas e domingos para Arganil e Avó e terças quintas e sabbados para Vendas de Gallizas e Chamusca, depois da chegada do comboio de Lisboa.

Escriptorio rua das Sollas casa do sr. José Leonardo Ferreira.

Penacova — Partida ás 5 e meia da manhã; Chegada 9 horas da manhã e 7 horas da tarde.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

AVISO

ASSEMBLÊA GERAL

Por ordem do ex.mo sr. presidente é convocada a Assembléa Geral a reunir em sessão extraordinaria no dia 31 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na casa da Associação dos Artistas; e quando não possa funccionar por falta de maioria, ficara transferida para o dia 1 de janeiro á mesma hora e no local indicado.

Ordem dos trabalhos: — Nomear uma commissão administradora visto que a digna Direcção não se conformando com a resolução tomada na ultima assemblêa, pediu a sua demissão.

Coimbra, 27 de dezembro de 1893.

O secretario da assemblêa geral,

Francisco Simões da Silva.

AGRADECIMENTO

Augusto José Gonçalves Fino e familia, tributam por este meio o seu profundo e sincero reconhecimento e a maior das gratidões ás pessoas de suas relações e intima amizade, que lhes dispensaram attenções e obsequios por occasião do desastre acontecido a sua filha Julieta, no dia 1 do corrente, de que já se acha restabelecida; não esquecendo a imprensa periodica, da qual egualmente receberam inequivocas provas de verdadeira estima e consideração.

A todos protestam sua dedicação, respeito e sympathia.

Coimbra, 23 de Dezembro de 1893.

Augusto José Gonçalves Fino.

---

19 Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

V

Ciceron e Ciceruacchio

—Não percamos um instante; eu tinha previsto o golpe... Aqui estão dois trajos de penitente, dos meus creados; vista um e acompanhe-me.

—Vamos para algum baile com estes dominós?

—Vamos.

—Mas o meu é negro, Clelia.

—E' o mesmo, á noite todos os penitentes são pardos.

Pouco mais ou menos á mesma hora recebia Debora este bilhete de Memma:

«*Querida Debora,*

Meu marido está neste momento em Civitta-Vecchia; uma fragata hollandeza ancorou neste porto, e elle partiu a toda a pressa para a ver. São as unicas infidelidades de meu marido; não me deixa senão para passar a noite com fragatas. Esta infidelidade veiu a proposito.

«Meu irmão Santa-Scala, que não tem segredos para mim, disse-me que os patriotas deviam commetter uma grave imprudencia esta noite; tremo por... Virgilio e por teu irmão. Tu, Debora, a mulher dedicada por excellencia, já me comprehendeste... Espera-me... Tenho dois creados de confiança. Os nossos costumes estão promptos. Adeus.

Memma.»

D'este modo, nesta noite memoravel, homens e mulheres, gente do povo e da nobreza, todos com idêas contrarias, com um fim differente, marchavam, com o auxilio da noite, para o centro augusto do universo antigo, o Forum.

O templo da Concordia é uma das mais commovedoras e mais bellas ruinas de Roma; nada eguala a graça das suas columnas que o tempo respeitou, e que justificam tão bem, pela harmonia suave dos seus contornos, o titulo sagrado do monumento.

Foi neste templo que Cicero convocou os senadores romanos quando a conjuração de Catilina ameaçava Roma; foi atravez das columnas d'este peristylo que o immortal orador mostrava, em frente, a prisão Mamertina e o templo de Jupiter Stator, chamando sobre os conspirados a vingança dos deuses immortaes.

Por detraz do templo da Concordia amontoam-se as ruinas, e o solo, eriçado de plantas e d'arbustos selvaticos, offerecem um asylo seguro a qualquer reunião secreta.

Era ahi que se dirigiam, protegidos pela solidão e pelas trevas, os mais ardentes e mais generosos dos filhos de Roma, convocados por Ciceruacchio. Em volta, os objectos cobriam-se de tintas confusas debaixo do ceu brumuso d'uma noite d'outomno. As ruinas do Palatino confundiam-se num cahos sombrio; a columna de Phocacio parecia uma sentinella perdida; largos pontos negros faziam adivinhar os arcos de Septimo-Severo e de Tito; e, ao longe, o Colyseu, sem nenhum dos caracteres dos edificios conhecidos, parecia um immenso respiradoiro do inferno.

O Carbonaretto, accompanhado por dois hercules, conservava-se, de pé e armado, sobre a vereda que leva á egreja de S. Theodoro, no amontoado de ruinas atraz do templo da Concordia, e a todos os que se apresentavam perguntava o *santo* e a *senha;* todos respondiam *Amor* e *Roma*, e a arma das sentinellas abaixava-se deante d'elles. Um homem de elevada estatura e de caminhar altivo, revestido do costume adoptado para aquelle caso, e com o rosto velado pelo *capuccio*, apresentou-se a Carbonaretto, e desculpou-se de não conhecer a palavra de *passe*, dizendo:

—Sou um vosso amigo dedicado, e quando quero visitar os meus irmãos e protegel-os, chamo-me... sou o cardeal Santa-Scala.

A este nome, o Carbonaretto inclinou-se e deixou-o passar.

O barbeiro Caracalla, depois de muitas voltas, chegou ao posto avançado, e disse ao Carbonaretto:

—Bem! aqui estou: *Amor* e *Roma!* Não esqueci estas tres palavras... E o meu logar, vamos, o meu logar!... Fallemos um pouco do negocio...

—O teu logar, disse o Carbonaretto, empurrando-o, está acolá em baixo naquelle nicho; e... mudo que nem uma estatua!

Caracalla quiz insistir, mas o severo guarda fechou-lhe a bocca com um gesto ameaçador.

Gedeão Constantini chegou em seguida com duas pessoas, disse *Amor* e *Roma*, e accrescentou:

—Estes vem commigo.

Eram Debora e Memma que seguiam Gedeão.

—Somos muitos? perguntou Gedeão.

—Sim, disse o Carbonaretto; o povo e a nobreza estão representados o mais dignamento. Chegou ha pouco o cardeal Santa-Scala.

Memma estremeceu e disse muito baixo a Debora:

—Meu irmão aqui! isto espanta-me... tinha á meia noite uma entrevista em casa do cardeal Micara.

—Memma, disse Debora, isto parece uma traição... não ha senão um homem capaz de tanta audacia!

Emquanto ellas assim fallavam, o Carbonaretto, vigilante sempre, tinha retido Gedeão pelo braço, e, mostrando-lhe um ponto movel nas trevas, sobre as ruinas, dizia:

—Gedeão, deixou atraz de si alguma coisa de suspeito? Alem está uma sombra que o seguiu; e eu desconfio muito das sombras quando não ha sol...

—Com certeza que não é nenhum dos nossos, disse Gedeão com o olhar fito no ponto indicado. A esta hora e em tal logar, toda a sombra é um espião.

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria n.º 14, proximo á rua dos Sapateiros, — COIMBRA.

ANNUNCIOS

Por linha ..... 30 réis
Repetições ..... 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

Eleição do jury commercial

197 O ABAIXO assignado avisa os srs. commerciantes d'esta praça de que devem comparecer no Tribunal de Justiça d'esta cidade, no dia 31 do corrente, por 11 horas da manhã, afim de ser eleito o jury commercial que tem de funccionar durante o proximo anno de 1894.

Coimbra, 25 de dezembro de 1893.

O escrivão do Tribunal do Commercio, — *José Lourenço da Costa.*

CHARRETTE

179 **Vende-se** uma elegante *charrette*, assim como um cavallo que dá boa cavallaria. Modicidade nos preços. Pereira Serrano, Terreiro da Erva n.º 28. Coimbra.

PRESENTES DO NATAL

196 A **mercearia** de José Tavares da Costa, Successor, acaba de receber o fino queijo flamengo, grande quantidade de differentes bolachas nacionaes e estrangeiras, licôres, salames, chocolates, conservas, passas d'Alicante, ameixas d'Elvas, e muitos outros artigos proprios do estabelecimento.

×

Recebeu por outro contrato especial com um dos melhores proprietarios do Alto Douro, caixas com 6 e 12 garrafas de excellente e puro vinho fino proprios para presentes de festa que se vendem a preços excessivamente baratos. Tambem terá vinhos da Companhia Vinicola.

Champagne nacional

No mesmo estabelecimento ha deposito do melhor champagne nacional de V. de Cocq & Fils, que tem obtido premio nas differentes exposições a que tem concorrido e que não tem competidor em preços e qualidade.

Rua Ferreira Borges, 176 — Largo do Principe D. Carlos, 2 a 8—Coimbra.

AOS ESTUDANTES

165 Antonio Mendes Corrêa acaba de arrendar uma casa no Terreiro da Pella, n.º 7, onde recebe estudantes, garantindo-lhe as melhores commodidades.

COMPANHIA DE SEGUROS «FIDELIDADE»

FUNDADA EM 1835

Capital rs. 1.344:000$000

79 **Esta companhia**, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobilias e estabelecimento.

Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 86, ou na rua das Figueirinhas, n.º 45.

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento-Mór — 24

192 **Continua** a concertar e cobrir de nóvo, guarda-soes, de boa seda portugueza, pelos preços já annunciados. Tambem tem paninhos e bons setins, para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento compram-se guarda-soes usados.

Casa instaladora de canalisações

GERENTE

José Marques Ladeira

Antigo empregado da Companhia Conimbricense de Illuminação a Gaz

189 **Neste** estabelecimento encontram-se á venda todos os materiaes proprios para canalisações de gaz e agua, taes como: lustres, braços de bronze e christal, globos, tubos de chumbo, ferro e borracha e torneiras de todas as qualidades.

Preços especiaes em torneiras e tubos de chumbo para agua; podendo as canalisações ser pagas a prestações.

9—RUA DE QUEBRA COSTAS—9

COIMBRA

Caixeiro com pratica de mercearia

193 **Precisa-se** d'um no estabelecimento de mercearia de Joaquim Gonçalves Rama, praça 8 de Maio, 42 a 44. Dá-se bom ordenado.

Pichelaria conimbricense

DE

HENRIQUE CESAR DE LIMA

DO PORTO

15 — ADRO DE CIMA — 16

186 **Toma-se** conta de todo o serviço de canalisações d'agua e bem assim de assentamento de bombas de todo o systema, em Coimbra ou em qualquer outra localidade.

Fornecem-se e assentam-se: depositos automaticos para retretes e ourinoes, apparelhos e accessorios para ventilação, apparelhos para aquecer agua pelo systema de circulação applicavel a qualquer fogão de cozinha, caldeiras para aquecer agua para banhos, torneiras e valvulas para toneis de vinho, filtros de repressão etc.

O annunciante é quem executa todos estes trabalhos, e para attestar a sua proficiencia neste genero faz publico que tem longa pratica nas conhecidas casas do Porto — J. Minchon, Herbet Cassels e Francisco da Cunha — alem de ter sido, durante tres annos, o encarregado do serviço de canalisações d'e-te municipio.

OFFICINA DE VIOLEIRO

DE

ADRIANO DOS SANTOS

13 — Rua Martins de Carvalho — 13

171 **Continuam** a executar-se nesta officina, com muita perfeição e modicidade de preços todos os trabalhos concernentes a arte de violeiro.

Foi ultimamente manufacturado nesta officina um rabecão (o primeiro que se fez nesta cidade) e que póde ser visto em casa do seu possuidor, sr. Jorge da Silveira Moraes, na mesma rua.

LECCIONISTA

174 **Ernesto Boucachard'fils** ex-ajudante do distincto professor de francez Mr. Charles Pons, Lisboa, offerece os seus serviços nesta cidade. Prontifica-se a ensinar EM 6 MEZES: Conversação, escripta, leitura e traducção do idioma, em casa dos alumnos. Preços e hora convencionaes.

Para informações, Casa Leão d'Ouro, rua Ferreira Borges. Coimbra.

194 A mais elegante e variada collecção de livros de *missa*, se encontram á venda na officina de encadernação de Alberto Vianna.

Sé Velha — COIMBRA

MACHINA DE COSTURA

190 **Vende-se** uma excellente machina de costura, com pouco uso, systema *Memoria* podendo servir para alfaiate, sapateiro ou commercio.

Preço baratissimo.

Para tratar nesta redacção se diz.

DEPOSITO DE VINHOS FINOS E DE MESA

Da casa de Lelo, Filho & Costa, do Porto

Á VENDA NA MERCEARIA AVENIDA

DE

ANTONIO JOSE D'ABREU

47, Largo do Principe D. Carlos, 53 — COIMBRA

	Vinho de mesa			N.º 13	Fino	gar.	740
N.º 1	Clarete	gar.	120	» 14	» 1847	»	840
» 2	Branco	»	140	» 15	» 1834	»	1040
	Finos seccos				**Adamados**		
» 3	Fino	»	180	» 16	» Bast.º n.º 1	»	440
» 4	»	»	200	» 17	» » » 2	»	280
» 5	»	»	240	» 18	» Mos.tel » 1	»	440
» 6	»	»	280	» 19	» » » 2	»	340
» 7	» 1870	»	340	» 20	» Lag.ma » 1	»	440
» 8	» M.	»	400	» 21	» » » 2	»	280
» 9	» 1868	»	440	» 22	» Malv.a » 1	»	440
» 10	» 1863 frade	»	540	» 23	» » » 2	»	280
» 11	» Duque	»	640	» 24	» » V	»	240
» 12	» 1858	»	690	» 25	» » S	»	200

Collares, Bucellas, Madeira, Gerez, Champagne, e um completo sortido em bebidas alcoolicas e licores, tanto nacionaes como estrangeiros.

Grande sortido de generos alimenticios e conservas.

Especialidade em artigos de mercearia, que tudo vende por preços muito resumidos.

Vinho verde de Basto e maduro, o melhor que ha

MERCEARIA AVENIDA

47, Largo do Principe D. Carlos 53, — COIMBRA

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31, 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. B.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

DEPOSITO DA FABRICA NACIONAL

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128, Rua de Ferreira Borges, 130

3 NESTE Deposito regularmente montado, se acha á venda, por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

COMPANHIA DE SEGUROS «PROBIDADE»

Companhia geral de seguros

Capital 2.000:000$000 réis

Agencia em Coimbra—Rua Ferreira Borges, 97, 1.º

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA)

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

VENDA DE CASAS

199 **Para** formal de partilhas pelo fallecimento de Lucinda Rosa do Espirito Santo, vendem-se em praça publica se o preço convier, os seguintes predios:

Na rua Direita, uma casa de trez andares com forno e pertences de padaria com o n.º de policia, 82, outro de quatro andares com os n.os de policia, 84, 86 e 88; na rua Nova, duas casas, uma de quatro andares e outra de trez, com o n.º de policia 46, e no Arco do Ivo uma casa que serve de arrecadação de lenha.

A praça effectuar-se ha no dia 14 de janeiro, pelas 11 horas da manhã, na rua Direita n.º 82.

CADELLA

198 **Achou-se** uma de coelhos, que se entrega a quem der os signaes certos.

Rua do V. da Luz, n.º 31

ANTIGA MERCEARIA

DE

Marques Manso, sobrinho

1 — RUA DO CEGO, — 7

COIMBRA

190 Esta casa montada nas melhores condicções de aceio, apresenta aos seus ex.mos freguezes o que melhor ha em generos de mercearia.

Assucares finissimos refinados com o maior esmero.

Chá verde e preto de finissimas qualidades.

Café torrado e moido da melhor qualidade de Cabo Verde.

Chocolate hespanhol de Mathias Lopes, francez e suisso.

Completa novidade em bolachas nacionaes e estrangeiras.

Especialidade em salchichas feitas espressamente para esta casa

Unico deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola, engarrafados e ao torno — *unica casa que trata directamente com a companhia.*

Tabacos das marcas mais finas, nacionaes e estrangeiras.

Completo sortido de ladrilhos em moisaico de desenhos elegantissimos, etc., etc.

Esta casa encarrega-se de mandar a casa dos seus ex.mos freguezes todos os generos comprados no seu estabelecimento.

PASTEIS DE TENTUGAL

Todos os domigos chegam remessas dos genenuinos e formosos pasteis de Tentugal, vindos directamente, os quaes se vendem a 600 réis cada duzia. Tomam-se durante a semana encommendas e satisfazem-se com toda a orgencia.

E' ir ao

CAFÉ OPERARIO

24, Rua da Sophia, 24

COIMBRA

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção e administração

RUA DE FERREIRA BORGES, 83, 1.º

EDITOR

Antonio Augusto dos Santos

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		*Sem estampilha*	
Anno.....	2$700	Anno.....	2$400
Semestre....	1$350	Semestre...	1$200
Trimestre...	680	Trimestre...	600